

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTADO E SOCIEDADE  
LUCAS SOUSA CARVALHO**

**A BAHIA QUE ROBERTO ALBERGARIA LEU:  
uma biografia da sua biblioteca pessoal**

**PORTO SEGURO  
2022**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTADO E SOCIEDADE  
LUCAS SOUSA CARVALHO**

**A BAHIA QUE ROBERTO ALBERGARIA LEU:  
uma biografia da sua biblioteca pessoal**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade da Universidade Federal do Sul da Bahia como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Estado e Sociedade.

Orientador: Pablo Antunha Barbosa

**PORTO SEGURO  
2022**

**Catálogo na Publicação (CIP)**  
**Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)**  
**Sistema de Bibliotecas (SIBI)**

C331b Carvalho, Lucas Sousa, 1984 -  
A Bahia que Roberto Albergaria leu: uma biografia da sua biblioteca pessoal. / Lucas Sousa Carvalho. – Porto Seguro, 2022.  
129 f.

Orientador: Prof. Dr. Pablo Antunha Barbosa  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Sul da Bahia.  
Centro de Formação em Ciências Humanas e Sociais. Programa de  
Pós-Graduação em Estado e Sociedade. Campus Sosígenes Costa.

1. Oliveira, Roberto Albergaria de, 1950-2015. 2. Biblioteca pessoal. 3. Biografia das Coisas. 4. Antropologia Urbana. 5. Coleções Especiais. I. Barbosa, Pablo Antunha. II. Título.

CDD – 027.18142

### Ata de Defesa Pública de Mestrado

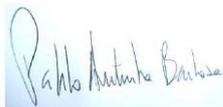
Aos 25 dias do mês de agosto do ano de 2022, às 14h30, via webconferência através da sala virtual com link de transmissão [meet.google.com/gts-qumm-ifx](https://meet.google.com/gts-qumm-ifx), reuniram-se as/os membras/os da banca examinadora composta pelas/os docentes Dr./a. Pablo Antunha Barbosa (presidente da banca), Dr./a. Francisco Eduardo Torres Cancela (membro/a interno/a), Dr./a. Ivana Aparecida Borges Lins (membro/a externo/a), Dr./a. Carlos Alberto Caroso Soares (membro/a externo/a), a fim de argüirem o/a mestrando/a Lucas Sousa Carvalho na defesa de sua dissertação, cujo trabalho de pesquisa intitula-se “A Bahia que Albergaria leu: uma biografia da sua biblioteca”. Aberta a sessão pelo/a presidente da banca, coube ao/à candidato/a, na forma regimental, expor o tema de sua dissertação, dentro do tempo regulamentar, sendo em seguida questionado/a pelos/as membros/as da banca examinadora, tendo dado as explicações que foram necessárias.

As/Os membras/os da banca consideraram a dissertação:

- ( **X** ) Aprovada  
( ) Aprovada com modificações  
( ) Não aprovada, devendo ser realizada nova defesa no prazo de \_\_\_\_ meses.

**Recomendações da Banca:** a banca destaca a excelência do trabalho

#### Banca Examinadora:



Prof./a. Dr./a Pablo Antunha Barbosa  
(PPGES) Presidente da banca



Prof./a. Dr./a. Francisco Eduardo Torres Cancela  
(UFSB/PPGES) Membro/a interno/a



Prof./a Dr./a Ivana Aparecida Borges Lins  
(Instituição) Membro/a externo/a



Prof./a. Dr./a. Carlos Alberto Caroso Soares  
(Instituição) Membro/a externo/a



Lucas Sousa Carvalho  
Candidato/a

Webconferência, 25 de agosto de 2022.

*À memória do meu pai,  
quanta saudade.*

## AGRADECIMENTOS

Ao longo da minha jornada que culmina neste ponto, encontrei muitas pessoas que de modos distintos, contribuíram para a construção deste trabalho. Todas elas, dignas dos meus mais sinceros agradecimentos.

Primero agradeço a Deus, que nos permite todas as coisas.

À minha amada esposa Sibelle, por todo o incentivo, amor e companhia ao longo dessa jornada. Também pela abnegação de tantos projetos pessoais em razão da concretização deste trabalho. Jamais serei merecedor do seu amor.

Aos meus filhos maravilhosos Miguel e Rafael, tantas vezes privados da presença paterna, mas que pacientemente aguardavam pelos nossos momentos juntos. Vocês são a razão das minhas conquistas. Amo vocês.

Ao meu saudoso pai, que tanto fez para que eu chegasse até aqui, mas que infelizmente não pôde assistir ao meu lado a concretização do seu sonho.

À minha mãe, sempre presente nas horas difíceis e de júbilo. O seu colo é sempre um bálsamo para todos os momentos.

Aos meus sogros pela constante torcida e apoio.

Aos meus irmãos, cunhados e sobrinhos com quem eu sempre posso contar.

Ao meu grande amigo Júlio César Chaves, o padrinho desta pesquisa, por todo o apoio e presença constante no desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus colegas da comunidade UFSB, colegas do PPGES, servidores, professores, pelo incentivo e torcida.

Aos meus queridos colegas da Biblioteca Campus Sosígenes Costa e do Sistema de Bibliotecas da UFSB, que por incontáveis vezes tomaram para si muitas das minhas tarefas, para que esta pesquisa pudesse ser concluída.

Aos meus amigos e colegas bibliotecários que deixei em minha amada Vitória da Conquista, mas que trago sempre em meu coração.

Ao professor Carlos Caroso e a Professora e Jornalista Cleidiana Ramos, presentes que Roberto Albergaria me trouxe, pessoas importantíssimas para este trabalho, que o enriqueceram com suas preciosas contribuições.

Ao sempre provocativo Roberto Albergaria de Oliveira, que mesmo de lá da *Universidade do Além*, de onde segue em seu perene *Pós-Doutorado em Pé-*

*Juntologia*, ainda segue movimentando a cena cultural e acadêmica no plano dos *mal-viventes*. Obrigado por todas as lições. Laroyê, Exú Albreguinha.

Por fim, ao meu orientador, o professor Pablo Antunha Barbosa, por ter aceitado embarcar comigo nessa viagem rumo ao desconhecido, sob sua orientação pude chegar aonde jamais imaginei ser possível.

“Minha biblioteca é minha própria visão do mundo do saber, minha biblioteca é uma extensão de mim mesmo, mais precisamente, uma extensão de meu cérebro, refletindo em sua estrutura a especificidade da minha personalidade cultural. Estudando minha biblioteca, como indicamos acima, vós, visitantes, podereis conhecer meu espírito, o que se trata de uma habilidade que todo intelectual sabe praticar quando olha de soslaio a biblioteca de outro membro do mesmo gueto intelectual a quem esteja visitando. Eis aí um processo clássico de espionagem na cidade dos intelectuais.”

(Abraham A. Moles)

## RESUMO

Bibliotecas pessoais costumam representar a extensão da memória e do pensamento de seu proprietário. Partindo desse pressuposto, esta dissertação procurou construir uma biografia da biblioteca de Roberto Albergaria de Oliveira (1950-2015), antropólogo, professor universitário e comunicador. Explorando o seu acervo bibliográfico, foi possível encontrar elementos que evidenciam o processo de construção do intelectual que nasce com sua biblioteca. Nesse contexto, a pesquisa tem por objetivo divulgar o trabalho e o acervo bibliográfico do Professor Albergaria bem como destacar a suas contribuições para a compreensão da Bahia tal como ele a concebeu, real e livre de estereótipos, bem como para a história da antropologia baiana, em especial para a antropologia urbana. Para isso, buscou-se no conceito de Biografema cunhado por Roland Barthes (1915-1980) pinçar pequenos fragmentos textuais do professor Albergaria, que nos ajudam a desvendar a sua trajetória biográfica, ao passo que, aparado no conceito de biografia social das coisas a partir de Igor Kopytoff (1930-2013), procurou-se destacar as relações que se estabelecem as biografias do professor e da sua biblioteca, para compor a sua trajetória intelectual. No desenvolvimento dessa pesquisa exploratória, as principais ferramentas utilizadas foram a pesquisa bibliográfica e documental dos acervos pessoais do professor Albergaria. À luz dos conceitos apresentados, a biblioteca pessoal de um indivíduo indica para a posteridade, as pistas para a reconstrução do seu passado, ainda que para ele, a sua biblioteca fosse um projeto de futuro intelectual.

**Palavras-chave:** Oliveira, Roberto Albergaria de, 1950-2015; Biblioteca Pessoal; Biografia das Coisas; Antropologia Urbana; Coleções Especiais.

## ABSTRACT

Personal libraries usually represent the extension of the memory and thought of their owner. Based on this assumption, this dissertation sought to build a biography of the library of Roberto Albergaria de Oliveira (1950-2015), anthropologist, college professor, and communicator. It finds in his bibliographical collection elements that evidence the process of construction of the intellectual that is born with his library. In this context, the research aims to disseminate the work and the bibliographical collection of Professor Albergaria and to highlight his contributions to the understanding of Bahia as he conceived it, real and free of stereotypes, as well as to the history of anthropology in Bahia, especially urban anthropology. To this end, the concept of *Biografema* coined by Roland Barthes (1915-1980), was used to emphasise small textual fragments of Professor Albergaria that help us unravel his biographical trajectory, while, based on the concept of the social biography of things by Igor Kopytoff (1930-2013), highlight the relationships established between the biographies of the professor and his library to compose his intellectual trajectory. In the development of this exploratory research, the main tools were bibliographic and documentary research in the personal collections of Professor Albergaria. In the light of the concepts presented, the personal library indicates to posterity clues for the reconstruction of its collector's past, even though, for him, his collection was a project for his intellectual future.

**Palavras-chave:** Oliveira, Roberto Albergaria de, 1950-2015; Private Library; Biography of Things; Urban Anthropology; Special Collections.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Roberto Albergaria de Oliveira na ocasião da sua prisão como terrorista	58
Figura 2 - Tentativa de reparo e identificação .....	65
Figura 3 - Rasura nas marcas de antigos proprietários.....	66
Figura 4 - Roberto Albergaria e as suas Padilhas.....	67
Figura 5 - As Padilhas de Roberto Albergaria continuam sendo cultuadas pela comunidade UFSB. ....	67
Figura 6 - Roberto Albergaria ou suas máscaras? .....	91
Figura 7- Albergaria e o seu arquivo pessoal.....	100
Figura 8 - Exemplos das pastas existentes em seu arquivo pessoal .....	101
Figura 9 - Vista interna das pastas e suas subcategorias .....	101
Figura 10 - Vista parcial da Coleção Especial Roberto Albergaria de Oliveira .....	119

## LISTA DE ABREVIATURAS

ANL - Ação Libertadora Nacional

DAE - Departamento de Antropologia e Etnologia

DEA - Diplôme D'études Approfondies

DOU - Diário Oficial da União

FACOM - Faculdade de Comunicação

FFCH - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

GGB - Grupo Gay da Bahia

LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais e demais variações

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PCBR - Partido Comunista Brasileiro Revolucionário

PPGA - Programa de Pós-Graduação em Antropologia

PPGES - Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade

UFBA - Universidade Federal da Bahia

UFSB - Universidade Federal do Sul da Bahia

USAID - United States Agency for International Development

USP - Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1 Sobre bibliotecas pessoais	18
1.2 Sobre biografemas	22
1.3 Sobre biografia das coisas	24
2. ROBERTO ALBERGARIA DE OLIVEIRA: sua infância e juventude.	27
2.1 O início da vida <i>estripulítica</i>	40
2.2 Como nascem as <i>bisbilhotecas</i> pessoais?	46
3. JOÃO: vida universitária e militância comunista.	51
3.1 <i>Quando o aprendiz de feiticeiro que [se] tornara encontrou o velho bruxo Cid Teixeira.</i>	59
3.2 A biblioteca <i>malassombrada</i>	62
4. MONSIEUR ALBERGARIÁ: seu exílio na França.	69
4.1 <i>Os intelectuais da gringolândia de antanho e os peritos modernizadores paulistas.</i>	78
4.2 <i>A libido sciendi lenhando a libido sentiendi?</i>	85
5. PROFESSOR ALBERGARIA: carreira docente e figura midiática.	89
5.1 <i>Ardilação de um peru de redação</i>	97
5.2 <i>Esculhambation made in Bahia</i>	104
6. NOTAS SOBRE O MANCO DA RIBEIRA: apontamentos sobre a sua doença.	110
6.1 Biblioteca pessoal, uma intenção que vive para além da vida	115
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS	123

## 1. INTRODUÇÃO

Ao tomar posse em outubro de 2017 como bibliotecário na Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB, me tornei o responsável técnico pela ainda embrionária biblioteca do campus Sosígenes Costa, localizada na cidade baiana de Porto Seguro. Logo em meu primeiro dia de trabalho, fui levado a uma das salas da biblioteca. Essa estava abarrotada de caixas empoeiradas, dispostas de maneira a desrespeitar quaisquer critérios técnicos de armazenamento desse tipo de material. Foi o meu primeiro encontro com aqueles quase cem volumes que guardavam o acervo bibliográfico e documental daquele, segundo me disseram, “um professor chamado Roberto Albergaria de Oliveira, que fizera parte do quadro docente da Universidade Federal da Bahia - UFBA, mas que havia falecido dois anos antes. Quando, na ocasião, por intermédio do professor Carlos Caroso”<sup>1</sup> a família do professor Albergaria doou a coleção à UFSB.

Caroso foi amigo do professor Albergaria desde a adolescência e naquela ocasião, membro do corpo docente da UFSB. Por essa razão, teve nesse episódio um papel fundamental nos rumos tomados por essa biblioteca, pois a sua proximidade com o falecido professor, o permitiu conhecer a relevância do acervo em questão, podendo assim, aconselhar ao então reitor da UFSB, Naomar de Almeida Filho, a aceitar a oferta de doação pela família do professor Albergaria, dada a relevância dessa biblioteca para o curso de Antropologia que estava em processo de implantação no campus Sosígenes Costa à época.

Alguns dias depois, ao conhecer o sr. Júlio Cesar Chaves, museólogo do campus, descobri que além dos acervos bibliográfico e documental, havia também na biblioteca um terceiro acervo tridimensional<sup>2</sup>. Esse era formado por pequenas coleções de objetos (Moedas antigas, brinquedos, quadros com ilustrações polêmicas ou irreverentes, imagens religiosas etc.) que o seu antigo proprietário costumava reunir em sua casa.

---

<sup>1</sup> Afirmação negada pelo professor Caroso em outra ocasião, quando me disse que toda a tramitação da doação da biblioteca do professor Albergaria, se deu entre o professor Naomar, então reitor da UFSB e o sr. Walter Francisco, irmão do professor Albergaria.

<sup>2</sup> Entende-se por documentação tridimensional aquela formada por objetos cuja funcionalidade de origem é, na sua maioria, alheia ao caráter probatório e referencial que assumem a posteriori. Cf. CAMARGO; GOULART, 2007, p. 106.

Desse acervo, merece destaque a coleção de Pombas Giras/Maria Padilhas, entidades que o professor Albergaria costumava dizer fazer parte do panteão do *Umbandomblé*<sup>3</sup>, uma mistura do Candomblé e da Umbanda, cujos frutos desse sincretismo se fazem cada vez mais presentes na cultura popular. De todos os seus objetos de coleção, certamente, as Pombas Giras/Maria Padilhas eram as que o professor Albergaria tinha especial predileção, mesmo afirmando não ser adepto de nenhuma religião. Ele mesmo se classificava quase sempre como herege<sup>4</sup>, mas valorizava o aspecto lúdico da iconografia dessas imagens. Segundo ele mesmo<sup>5</sup>, as Padilhas representam o lado feminino que se opõe aos moldes que lhes são impostos pela cultura machista e patriarcal da nossa sociedade, são ícones que representam a malícia, a sexualidade e a liberdade feminina em oposição a “camisa de força cultural” que quer imobilizar a mulher e confiná-la a um estereótipo de bondade, inocência e retidão moral.

Roberto Albergaria de Oliveira era baiano, graduou-se em História pela UFBA (1970-1974), após abandonar o curso de Direito (1969) na mesma universidade. Durante a sua juventude, foi membro ativo do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário - PCBR em Salvador, BA, movimento de luta armada contra a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985). Por conta do seu ativismo político é preso e torturado. Mais tarde, parte para o exílio na França, dando continuidade à sua trajetória acadêmica, onde conclui um DEA<sup>6</sup> em Antropologia, Etnologia e Ciências das Religiões (1975-1976)<sup>7</sup> e outro em Sociedade e História Americanas (1977-1978)<sup>8</sup>, além de um doutorado em Antropologia (1976-1981)<sup>9</sup>, sendo no primeiro DEA e no doutorado orientado por Michel de Certeau (1925-1986), uma influência em seu trabalho ao longo da sua carreira.

---

<sup>3</sup> SOTERÓPOLIS - Roberto Albergaria. **IRDEB**, Salvador, 12 de nov. de 2009. Disponível em: <<http://www.irdeb.ba.gov.br/component/mediaz/media/view/120>>. Acesso em: 30 de jun. 2021.

<sup>4</sup> Não se deixava chamar de ateu, dizia: *ateu não tem imaginação e eu tenho muita imaginação*. Como revela Cleidiana Ramos em entrevista ao museólogo Júlio Cesar Chaves no dia 13 de março de 2018.

<sup>5</sup> Ibidem

<sup>6</sup> Diplôme d'études approfondies.

<sup>7</sup> Université de Paris VII - Université Denis Diderot, U. P. VII, França. Título: Voyages au XIX ème. Orientador: Michel de Certeau.

<sup>8</sup> Université Paris I - Panthéon-Sorbonne, Sorbonne, França. Título: Historiographie brésilienne au XXème. Orientador: Frederic Mauro.

<sup>9</sup> Université de Paris VII - Université Denis Diderot, U. P. VII, França. Título: Braxilli, Bracir, Braziel, Bersill: considérations au sujet d'une anthropologie historique, préliminaires analytiques. Orientador: Michel de Certeau.

De volta ao Brasil, ingressa no magistério superior, responsável por ministrar inúmeras disciplinas, tais como: Teoria antropológica, História e Etnopsicologia, nas áreas de Educação, Psicologia e Antropologia. Como pesquisador concentrou seus estudos na Antropologia do Cotidiano, dedicando-se a temas como mídia, carnaval, sociabilidade, simbolismo e baianidade. Atuou por mais de duas décadas como membro docente do departamento de Antropologia e Etnologia da UFBA, onde também atuava na mesma universidade como professor dos cursos de pós-graduação em Educação, Ciências Sociais e Sociologia e Antropologia.

Paralelamente à sua carreira acadêmica, sua constante presença na imprensa local fez do professor Albergaria figura amplamente conhecida em toda a Região Metropolitana de Salvador, principalmente por sua atuação semanal nos programas da Rádio Metrôpole. Sua persona midiática, capaz de enriquecer qualquer debate com as suas análises sempre carregadas de um humor cáustico, também eram munidas de invejável sofisticação intelectual, no entanto, nunca deixando de traduzir o complexo e às vezes maçante discurso científico para uma linguagem acessível aos que de alguma maneira foram excluídos do universo acadêmico. Contudo, isso nunca se traduziu em um discurso raso. Sua fala fazia com que as suas análises chegassem e fossem compreendidas por qualquer camada social. Do mesmo modo, conseguia levar para dentro dos aristocráticos salões da academia, toda a vivacidade e riqueza dos fenômenos antropológicos que afloram da periferia, quase sempre ignorados pelo elitismo e moralismo - *moral de jegue* dizia, que permeiam o universo acadêmico e midiático.

A exemplo de suas Padilhas, “exus femininos”<sup>10</sup>, responsáveis pela comunicação entre o mundo dos orixás e dos humanos<sup>11</sup>, o Exú “Albreguinha”, como era conhecido no universo midiático, também era um comunicador por excelência. Soube, por meio do seu texto e da sua fala, construir pontes entre os mundos acadêmico e popular. Durante as décadas em que circulou por esses universos, o professor Albergaria, um iconoclasta inveterado, dedicou-se a, através do seu trabalho, desconstruir os estereótipos, mitos e padrões que sempre serviram às elites empresariais, políticas e artísticas que exploram e comercializam um produto

---

<sup>10</sup> PRANDI, Reginaldo. **Herdeiras do Axé**. São Paulo, Hucitec, 1996. P. 139.

<sup>11</sup> No reino dos Exus de José Maria Bittencourt, Òrum Àiyé de José Beniste e O livro dos Exús de Antonio de Alva, são alguns dos títulos que tratam do tema presentes na biblioteca do professor Albergaria.

chamado Bahia, uma visão deturpada e muito distante da Bahia real, conhecida e estudada pelo professor.

Durante as pesquisas que realizei sobre o professor Albergaria e o seu trabalho, para tentar compreender do que se tratavam os seus acervos e decidir qual a melhor maneira de tratar os documentos sob minha responsabilidade, percebi que mesmo sendo amplamente conhecido na Região Metropolitana de Salvador e tendo deixado um relevante acervo que nos ajuda a compreender a formação e o desenvolvimento dos fenômenos antropológicos e sociais do nosso estado, bem como, o próprio desenvolvimento da disciplina antropológica na Bahia, o professor Albergaria era quase anônimo fora daquele contexto regional. O pouco que se sabe da sua história é permeado de uma série de lendas, deturpações, exageros e outros mitos.

Diante desse fato, senti a necessidade de desenvolver uma pesquisa mais profunda acerca da sua biografia e das suas contribuições para a história da antropologia baiana, e porque não brasileira, que não se reduzisse a um mero instrumento de apoio ao meu fazer bibliotecário, mas que também pudesse ser usada como ferramenta de pesquisa para os que se interessam por conhecer a pessoa do professor Albergaria, o seu trabalho, que tanto contribuiu para a análise dos fenômenos antropológicos urbanos e, a sua biblioteca, bem como contribuir para os estudos sobre as bibliotecas pessoais, além da história e da antropologia na Bahia.

Cabe aqui ressaltar que muitos dos episódios sobre a vida do professor que circulam, ainda que timidamente, pelos corredores do campus Sosígenes Costa, provaram-se ao longo desta pesquisa meras lendas e deturpações. Contudo, novas descobertas revelaram fragmentos de uma vida nada pacata, agitada pelas inquietações de uma mente brilhante, um coração inconformado e uma língua afiada.

A pretensão deste trabalho é reunir as histórias dos vários personagens que compõem as facetas de uma intrigante *persona*, que transita entre um debochado e irreverente comunicador e um homem solitário e recluso, um professor afável e um orientador exigente e seletivo, um bravo soldado que luta pelas suas ideias, contudo, prisioneiro de um corpo frágil, amado pelo povo, mas distante dos familiares.

Dado o grande volume e a heterogeneidade de documentos existentes em todo o acervo do professor Albergaria e o limitado período de um mestrado, esta pesquisa terá como foco de estudo apenas o acervo bibliográfico que pertenceu ao professor

formado por, segundo o próprio menciona em sua contagem: mais de 12 mil livros<sup>12</sup>. Fiz, contudo, usos esporádicos de elementos dos outros acervos para preencher as lacunas que se apresentaram durante a pesquisa, uma vez que nesses acervos é possível encontrar documentos pessoais, anotações acerca das suas pesquisas, uma grande coleção de recortes de jornais e revistas (hemeroteca) sobre os seus temas de pesquisa, além de correspondências trocadas com amigos e colegas de profissão.

Munido dos instrumentos teóricos de investigação das bibliotecas particulares, pretendo estabelecer uma relação entre o pensador e sua biblioteca, buscando encontrar em seus livros e no seu texto, fragmentos biografemáticos<sup>13</sup> que nos apresentem com pequenas memórias, pistas e caminhos, que nos permitam vislumbrar os alicerces intelectuais que embasaram a construção do homem e das suas ideias, num processo simbiótico, aonde o leitor e a sua biblioteca se retroconstróem.

Esta pesquisa destaca o papel das coleções especiais (acervos particulares) no contexto das bibliotecas universitárias como instrumentos de preservação de memória, mas também explora as suas possibilidades enquanto espaço que convida os usuários de uma biblioteca a um mergulho no universo particular de um determinado indivíduo. À luz do conceito de “biografia das coisas”<sup>14</sup> de (HOSKINS, 2008) e (KOPYTOFF, 2008), destaco o processo biográfico da biblioteca pessoal do professor Albergaria, que evidencia a relação de troca que existe entre o depositário e a sua biblioteca, num gesto de retroconstrução que nos permite vislumbrar a essência de ambos em cada um, indicando assim, a sua relevância cultural e científica.

A pesquisa foi realizada nas cidades de Porto Seguro e Salvador<sup>15</sup>, ambas no Estado da Bahia. Na primeira se encontra o acervo que pertencia ao professor Albergaria. Já a segunda era seu local de residência e atuação profissional. Como

---

<sup>12</sup> Até a conclusão desta pesquisa, não foi possível concluir o levantamento bibliográfico de todo o acervo.

<sup>13</sup> Biografema – Termo cunhado por Roland Barthes em 1971 - é uma livre-produção textual na medida em que não deriva de significado (como a biografia), mas, enfatizando imagens, cenas, gestos, fragmentos textuais, pulsões, opera significâncias.

<sup>14</sup> Perspectiva teórico-metodológica que considera que os significados dos objetos, não se evidenciam por suas formas, mas pelo modo com que nos relacionamos com tais coisas, especialmente, nas distintas posições sociais que elas ocupam em nossas trajetórias e vidas.

<sup>15</sup> Na proposição do meu projeto de pesquisa, a intenção seria me dirigir até a cidade de Salvador, BA para realizar entrevistas e pesquisas documentais caso necessárias pessoalmente. No entanto, por conta da pandemia de COVID-19 entre os anos de 2020-2021, não foi possível alcançar o meu intento inicial.

metodologia para coleta de dados biográficos, foram usados métodos de análise documental, análise bibliográfica e história de vida/trajetória, obtidas por meio de entrevistas com familiares, amigos e parceiros de trabalho.

Para efeito narrativo, divido o trabalho em cinco capítulos, além da introdução. Cada Sessão intitulada por um dos diversos nomes ou apelidos que acompanharam o professor ao longo da sua vida, ajudam a marcar as janelas temporais. Em cada um dos capítulos, é abordado além das fases históricas, os contextos sociais, sua formação intelectual e a bibliografia encontrada dentro de um recorte de ordem cronológica. São eles, Roberto Albergaria de Oliveira, o adolescente que viveu nos efervescentes anos 1960; João, o terrorista; Monsieur Albergariá, o exilado; Professor Albergaria, o mestre da desconstrução e do “deboche” e por fim o Manco da Ribeira.

### **1.1 Sobre bibliotecas pessoais**

A invenção da máquina de impressão tipográfica de Gutenberg no século XV inaugura um novo capítulo na história das bibliotecas, pois, a partir deste marco, os livros, antes restritos às instituições detentoras do conhecimento, deixam os mosteiros, castelos e escolas, para figurarem também no ambiente doméstico, uma vez que a expansão da produção bibliográfica fez transitar entre as camadas populares um número cada vez maior de obras.

As bibliotecas pessoais, na opinião de Cirne (2013) e reforçada por Alves (2015), reúnem três elementos-chaves que as caracterizam. A intimidade entre o leitor e os seus livros, evidenciada nos modos particulares de seleção e organização das obras. A ligação intelectual que nasce no momento em que tais bibliotecas deixam de se apresentarem como meros espaços de leitura, para tornarem-se efervescentes locais de estudo, análise e produção intelectual. Adicionalmente essas carregam o caráter cultural, que se estabelece ante a relevância que as bibliotecas adquirem, dados os contextos e usos a que estas são empregados.

Somos muitas vezes tentados a imaginar as bibliotecas pessoais como coleções. Inclusive, em nosso fazer bibliotecário, quando por doação ou compra, precisamos anexar tais acervos ao catálogo de uma biblioteca de acesso público, é praxe os elevarmos ao status de “coleções especiais”. Contudo, Pomian (1984) destaca que tais bibliotecas devem ser consideradas coleções, apenas quando

reúnem livros por seu valor material, isto é, “belas encadernações, obras ilustradas, etc.”, por seu valor arquivístico<sup>16</sup> ou recreativo. Em defesa dos bibliotecários, Moles (1978), por outro lado, chama a atenção para o assunto defendendo a ideia que bibliotecas pessoais são coleções, porém, não coleções estáticas, coleções de coisas, mas sim uma coleção com um objetivo definido e esquematizado de maneira que se configurem como projeção externa do pensamento ou das possibilidades de produção intelectual do seu titular.

Ao se debruçar sobre um acervo pessoal, é perceptível a relação entre este e os interesses do seu depositário, seus objetos de reflexão, quer sejam profissionais, culturais ou intelectuais. São raros os pesquisadores que não tenham, mesmo que um pequeno amontoado de livros arrumados em uma prateleira, que lhes auxiliem no exercício de suas atividades profissionais.

O caráter de personalidade de uma biblioteca é uma teoria defendida por MOLES (1978, p. 40.).

Todo intelectual possui uma biblioteca, cujo arranjo e extensão são testemunhas dele mesmo, e é bem sabido que uma olhada na biblioteca de um intelectual diz muito sobre o que ele é, o que pensa, o que faz, sobre suas orientações políticas, seus gostos artísticos ou seus projetos recentes, pois ela é uma testemunha de sua atividade mais específica.

Portanto, podemos supor que uma biblioteca pessoal representa a potencialização do pensamento do seu titular, o seu acervo pessoal é uma versão ampliada da sua produção científica, assim, o valor desse acervo se dá pela relevância do conteúdo encontrado em suas obras, fruto de um extenso e cuidadoso trabalho de curadoria, realizado por alguém cuja preocupação não está atrelada a atração de um número significativo de curiosos, ou mesmo, na expansão quantitativa de objetos. Está atrelada exclusivamente às necessidades informacionais do seu usuário principal, que nesse processo simbiótico, constrói a sua biblioteca com a intenção de que ela também o construa intelectualmente.

Assim como o valor de uma obra está em seu conteúdo e não na simples apresentação física (capa, formato, cor, tipo de papel), também, uma biblioteca não expressa o seu valor, somente pela quantidade e tipo de obras que possui, vale pelo seu conteúdo e pelo uso que é feito dele (OSÓRIO; ALFANO, 1994, p.14).

---

<sup>16</sup> Para Buchalski; Kornarsky; Wolf, (1952, apud POMIAN, 1984): o valor arquivístico é atribuído a um objeto, quando este perde a sua antiga utilidade cotidiana, torna-se supérfluo, porém, são dignos de preservação.

Geralmente, todo o material existente em uma biblioteca pessoal, corrobora com o pensamento do seu depositário, sendo os seus conteúdos de grande relevância, confiabilidade e correspondentes às expectativas do pesquisador, nesse contexto, as informações ali contidas tornam-se indispensáveis para o seu trabalho. Segundo Miranda (2007, p. 02), “o valor da informação está associado à utilidade que ela apresenta para o público a quem se destina. ”

Histórica e culturalmente as bibliotecas pessoais sempre se apresentaram como insígnias do poder e sapiência dos seus titulares. Ainda hoje, são raras as aparições de indivíduos em mídias visuais, oferecendo seus pareceres sobre os mais diversos assuntos da vida cotidiana, sem a ostentação em segundo plano de uma coleção variada de livros que endossam os atributos intelectuais do locutor.

Modernamente, a ostentação de livros em ambientes digitais, como por exemplo, as redes sociais e até mesmo a sua utilização como objetos de decoração em ambientes domésticos. Representando um dístico de intelectualidade e cultura, mesmo para aqueles que não são afeitos ao hábito da leitura. Tal movimento tem, segundo Pressman (2020), uma denominação, o *bookishness*, que segundo a autora, valoriza muito mais a estética da posse, do que o conteúdo intelectual em si.

Atentos à nova tendência, o mercado editorial tem, segundo Pron (2021), adequado o seu modelo de negócios para atender as demandas desse novo público, oferecendo desde novas encadernações, visivelmente mais anunciáveis em fotografias que certamente serão postadas nas redes sociais, a caixas de papel que imitam livros de luxo.

Como oposição a essa nova tendência, vale destacar o texto de Alves (2015, p. 52.) quando escreve:

As bibliotecas pessoais, apesar de representarem seus organizadores, ainda são, em determinados contextos, objetos de status social e intelectualidade que perpassam seus donos. Porém, o aspecto da memória e a possibilidade de gerar novos conhecimentos é que são os grandes atrativos destas bibliotecas.

O atributo memorial que é conferido às bibliotecas pessoais, tem por pressuposto, como mencionam Cirne (2013) e Alves (2015), suas origens ligadas aos laços íntimos que se estabelecem entre o proprietário e o acervo a partir da entrada da biblioteca na intimidade do lar. Fazendo dela, segundo Azevedo e Lino (2008, p.226), um receptáculo da essência do seu criador:

Diante de uma biblioteca particular cujo dono morreu, temos a certeza de que os livros são mais fortes e soberanos que nós próprios, mais longevos de fato. O proprietário passa, e eles ficam – quase de maneira irônica, poderíamos dizer – como descendentes daquele que ao longo da vida gestou, alimentou e criou sua biblioteca. Vivo, o colecionador dominava, tinha o poder do acervo; com sua morte, vive em e por seus livros. Estes, então, assumem um papel de prolongamento da memória do ente que concebeu a biblioteca, pois permanece na coleção a essência dele. Ela irá ao longo dos anos perpetuá-lo. Nessa biblioteca restaram os livros com marcas de leitura, as dedicatórias, os papeluchos esquecidos entre as folhas que testemunham momentos vividos, leituras interrompidas e, ainda, os livros mais queridos, outros nem tanto, os esquecidos, os perdidos... Esta biblioteca, então, é um verdadeiro “genoma intelectual” do possuidor. Perquirir os autores que a compõem, sua forma de arranjo, pode significar decifrar o “código genético” de quem a formou.

Neste trabalho, proponho uma distinção de significados dos termos “biblioteca pessoal” e “biblioteca particular”. Mesmo que a literatura consultada, como demonstrado em Cunha e Cavalcanti (2008), em seu Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia, tais termos, dividam o mesmo sentido, procuro adotar neste trabalho o termo “biblioteca pessoal” em oposição ao termo “biblioteca particular”, pois o último me parece transmitir uma ideia de posse e quase sempre de inacessibilidade.

Em minha concepção, uma biblioteca particular simplesmente pertence a pessoas e instituições, é normalmente adquirida por compra, doação ou pelo modo mais comum nesses casos, por herança. Seus novos proprietários, quando conscientes do valor histórico-científico de tais acervos, os preservam somente pelo valor e significado atribuídos à coleção<sup>17</sup> por quem a construiu, sem que essa nada tenha a dizer sobre o seu novo guardião, senão atestar o seu direito de posse ao acervo, ou uma possível admiração deste pelo antigo titular.

Enquanto isso, o primeiro adjetivo, mesmo implicitamente parece corroborar com o que fora dito em Azevedo e Lino<sup>18</sup>. O termo biblioteca pessoal, é entendido por mim no contexto desta pesquisa, como uma adjetivação que procura enfatizar a relação íntima que se estabelece entre o depositário original e o seu acervo bibliográfico, quando é possível perceber na biblioteca a essência do seu provedor através de suas marcas.

Mais adiante trato desta questão de maneira mais aprofundada, oferecendo uma reflexão acerca dos processos que envolvem o nascimento de uma biblioteca pessoal.

---

<sup>17</sup> Cf. Buchalski; Kornarsky; Wolf, (1952, apud POMIAN, 1984)

<sup>18</sup> Ibid., p. 226.

## 1.2 Sobre biografemas

Definir o que é um biografema, ou modos de utilizá-lo como método de pesquisa, como sugere Costa (2011), não me pareceu ser uma tarefa fácil. Até mesmo o criador do neologismo, Roland Barthes (1915-1980), não se encarregou de fazê-lo de maneira satisfatória. Segundo Grants (2016. p. 71.)

Dito isto acerca do criador da ideia de biografema é importante ressaltar que, ao falar do neologismo, Barthes não apresenta um conceito ou definição estruturada e satisfatória, ao contrário, ele expõe uma noção insuficiente, na qual infere-se que, para se fazer uma leitura biografemática de um autor, é necessário ter conhecimento do modo como este opera a linguagem, pois somente assim será possível identificar os pormenores, gestos e gostos que propiciam uma leitura biografemática.

Ao nos oferecer uma associação do termo à noção de biografia, no prefácio da sua obra *Sade, Fourier, Loyola*, Barthes (2005) contrapõe a ideia de uma biografia tradicional, que se estabelece por uma escrita hierarquizada de acontecimentos e datas e nos propõe algo diferente, livre das amarras do estilo e da fidelidade cronológica, capaz de capturar pequenos detalhes que ressignificarão o seu objeto, por meio de uma linguagem sígnica, o que chamou de biografema.

[...] se eu fosse escritor, já morto, como gostaria que minha vida se reduzisse, pelos cuidados de um biógrafo amigo e desenvolto, a alguns pormenores, a alguns gostos, a algumas inflexões, digamos “biografemas”, cuja distinção e mobilidade poderiam viajar fora de qualquer destino e vir tocar, à maneira dos átomos epicurianos, algum corpo futuro, prometido à mesma dispersão (BARTHES, 2005. p. XVII).

É justamente nas variadas possibilidades desses pormenores que se sustenta a proposta de Barthes. Pois, despidos do rigor das construções biográficas tradicionais, no biografema, quem escreve sobre a vida de alguém está livre de qualquer sentido de ordem. Podendo fragmentar, ressignificar e reinventar, sem a pretensão inútil de tocar a sua totalidade.

O próprio termo cunhado por Barthes se constrói sob um jogo de palavras que ilustra a sua proposta fragmentária e o seu sentido, possível apenas quando parte de um todo, como escreve Jorge (2020. p. 42.):

Barthes aborda o conceito de biografema através da noção de fonema, menor unidade de uma palavra, que ganha sentido na formação de um todo. O Biografema caracteriza, por sua vez, menor unidade sígnica de uma vida, que possui mobilidade para viajar fora do destino, como alguns *corpóra* dispersos.

Em seu último livro publicado em vida, *A câmara clara: nota sobre a fotografia*, Barthes (2015)<sup>19</sup> nos apresenta dois termos em latim, *studium* e *punctum*. Me aterei estrategicamente ao segundo, pois ilustra bem, dadas as proporções, o que pode significar o biografema.

O *punctum*, se traduz como algo que punge, fere, corta. Numa fotografia é o que de alguma maneira provoca e marca o seu observador em sua individualidade. É o que desperta a sua subjetividade, sensibilidade, afeto e qualquer outra experiência que possa surgir desse contato particular, ao que Barthes denomina “lance de dados”. Em suas palavras “O *punctum* de uma foto é esse acaso que, nela, me punge (mas também me mortifica, me fere)”. (BARTHES, 2015, p. 46).

Como estratégia narrativa e de certo modo, método de pesquisa, faço, neste trabalho, uso do biografema com dupla finalidade. Na primeira delas, como recurso de organização dos capítulos deste trabalho, onde elejo, como biografemas norteadores, os nomes que batizam os vários personagens que me servem como marcos das etapas da vida do professor Roberto Albergaria.

A segunda finalidade será trazer à luz alguns fragmentos de suas falas, que no texto deste trabalho sempre aparecerão grafadas em *itálico*. Faço o mesmo com os livros da sua biblioteca. Quando oportuno, substituo uma ou outra expressão que utilizaria, pelos títulos dos livros presentes na biblioteca do professor, sempre grafando essas intervenções com o estilo sublinhado, uma maneira que encontrei de pulverizar ao longo do texto as possíveis relações entre a biblioteca e o seu provedor<sup>20</sup>. Julgo que tais escolhas me ajudam a imprimir as suas vozes nos relatos que dão conta de uma vida intensa e frutífera, e que há décadas permanecem escondidos por entre os volumes de uma biblioteca esquecida, desde que o seu único e voraz leitor, agora falecido, deixou de se arrastar<sup>21</sup> por suas prateleiras, faminto por novas descobertas. Na esperança de que os meus esforços e o de todos os envolvidos nesta pesquisa possam atrair outros estudiosos para que circulem novamente pelos corredores da biblioteca do professor Albergaria, trazendo de volta

---

<sup>19</sup> A primeira edição foi publicada em 1980

<sup>20</sup> Sempre que tais intervenções ocorrerem, a referência bibliográfica da obra citada será apresentada nas notas do texto, também com os títulos grafados em sublinhado, para que não se confundam com as citações de outros autores utilizadas no texto, segundo a norma técnica vigente.

<sup>21</sup> O professor Roberto Albergaria era portador de uma deficiência locomotora congênita que o fazia mancar, no fim da sua vida, precisava de uma cadeira de rodas para se locomover.

à vida, àquela que nos tempos férteis de produção intelectual do seu antigo provedor, foi cenário e testemunha de grandes contribuições para a antropologia baiana.

É importante destacar que ao longo deste trabalho foram construídas simultânea e indissociavelmente duas biografias, porém, sob abordagens e estratégias diferentes. A biografia do professor Roberto Albergaria de Oliveira, convertida aqui em uma coletânea de biografemas, destacando alguns *puncta*<sup>22</sup> que ilustrarão o seu brilhantismo e a sua relevância no cenário intelectual da Bahia, ou que simplesmente terão o propósito de fazer memória à sua *pícaro gaiatice*.

Por essa razão, quando as suas falas aqui destacadas não forem utilizadas com a função de evidenciar algum elemento teórico do seu trabalho ou pensamento, não serão transcritas como uma citação, como reza a norma brasileira citações em documentos<sup>23</sup>. A segunda biografia é a da sua biblioteca. Como veremos a seguir, a proposta de biografia das coisas, formuladas pelo antropólogo Igor Kopytoff (1930-2013), nos guiará na reconstrução da biografia da biblioteca do professor Roberto Albergaria.

### 1.3 Sobre biografia das coisas

A palavra biografia nos leva a pensarmos inconscientemente em seu sentido mais literal, a obedecer a sua etimologia<sup>24</sup>, a reconhecê-la como a arte ou talvez a ciência de contar a história da vida de alguém ou de si. Valendo-se para isso de diversos recursos como literatura, cinema e música, alguns dos diversos suportes<sup>25</sup> que podem ser adotados como estratégias para “escrever uma vida” ou superar o “desafio biográfico” como denomina Dosse (2009). Ou nas palavras do próprio Roberto Albergaria: *uma beleza de gênero que acomoda tudo*<sup>26</sup>.

O prefixo “bio”, na composição da palavra, também nos sugere a indissociação evidente da presença de vida no sentido biológico na construção de uma biografia. Talvez por esse motivo cause estranheza para alguns a ideia de se biografar uma

<sup>22</sup> *Puncta* é plural de *punctum*.

<sup>23</sup> Cf. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT NBR 10520: informação e documentação: Citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

<sup>24</sup> Do grego antigo: βιογραφία, de βίος - *bíos*, "vida" e γράφειν – *gráphein*, "escrever".

<sup>25</sup> Suporte, como jargão da Biblioteconomia, pode ser entendida como descrito no Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008). “Objeto material, ou dispositivo, sobre o qual, ou no qual se encontram representados os dados ou informações; suporte de dados, suporte físico da informação, suporte material da informação. Documento (unidade física) ”.

<sup>26</sup> OLIVEIRA, Roberto Albergaria de. **Memoriosa macaqueação de mim mesmo(?)**: um retrato borrado de um doutor miado, diriam.... Salvador, 2003. Documento inédito.

biblioteca, ou qualquer coisa desabastecida da vida imaginada aos moldes da biologia.

Para nós bibliotecários, no entanto, pensar as bibliotecas como coisas detentoras de vida, em nada parece ser uma ideia absurda, já que em nosso *métier*, ainda vigoram as famosas cinco leis da Biblioteconomia<sup>27</sup>, do bibliotecário indiano Shiyali Ramamrita Ranganathan (1892-1972), cuja quinta dessas leis, evoca os atributos justamente da biologia, para ilustrar os processos de evolução e expansão das bibliotecas.

Reza a Quinta Lei: a BIBLIOTECA É UM ORGANISMO EM CRESCIMENTO. É um fato biológico indiscutível que somente o organismo que se desenvolve é o que sobrevive. [...] A Quinta Lei chama nossa atenção para o fato de a biblioteca, como instituição, possuir todos os atributos de um organismo em crescimento. Um organismo em crescimento absorve matéria nova, elimina matéria antiga, muda de tamanho e assume novas aparências e formas. [...] Está também sujeito a uma mudança lenta e contínua, que conduz ao que se conhece como 'variação', em linguagem biológica, e para a evolução de novas formas. É uma mudança tão lenta mas tão eficaz que os adeptos da evolução afirmam que foram os protozoários informes e indiferenciados da era paleozóica que se transformaram, por sucessivos estágios de variação, na espécie mais diferenciada da criação — o ser humano. O que persistiu através de todas essas mudanças de forma foi o princípio essencial da vida. O mesmo acontece com a biblioteca. (RANGANATHAN, 2009. p. 241. grifo do autor)

Se, ainda assim, não for possível encontrar nas correlações com o sentido biológico da vida, os elementos necessários para justificar a biografia de uma biblioteca, é na abstração filosófica do conceito de vida social de Hoskins (2008) e Kopytoff (2008) e no sentido antropológico dado por Miller (2013) quando sugere “que as coisas fazem as pessoas tanto quanto as pessoas fazem as coisas” que encontro um caminho para a argumentação aqui proposta. Sobre essas bases, me apoio para justificar o meu intento em encontrar nessa relação, à luz da cultura material, os pontos de contato que atribuem para além da significação, vida às coisas.

Podemos identificar, nesse sentido, a agência que se realiza no contato entre o proprietário e a sua biblioteca em seu processo de retroconstrução. Nesse contexto, o agenciamento sugere um movimento pendular, que aqui, tomo a liberdade de interpretar como a dinâmica que confere vida a um acervo. "Eu toco um objeto com a mão, sou tocado simultaneamente por ele" (TILLEY, 1999. apud HOLTORF, 2002. p. 54.).

---

<sup>27</sup> As cinco leis da Biblioteconomia foram publicadas originalmente em 1931.

Quando um sujeito que circula em seu próprio tempo, alimenta a sua biblioteca, o que deposita em suas estantes, inconsciente e conseqüentemente para a posteridade, não são, tão somente, pretensões de uma transcendência intelectual, ou ainda, coisas que se satisfaz em colecionar. São pequenas porções de sua própria vida, transfundidas para a sua biblioteca, que passa a registrar períodos históricos, interesses profissionais, campos de estudo, as preocupações e projetos do seu depositário, entre muitas outras potencialidades. Em resumo, ao passo em que uma biblioteca pessoal é capaz de influenciar os rumos biográficos de quem a mantém, também se consolida como uma testemunha, quando prolonga o passado e o renova no tempo presente.

Em resumo, uma maneira de pensar sobre essas teorias da dialética, ou constituição mútua, é imaginar a cultura material como possuidora de agência inteiramente própria. Coisas fazem coisas conosco, e não apenas coisas que gostaríamos que fizessem. (MILLER, 2013. p. 141.)

Sob o ponto de vista da antropologia, área de atuação do professor Roberto Albergaria, como nos escreve Hoskins (2008), há uma proposição de que, coisas sob determinados contextos, são e agem como pessoas, apresentam personalidade e até mesmo vontade e por isso realizam agência. A autora considera que o conceito de agência nesse caso está ligado ao antropomorfismo, quando coisas são percebidas como instituídas de vida social, e por isso, elegíveis de serem biografadas. Para a autora, o conceito de biografia, advindo da teoria literária e emprestado aos estudos da cultura material, permitiram a observação de novos desdobramentos sobre as relações entre as coisas construídas e consumidas pelas pessoas.

Ao nos debruçarmos sobre essas relações e observarmos as trocas que são produzidas nesse contato, podemos encontrar na biblioteca pessoal do professor Albergaria, as marcas deixadas pelo tempo e pelas interações realizadas entre ambos. Desse modo, são manifestos detalhes internos e externos a esta relação, capazes de nos apresentar memórias e trajetórias que podem ser entendidas como sua biografia social. Uma possibilidade de reconstrução do itinerário vivido pelos sujeitos desta pesquisa, ao levantarmos algumas questões, como instrui Igor Kopytoff.

Ao fazer a biografia de uma coisa, far-se-iam perguntas similares às que se fazem às pessoas: Quais são, sociologicamente, as possibilidades biográficas inerente a esse status, à época e a cultura, e como se concretizam essas possibilidades? De onde vem a coisa? E quem a fabricou? Qual foi a sua carreira até aqui, e qual é a carreira que as pessoas

consideram ideal para esse tipo de coisa? Quais são as idades ou as fases da vida reconhecidas de uma coisa, e quais são os mercados culturais para elas? Como mudam os usos da coisa conforme ela fica mais velha, e o que lhe acontece quando a sua utilidade chega ao fim? (KOPYTOFF, 2008, p. 92).

Orientado pelos conceitos apresentados, pensando nas bibliotecas pessoais como portadoras de histórias de vida, próprias e do outro, trabalhei na construção da biografia do professor Roberto Albergaria de Oliveira e da sua biblioteca pessoal. Para isso será necessário apresentar o contexto que o professor estava inserido, bem como as obras que leu e que, de alguma forma, acredito que o tenham influenciado.

## 2. ROBERTO ALBERGARIA DE OLIVEIRA: sua infância e juventude.

Uma simbiose da fisionomia do ator Robin Williams com o humor escrachado do jornalista José Simão. Foi assim que o jornalista e amigo Elieser César o descreveu em uma matéria biográfica para o *Jornal a Tarde*<sup>28</sup> em honra ao “pícaro professor”. Na ocasião, esse tratou de acrescentar a lápis nas margens de uma cópia da matéria que se encontra em seu acervo de documentos pessoais, uma correção que insinua com quem se achava parecido, provavelmente, mais no comportamento do que na fisionomia: *½ Mick Jagger, ½ Silvano Salles*.

Talvez uma melhor descrição seja dada pelo próprio Albergaria: “*Dublê de antropólogo e erudito de província*”<sup>29</sup>, eram esses os títulos que Roberto Albergaria de Oliveira costumava atribuir à sua persona, de maneira a escapar da pomposa alcunha de intelectual. “Ele repelia elogios ao seu preparo intelectual. Achava pedante, sem falsa modéstia”, escreveu a sua amiga, a jornalista Cleidiana Ramos<sup>30</sup>, em sua homenagem na ocasião do seu falecimento.

Embora o seu ardil tenha ludibriado os cornudos<sup>31</sup> e *calçoludas*<sup>32</sup> que se deixaram enganar pelas suas ditas *maluquices*, peço desculpas ao *finado* por

<sup>28</sup> CÉSAR, Elieser. Perfil / Antropólogo escrachado. **Correio da Bahia**. Salvador, 31 de ago. de 2003. Caderno repórter, p. 11.

<sup>29</sup> SOTERÓPOLIS - Roberto Albergaria. **IRDEB**, Salvador, 12 de nov. de 2009. Disponível em: <<http://www.irdeb.ba.gov.br/component/mediaz/media/view/120>>. Acesso em: 30 de jun. 2021.

<sup>30</sup> RAMOS, Cleidiana. Bahia perde ícone da inteligência risonha. **Blog Mundo Afro**, 2015. Disponível em: <http://mundoafro.atarde.uol.com.br/bahia-perde-icone-da-inteligencia-risonha/>. Acesso em: 08 de jul. de 2021.

<sup>31</sup> KOCK, Henrique de. **Os Cornudos**. 2. ed. São Paulo: Paumape, 1990.

<sup>32</sup> Ao longo desta pesquisa, em momentos oportunos e sempre destacado em itálico, recorrerei ao uso de expressões, comumente utilizadas por Roberto Albergaria e que de uma certa maneira tornaram-se a sua marca, numa tentativa de trazer para o texto fragmentos da sua voz. Um recurso amplamente utilizado na antropologia para esse intuito é que no meu trabalho os elegi como sendo o seu biografema.

contrariá-lo ao longo dessa pesquisa, quando me esforço para construir a partir da sua biblioteca pessoal, um perfil biográfico e intelectual, para que se dê a conhecer um pouco mais sobre a formação crítica do grande pensador escondido por detrás de adjetivos que nada condizem com a sua relevância intelectual.

Para a construção de tal perfil, levo em consideração, além das histórias narradas por terceiros, o que leu em sua biblioteca pessoal, a sua produção midiática e científica e os fatos históricos que o circundam. Considero também as impressões pessoais de Roberto Albergaria a respeito dos eventos que marcam a sua trajetória, presentes em uma série de documentos inéditos, que registram fragmentos de suas memórias, encontrados em seu acervo pessoal, que oferecem elementos que confirmam, contrapõem e em alguns casos obscurecem as narrativas acerca da sua trajetória biográfica.

Os títulos dos capítulos que dividem esta pesquisa, como já mencionado, são representados pelas alcunhas de alguns dos diversos personagens que acompanharam Roberto Albergaria ao longo da sua carreira. Os referidos sujeitos, são aqui colocados quase sempre como marcos temporais. Contudo, é preciso dizer que essa divisão tem cunho meramente didático, não é raro que os ditos personagens se cruzem e até se sobreponham em algum momento, nesse tentame de estabelecer uma cronologia factual, mas ainda assim, ajudam a dividir a biografia do professor e consequentemente, quando possível, da sua biblioteca em quatro fases distintas.

**Roberto Albergaria de Oliveira (1950-1969).** Narra a partir de suas memórias, os eventos da sua infância, suas relações familiares e formação escolar, culminando no movimento estudantil secundarista, que mudaria significativamente a sua trajetória a partir dali. Apresenta a minha concepção de como nascem as bibliotecas pessoais.

**João (1969-1974).** Apresenta os eventos que se sucederam enquanto estudante universitário e militante comunista, sua prisão, perseguições e formação acadêmica no Brasil, destacando o seu encontro com aquele que seria a sua maior referência intelectual, o historiador e advogado Cid Teixeira (1924-2021). Faz um recorte da sua biblioteca *malassombrada* pelos *defuntólogos*<sup>33</sup> que falam pelos baianos que já morreram.

---

<sup>33</sup> Trocadilho para historiadores.

**Monsieur Albergariá** (1975-1981). Destaca o período em que se exilou na França para escapar da dura perseguição que sofreu durante a Ditadura Militar (1964-1985), as influências da escola francesa em seu trabalho e as duras críticas que apresentava ao modelo neoliberal que ganhou força nas universidades brasileiras a partir da década de 1980. Também apresenta o seu acervo de autores estrangeiros que o influenciaram.

**Professor Albergaria** (1982-2015). Reúne os eventos que marcam o seu retorno ao Brasil e após muitos percalços, o seu ingresso à carreira docente no departamento de Antropologia e Etnologia da UFBA. Destacando também a sua produção acadêmica, que, com o passar do tempo, foi dando lugar a sua figura midiática. Enfatiza a sua figura midiática, sua atuação nos canais jornalísticos em especial no rádio, bem como o seu papel como divulgador científico nesses canais.

É importante destacar que, ao longo do desenvolvimento dos capítulos apresentados, a biblioteca pessoal de Roberto Albergaria também é colocada em evidência. Como já mencionado, no universo desta pesquisa, ambos os sujeitos coexistem e de alguma maneira compartilham a mesma biografia.

Deste ponto de vista, a biblioteca se manifestará ao longo do texto, ora propondo discussões acerca do seu papel na formação histórico-intelectual de um indivíduo (MOLES, 1978), dos agenciamentos que é capaz de produzir (HOSKINS, 2008) e da sua função memorial (ALVES, 2015). Ora fornecendo dados bibliográficos que evidenciem a maneira com que ocorre a simetria biográfica que se estabelece entre si e o seu provedor.

A maioria dos fatos apresentados, em especial neste capítulo e eventualmente nos capítulos seguintes, foi extraída em sua maior fração de textos inéditos, normalmente ou de alguma maneira, autobiográficos, que se configuram como uma memória que Roberto Albergaria tem de si, quando faz uma construção seletiva de fatos históricos.

Aqui, devo abrir um parêntese para partilhar a dificuldade em verificar, num primeiro momento, a fidedignidade ou até mesmo a veracidade de alguns fatos explicitados por Roberto Albergaria nos textos analisados. Dada a irreverência e o tom quase sempre jocoso e figurativo, permeado de neologismos, trocadilhos, estrangeirismos e expressões idiomáticas, cujo sentido conotativo extrapolam o literal e podem ser compreendidos tão-somente em contextos que me são estranhos. Como quando diz: *“Mas no meu agridoce exílio, mais uma vez, a desgraça virou graça:*

*consegui me livrar de um casamento com uma judia e da própria Bahia.*”<sup>34</sup> (OLIVEIRA, 2003. fl. 9. Documento inédito).

Ou ainda, ao parafrasear um colega historiador:

*Não sei bem...Certamente, como diz o douto defuntólogo<sup>35</sup> João Jacaré Reis<sup>36</sup> (um outro complacente alter ego?)<sup>37</sup>, “em toda linguaruda história que contamos, começamos sendo corneados pela nossa própria memória -- e terminamos corneando a inteligência do ouvinte (quando não fodendo com a paciência da leitora que rala a calçola para entender o último folhudão<sup>38</sup> que escrevi)”. (OLIVEIRA, 2003. fl. 3. Documento inédito)*

Tendo em vista a possibilidade de encontrar discrepâncias nas informações colhidas, como estratégia metodológica, faço a opção de, sempre que possível, complementar, conferir, corrigir ou confrontar essas memórias com outras fontes à minha disposição.

Inversamente, também esbarrei em muitas dificuldades criadas por informações incompletas, deturpadas, fragmentadas e até mesmo inverídicas que me foram cedidas por minhas fontes, me levando por caminhos infrutíferos e que puderam ser esclarecidas, complementadas ou dotadas de sentido, somente quando confrontadas pelos textos de Roberto Albergaria.

Uma dessas controvérsias, com a qual me deparei, diz respeito ao seu local de nascimento. Logo no início das minhas pesquisas, encontrei uma matéria no Blog Mundo Afro em que dizia: “Nasceu em Cachoeira [BA], embora às vezes dissesse ser de Muritiba [BA] para “pirraçar”, segundo ele, cachoeirenses como Ordep Serra, colega na antropologia e na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) da Ufba.” (RAMOS, 2015.).

Pelo fato de a matéria ter sido escrita pela jornalista Cleidiana Ramos, que era próxima ao professor, e que mais tarde me confirmaria a informação<sup>39</sup>, relatando que

---

<sup>34</sup> Inicialmente, imaginava que esse possível “noivado”, pudesse se tratar de uma figura de linguagem para justificar uma situação difícil de ser resolvida, no caso, a dura perseguição política após a sua prisão. Porém, mas tarde o professor Caroso me esclareceu que o noivado de fato aconteceu. Se tratava que uma franco-canadense e também judia que o professor Albergaria conheceu em seu exílio.

<sup>35</sup> Defuntólogo - Trocadilho para historiador

<sup>36</sup> João José Reis (1952 - ) professor titular do Departamento de História da UFBA. É um dos mais importantes historiadores do Brasil, considerado uma referência mundial para o estudo da história e da escravidão no século XIX.

<sup>37</sup> Diz daqueles aos quais compartilha fielmente das ideias, como se pensassem como e por ele, um alter ego, como Cid Teixeira por exemplo.

<sup>38</sup> Folhudão - Trocadilho para livro.

<sup>39</sup> Áudio enviado pelo aplicativo Whatsapp por Cleidiana Ramos ao autor, por intermédio do museólogo Júlio Cesar Chaves, no dia 07 de abr. de 2021. 1’45”.

o professor havia dito a ela, que nascera na cidade de Cachoeira, e que se dizia natural de Muritiba para “sacanear”, nas palavras dela. Assim, passei a considerar a informação como certa.

Mais tarde, com o avanço das investigações, não encontrei nenhum dado que confirmasse a informação, pelo contrário, os documentos a que tive acesso atestavam o que o próprio Albergaria<sup>40</sup> nos escreve: “Cai na vida como papa-jaca<sup>[41]</sup> -- nascido na caiporenta Muritiba, bem no miolo do século passado. E logo no dia de uma santa braba com cara de muito miseravona (4 de dezembro), numa meia-noite de tribuzana dos diabos!”.

Considerando que as duas cidades estão distantes 14km uma da outra, é muito provável que esta divergência se dê exclusivamente por razões cartoriais ou pela localização dos serviços de saúde ou parteiras naquela região. De todo modo, o episódio serve para ilustrar e justificar a estratégia metodológica de confrontação e cotejamento dos dados coletados.

De fato, foi no dia de Santa Bárbara em 1950, que nasceu Roberto Albergaria de Oliveira, filho de Genésio Francisco de Oliveira e Marina Albergaria de Oliveira. Pouco se descobriu sobre seus pais. As raras menções que o professor faz à sua família biológica, são escassas de detalhes e estão sempre carregadas de animosidades. O uso de adjetivos como: *senhora brancosa*, *vaca velha*, *abestalhado* e *burroso*, para se referir aos pais, dão a entender que o mesmo não nutria sentimentos de afeto pelos seus genitores.

A esse respeito, confesso que me chamou a atenção o modo com que Albergaria faz referência à família, principalmente aos pais. Quando nas poucas descrições que escreve sobre a sua família biológica, deixa transparecer, sob o meu ponto de vista, um certo rancor e desdém, me levando a supor que suas afirmações escondem e de certa maneira justificam tamanha revolta.

É importante destacar que tal suposição tem como fundamento, apenas a minha interpretação do que li e ouvi a respeito dos fatos. Em nenhum dos textos ou relatos levantados nesta pesquisa, há uma menção explícita das razões do seu distanciamento do convívio familiar. À exceção do depoimento do seu irmão Walter

---

<sup>40</sup> OLIVEIRA, 2003. fl. 1.

<sup>41</sup> Papa-jaca - Apelido dado a quem é natural de Muritiba pela abundância do fruto na região.

Francisco<sup>42</sup>, que denuncia o rompimento entre os irmãos, já quando adultos, mas sem abordar a questão da relação com os pais.

Partindo deste ponto, suponho que a sua rejeição aos pais e conseqüentemente ao restante da família, seja motivada por duas razões: A primeira delas, me leva a crer que o professor atribuía aos pais a culpa por seus problemas de saúde, advindos de um defeito genético que “herdara” dos seus genitores, que comprometeria o seu estado físico e bem-estar por toda a vida, como ilustrado mais adiante.

Em vários fragmentos de suas memórias escritas, Roberto Albergaria tece comentários que denotam a sua frustração, “*pois já comecei fodidão naquela puta-foda-que-me-pariu*”<sup>43</sup>. Fazendo questão de enfatizar a contribuição paterna nas origens do seu calvário, ainda acrescenta:

*Não conseguem enxergar a Sem-Vergonha-da-Dona-Natureza atochando em todo mundo, arremedando-se dia e noite através dos mais fuleiros fornicadores-forjicadores-de-cornilhões-demais-atarantados-tarados-reduplicados. Repetindo sua cruenta sanha em gerações e mais gerações de degenerações feitos “a culhão”. (OLIVEIRA, 2003. fl. 2. Documento inédito)*

A segunda razão, talvez a mais grave, embora tenha possivelmente se originado a partir da primeira, se deve ao sentimento de abandono afetivo, quando precisou se mudar para a capital Salvador, BA, para tratamento de saúde e conseqüentemente ser adotado por parentes distantes, “zanzando de casa em casa, ao léu, como um menino enjeitado”<sup>44</sup>.

Todavia, a repentina e drástica mudança, apesar de ser na minha opinião o que desencadeou tamanha revolta, é rememorada por Roberto como algo benéfico à sua paz de espírito:

*Salvadora moléstia! Pois essa vinda para a Capital da Província livrou aquele neuropatinho tortinho e dorminhoco da apoquentação nativa tanto da Mãe-Muritiba quanto de uma maior familiaridade com os atarantados Replicadores Sexuados que forjicaram aquela desgracinha humaninha que cresceu, envelheceu e quase que já se fodeu (sempre tão mal-governada por um mais que vacilante “eu”...). (OLIVEIRA, 2003. fl. 2. Documento inédito)*

---

<sup>42</sup> CORPO de Roberto Albergaria será enterrado neste domingo. **Correio 24 horas**, Salvador, 05 de jul. de 2015. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/corpo-de-roberto-albergaria-sera-enterrado-neste-domingo/>>. Acesso em: 13 de jul. 2021

<sup>43</sup> OLIVEIRA, 2003. fl. 2.

<sup>44</sup> OLIVEIRA, 2003. fl. 2.

Quanto aos seus irmãos, não foi possível quantificar o número exato, mas suas memórias dão a entender que não eram poucos, dentro e fora do casamento com a senhora Marina, como relata: “Era mais um filho fortuito [...] de uma senhora brancosa [...] com um garanhão pardusco bem abestalhado -- que andava embestado pelo interior baiano padreando meio mundo!”<sup>45</sup>.

Dos irmãos, aos quais encontrei alguma menção, estão o engenheiro químico Walter Francisco de Oliveira, identificado em matérias jornalísticas como sendo o seu irmão mais velho. Na ocasião do falecimento de Roberto Albergaria em 2015, seu irmão Walter tinha 70 anos de idade, como registra uma nota fúnebre do jornal Correio da Bahia<sup>46</sup>.

Assim como na relação com os seus pais, o relacionamento com o irmão, o único ainda vivo na época do seu sepultamento, também havia sido desfeito há pelo menos 7 anos, por motivos que permanecem ocultos para mim, como enfatiza a imprensa na mesma nota, registrando as palavras do irmão: “É uma história longa e muito complexa. Ele criou um afastamento, mas prefiro não falar sobre isso. Ele tinha uma imagem pública diferente da real. De fato, houve um afastamento nos últimos sete, oito anos”.

A segunda menção faz referência a uma meia-irmã, *uma cavalona lourona-de-farmácia com corpo de negona*<sup>47</sup>, sem acrescentar mais detalhes, sequer seu nome. E assim se encerram as menções aos seus laços biológicos familiares mais próximos, deixadas por Roberto Albergaria.

Um fato curioso que correlaciono com essa questão, está na presença de uma considerável quantidade de livros que abordam a temática das relações familiares. Apesar da descoberta ter chamado a minha atenção, dado o contexto familiar de Albergaria, não consegui chegar a uma conclusão acerca da finalidade na aquisição das obras, se por dever de ofício, ou se por questões meramente pessoais<sup>48</sup>.

---

<sup>45</sup> Ibid., fl. 1.

<sup>46</sup> CORPO de Roberto Albergaria será enterrado neste domingo. **Correio 24 horas**, Salvador, 05 de jul. de 2015. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/corpo-de-roberto-albergaria-sera-enterrado-neste-domingo/>>. Acesso em: 13 de jul. 2021.

<sup>47</sup> OLIVEIRA, op. cit., fl. 3.

<sup>48</sup> Dentre os vários títulos presentes em sua biblioteca sobre o tema, destaco: FIGUEIRA, Sérvulo A (org.). **Uma nova família?**: o moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. SALEM, Tania. **O velho e o novo**: um estudo de papéis e conflitos familiares. Rio de Janeiro: Vozes, 1980. DONZELOT, Jacques. **A polícia das famílias**. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

Uma outra descoberta que me surpreendeu no decorrer da pesquisa, buscando no Diário Oficial da União - DOU, alguma informação relevante sobre Albergaria que contribuísse com este trabalho, me deparei com a informação da existência de um filho “desconhecido” ao menos para nós, e que no ano de 2019 requereu junto à União<sup>49</sup> a pensão por morte do seu pai.

Na ocasião da descoberta, entrei em contato com a minha principal fonte, até aquele momento, dentre os contemporâneos de Roberto Albergaria. A jornalista e amiga, Cleidiana Ramos<sup>50</sup>, que também recebeu com surpresa a notícia, externando o seu total desconhecimento sobre o fato.

A nova descoberta trouxe consigo uma série de novos questionamentos acerca desse fato, uma vez que não há, no exercício de tempo em que me propus apurar, nenhuma menção de Albergaria ao seu filho. Pelo contrário, dois anos após o nascimento da criança, que se deu em 2001, Albergaria escreve *ser: [...] completamente avesso à ideia de perpetuação da linda raça furta-cor dos albergaristas*<sup>51</sup>. *Eu sou lá melancia pra ficar enxendo o mundo com minhas sementinhas?*<sup>52</sup>

A partir das novas informações obtidas, procurei correlacioná-las com outras que já havia reunido anteriormente, a fim de desvelar os mistérios em volta desse filho “perdido”, que coincidentemente veio à luz, pouco depois de completar 18 anos de idade.

Em minhas reflexões sobre o caso, ainda quando não tinha tido a oportunidade de ouvir a versão do jovem rapaz sobre os fatos, cogitei a possibilidade de que o filho não tivesse conhecimento da identidade do pai até a sua maioridade, a saber pelo fato deste não ter requerido a pensão a que tinha direito, logo após a morte do pai, tanto quanto pelo fato de não ter participado, mesmo que na pessoa do seu representante legal, do processo de doação dos bens do pai à UFSB. Todavia, o fato do jovem carregar o sobrenome “de Oliveira”, me leva a crer que tenha sido registrado como filho legítimo de Albergaria, logo, sendo do seu conhecimento, a existência do menino, isso se a paternidade não foi reconhecida *post mortem*.

---

<sup>49</sup> BRASIL. Ministério da Educação. Universidade Federal da Bahia. Coordenação de Gestão de Pessoas. Portaria n° 182, de 4 de fevereiro de 2020. **Diário Oficial da União**: seção 2, Brasília, DF, ano 61, n. 25, p. 30, 05 fev. 2020.

<sup>50</sup> Informação concedida via aplicativo Whatsapp no dia 20 de julho de 2021.

<sup>51</sup> Oliveira, 2003. fl. 7.

<sup>52</sup> Id. fl. 22.

Numa rápida troca de mensagens que tive com o filho de Roberto Albergaria, pouco descobri, além do que o mesmo deixou transparecer com as poucas palavras dirigidas a mim.

Vou ser breve.

Eu não tive contato com o meu pai...minha mãe nunca quis tocar no assunto comigo quando eu tentava perguntar algo (na época que eu me dava bem com a minha mãe).

Peço desculpas por não poder ajudar e com toda sinceridade do mundo, é um assunto um tanto desconfortável pra mim...<sup>53</sup>

A descoberta desse filho desconhecido trouxe uma série de novos questionamentos sobre a vida privada de Albergaria, muitos deles tocam em questões que envolvem as suas relações familiares e afetivas. Contrapondo inclusive muito do que já havia sido relatado a mim por seus amigos. Contudo, como este não é o foco desta pesquisa, não me aprofundarei aqui sobre tais detalhes.

Outro fato curioso e digno de nota, é o que escreve sobre a origem do seu nome de batismo e a alternativa proposta a escolha:

*Foi este mesmo reprodutor (destinado a tal pelo próprio nome, "Genésio") que batizou como "Roberto" o bendito fruto do seu furor genésico: uma homenagem dele -- burroso arremedo de "galinha-verde"<sup>54</sup> simpatizante do nazifacismo durante a 2ª Guerra -- ao Eixo: RO (de Roma) + BER (de Berlim) + TO (de Tóquio). Mas esse alemanismo chulé era comum, naquele tempo, entre a mulataria pernóstica da terra (como hoje é o fuleirismo americanista dos Jeffersons e Andersons...).*

*E menos mal, porque o nome que preferia a minha Venturosa progenitora era "Alan Cardeque". Isso porque a cabeça enluada lá dela (enfizada criatura que, como o também monomaniaco Jesus, nunca riu desde que nasceu) vivia agoniada por uma legião de espíritos obsessores, noite e dia. E imaginava que eu devia reencarnar um dos seus sinistros encostos... (OLIVEIRA, 2003. fl. 1. Documento inédito)*

Não obstante, além de ter sido condenado a carregar consigo essa abjeta homenagem ao nazifacismo por onde fosse, quis o destino, também por intermédio genético dos pais, ainda lhe pregar mais uma das suas terríveis peças. O pequeno Roberto nascera com uma má formação congênita que afetou a coluna vertebral e conseqüentemente o sistema neurológico da criança.

Embora a família tenha procurado, sem obter sucesso, até mesmo na *mandigueira Cachoeira*, um tratamento para a sua moléstia, foi somente na capital

<sup>53</sup> Informação concedida via aplicativo Whatsapp no dia 20 de agosto de 2021.

<sup>54</sup> Galinha verde - Apelido pejorativo para os adeptos e simpatizantes do integralismo (movimento político brasileiro de inspiração fascista).

baiana, nas mãos de um famoso e audacioso cirurgião da época, que o pequeno Roberto encontrou alguma esperança de sobreviver.

*Ora, até que são Doutor Fernando Filgueiras fez uma razoável meia-sola na urubaquenta carcacinha daquela remelenta criancinha... O bom açougueiro me salvou da Morte Macaca -- mas fiquei meio tortinho pro resto da minha capenga existência. (E sem muita fé na Merdicina!). (OLIVEIRA, 2003. fl. 2. Documento inédito)*

Entre consultas, exames, cirurgia e recuperação, a necessidade constante de estar na capital à disposição para o seu tratamento, fez com que Roberto fosse hospedado em casa de suas *tias*, como são denominadas em suas memórias. Com o passar do tempo, ao invés de voltar para a casa dos pais, a criança acabou sendo enviada para morar com outra meia-tia *aparentada pelas enrolações penílicas anteriores de “Seu Genésio”*<sup>55</sup>.

Essa meia-tia vivia numa espécie de sítio, na época, muito distante do centro da cidade, localizado na região onde hoje é o bairro da Pituba em Salvador, BA. Ela costumava criar alguns animais, em especial um porco a quem dedicava especial afeição, mas que precisou ser sacrificado para alimentar a família *num momento em que a pindaíba era grande*<sup>56</sup>. Roberto, que, *aliás, nesta época já era muito gaiatinho por conveniência e gosto*, foi aos poucos conquistando o seu espaço, *primeiro no lugar do porco*, mais tarde no meio da *gentarada de adoção*.

Fora a figura do seu pai Genésio, não identifiquei, nas memórias de Roberto, nenhuma outra referência masculina em sua criação. Ele descreve a sua família adotiva como *uma daquelas casas-de-mulheres onde ficavam as “sobras” das famílias normais: as viúvas, as moças-velhas encalhadas, as “largadas do marido”, [...] as tabaroas do interior -- e, evidentemente, os meninos enjeitados*.<sup>57</sup>

Em oposição à maneira com que faz referência aos pais biológicos, ao rememorar a convivência com as suas incontáveis e inomináveis *tias*, Roberto o faz com muita ternura e gratidão, um reconhecimento pela herança dos valores que ainda trazia consigo quando adulto:

*Minha avó-torta, Dona Filinha (o “homem da casa”) era bem mais carola no início, mas quando começou a caducar ficou ótima. As outras tias também eram super gente fina! Foram minhas verdadeiras mães, [...] Enfim, “menino-*

<sup>55</sup> OLIVEIRA, 2003. fl. 2.

<sup>56</sup> Ibid., fl. 3.

<sup>57</sup> Ibid.

*criado-por-tia-vó”, até hoje guardo algum cueiroso cheirinho dessa complacente criação... (OLIVEIRA, 2003. fls. 3-4)*

Uma dessas indecifráveis *tias*, também teria sido a responsável por realizar a sua matrícula numa dessas *escolas-das-freiras*, colégio católico, sem muita relevância, se comparado com os grandes colégios católicos soteropolitanos da atualidade. Sequer recordava do nome da escola, mas notado mulherengo, como seria conhecido mais tarde, fez questão de ressuscitar a memória da *sua primeira paixão por uma freirinha espanhola que parecia a Virgem Maria*<sup>58</sup>. A quem acusava de despertar nele a paixão pelas palavras<sup>59</sup>.

E foi nessa escola que Roberto Albergaria aprendeu a arte de ler<sup>60</sup> (*para ficar treslido quando crescendo?*), dando origem a sua biblioteca pessoal, objeto deste estudo. Assim como aprendeu a escrever, mais tarde nos presenteando com pequenas porções do seu vasto entendimento sobre o mundo, em especial sobre a Bahia.

Dizia ter sido um estudante *passável, meio medíocre*. Sem interesse em se aprofundar nos estudos, e sem sofrer com as exigências das suas tias em relação a este tema. Roberto Albergaria também admite ter encontrado nessa liberdade as bases futuras para o seu método de ensino, como relata:

*Como quer que seja, sei que não dei desgosto a minhas acomodáticas tias, pois acreditavam, (como todo mundo na Bahia de Antanho) que “menino que estuda muito dá pra viado ou comunista”. Também a mais sabiamente desimplicante entre elas nem ligava para essa “aporrinhção de muito estudo”, pois vivia repetindo que “a melhor coisa da vida é nascer burro, viver ignorante e morrer de repente!”.*

*Aliás, olhando no retrovisor embaçado da vida, entendo que foi esta tia Waldertrudes (Todinha, cegueta e surda como uma porta), que mais me influenciou -- inclusive na atual doutrinação que faço com os meus alunos taludos da UFBA em prol da Gaia Insciência & Douta Ignorância pós-antropológica... (OLIVEIRA, 2003. fl. 4. Documento inédito)*

Talvez tenha sido no Colégio Central de Salvador, BA, já adolescente, que Roberto Albergaria tenha despertado para o interesse pela leitura, dando início a

<sup>58</sup> Ibid., fl. 4.

<sup>59</sup> Tal paixão fica evidente em sua biblioteca, dada a diversidade de dicionários que se pode encontrar pelo acervo, essas obras de referência não estão voltadas apenas para o uso culto da linguagem, mas todas as suas variações, regionalismos, grupos sociais, dentre tantos outros temas. Alguns exemplos:

MARZANO, Michela (dir.). **Dictionnaire du corps**. Paris (FR): PUF, 2007;

TACLA, Ariel. **Dicionário dos marginais**. Rio de Janeiro, Record, 1968;

VIP, Angelo; LIBI, Fred. **Aurélia, a dicionária da língua afiada**. São Paulo, Clara, [s.d].

<sup>60</sup> ADLER, Mortimer J. **A arte de ler**: como adquirir uma educação liberal. Rio de Janeiro, Agir, 1954.

construção da sua biblioteca pessoal ou *bisbilhoteca*<sup>61</sup> como preferia nomeá-la. Foi também no Colégio Central que nos últimos anos da década de 1960, conheceu um dos seus melhores, mesmo que raros, amigos. Essa amizade, futuramente, seria imprescindível para parte importante da construção desta biografia.

Seu amigo, é o também antropólogo Carlos Caroso (1950 - ). Professor Titular no Departamento de Antropologia e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia-PPGA da FFCH/UFBA. Sua história atravessa esta biografia em diferentes momentos e de diferentes maneiras.

Por meio dos laços de amizade com Roberto, na adolescência e depois na vida adulta, e isso até a sua morte. Durante esse período, em alguns casos, serviu inclusive como “mula”<sup>62</sup> para trazer ao Brasil muitos livros comprados a pedido de Roberto nos Estados Unidos da América.

Por muito tempo, circulou pelos corredores do campus Sosígenes Costa, a narrativa de que havia sido o professor Caroso, como é mais conhecido, que teria sido o intermediário na doação dos acervos bibliográfico, documental e tridimensional pela família de Roberto Albergaria à recém-criada UFSB, entidade na qual lecionava à época da doação. Fato desacreditado pelo próprio professor Caroso, em uma de nossas conversas, quando ainda acrescentou:

A UFBA não quis receber o acervo. Naomar, então reitor da UFSB, que também era de nossa geração e tinha grande admiração pelas "maluquices" de Albergaria teve contato do irmão dele oferecendo o acervo para a UFSB. Naomar me ligou e perguntou o que eu achava de recebermos. De imediato dei meu entusiasmado acordo, já que se tratava de preservar as memórias de nosso contemporâneo que dera uma grande contribuição para a popularização da antropologia na Bahia e eu conhecia sua "biblioteca". Poucos dias depois o acervo "aportou" no Campus e fomos Júlio e eu verificar o que excedia aos livros. Entre as versões construídas estava a de que o irmão teria vendido os livros e destruídos a coleção de objetos. Até mesmo que a UFSB (Naomar) teria comprado.

Outro motivo se dá pelo fato do professor Caroso, enquanto membro do corpo docente da UFSB, ter sido o fundador na mesma instituição do Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade - PPGES (Mestrado e Doutorado), no qual eu pleiteio com o desenvolvimento desta pesquisa o título de mestre.

---

<sup>61</sup> Ibid., fl. 11.

<sup>62</sup> Mula – Adjetivo informalmente atribuído às pessoas que praticam o tráfico internacional de drogas. Neste caso, o professor Caroso, ao tomar conhecimento da realização desta pesquisa, comentou em conversa via aplicativo Whatsapp no dia 19 de novembro de 2019 com o museólogo Júlio Cesar Chaves que havia servido como “mula”, trazendo muitos livros dos Estados Unidos para o professor Albergaria.

Retornando à Roberto Albergaria e às suas memórias, posso dizer que o mesmo não identificava nesse período de sua infelizmente breve vida, *uma única lembrança de algo de mais notável*<sup>63</sup>. Se percebia como um jovem sem muitas aspirações, *sem força de vontade e de espírito para nada*<sup>64</sup>. Evocava, para descrever esse período de sua biografia, o título da obra mais conhecida de um dos seus autores preferidos, como registra em um documento de seu arquivo.

O autor era Albert Musil<sup>65</sup>, e a sua obra, O homem sem qualidades<sup>66</sup>, de 1943, parecia, segundo Roberto, emprestar convenientemente o seu título e quem sabe, alguma característica do personagem do romance Ulrich, àquela fase.

Apesar de todo aquele marasmo comum a juventude, Albergaria faz memória à sua curiosidade, virtude natural a todo ávido leitor, como ele se revela na juventude, talvez até mesmo na infância, como sou levado a crer pelo fragmento de narrativa abaixo:

*O fato é que sempre fui um ladravaz de identidades, desejos, humores, idéias, etc. alheias. Gostava, roubava... ia enfiando tudo que queria ser, ter, sentir, pensar miolada curiosa adentro... Minha cachola mole funcionando noite e dia como uma albergaria super-hospedeira, novidadeira e inconstante (meu lado feminino?). (OLIVEIRA, 2003. fl. 4)*

Aos poucos o marasmo foi dando lugar às constantes agitações que pouco a pouco tomavam conta das ruas da capital baiana. O ano era 1968, a Ditadura Militar tinha sido implantada quatro anos antes, mas naquele ano “que não terminou”<sup>67</sup>, o Presidente Costa e Silva baixava o Ato Institucional nº 5, também conhecido como AI-5, que “produziu um elenco de ações arbitrárias de efeitos duradouros. Definiu o momento mais duro do regime, dando poder de exceção aos governantes para punir arbitrariamente os que fossem inimigos do regime ou como tal considerados”. (D’ARAÚJO, [s. d.]). E nesse contexto, “O Colégio Central era o epicentro do Movimento estudantil em Salvador”. (SOUZA, 2013. p. 42.).

---

<sup>63</sup> Ibid., fl. 5.

<sup>64</sup> Ibid.

<sup>65</sup> OLIVEIRA, Roberto Albergaria de. **Bolodórios**. Salvador, [s. d.].a. fl. 1. Documento inédito.

<sup>66</sup> MUSIL, Robert. L’homme sans qualités. Paris: Seuil, 1957.

<sup>67</sup> VENTURA, Zuenir. **1968: o ano que não terminou**. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

## 2.1 O início da vida *estripulítica*

São escassos os relatos deixados por Roberto sobre o período que marca a sua militância política nos tempos da Ditadura Militar na Bahia<sup>68</sup>. As pessoas que conviveram com ele, costumam relatar que ele evitava o assunto o quanto possível, não gostava de rememorar os eventos daquele período que, certamente, deixou marcas profundas em sua mente.

Dada a dificuldade em encontrar nos acervos de Roberto Albergaria elementos que me ajudem a reconstruir os episódios que envolvem o início da sua trajetória na militância política, recorro a estudos e relatos de terceiros que descrevem os fatos que ocorreram ao redor do então estudante secundarista, Roberto, na tentativa de compor o cenário em que estava inserido, quando aderiu aos ideais comunistas que floresciam vigorosamente por entre os corredores do Colégio Central.

O Colégio Estadual da Bahia ou Colégio Central, como é mais conhecido, apesar de já ter sido chamado por vários outros nomes desde a sua fundação em 1837, foi, nos seus quase dois séculos de existência, testemunha e até mesmo palco de muitas revoltas ocorridas na capital baiana.

Considerado como um colégio secundarista de destaque. Nas palavras do professor Caroso “tinha um ensino de [...] excelente qualidade na época” (CAROSO, 2014). Ao longo da sua história acolheu diversas personalidades e intelectuais baianos, tais como: Carlos Marighella, Cid Teixeira, Antônio Carlos Magalhães, Glauber Rocha, Ubiratan Castro Araújo, João José Reis<sup>69</sup>. Além de nos anos finais da década de 1960, ter passado por suas salas de aula, os jovens estudantes, Carlos Caroso e Roberto Albergaria de Oliveira.

No período da sua formação secundarista, Roberto e seus colegas encontram, no Colégio Central, um efervescente “centro irradiador de posturas de oposição à ditadura militar na Bahia.” (SOUZA, 2013. p. 43). No Colégio Central “[...] se fomentava, na época, toda essa insurgência política que fazia junto com a universidade, todo movimento de 68 e outras coisas semelhantes.” (CAROSO, 2014).

---

<sup>68</sup> ZACHARIADES, Grimaldo Carneiro (org.). Ditadura militar na Bahia: novos olhares, novos objetos, novos horizontes. v.1. Salvador: Edufba, 2009.

<sup>69</sup> LIMA, Déborah Kelman de. Memória do Colégio estadual da Bahia - Central: trajetória de excelência, declínio e descaso. **Biblioteca Virtual Consuelo Pondé**. Salvador, 07 de set. de 2016. Disponível em: <<http://www.bvconsueloponde.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=145>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

Dentro do colégio, o movimento estudantil voltava a ganhar força a partir de 1966, após ter sido dispersado pela violenta incursão dos militares, aos movimentos organizados após o golpe de 1964. (SOUZA, 2013. apud ARAUJO, 2000).

Sobre esse período, não são raros os registros que evidenciam o papel que o Partido Comunista Brasileiro – PCB, desempenhou na reorganização do movimento estudantil no Colégio Central, por intermédio de membros da base estudantil desse partido e que lá estudavam, escreve Souza (2013. p. 43. Apud ARAUJO, 2000; VALENÇA, 2001).

Havia nesse ambiente estudantil, também a influência de outros grupos políticos ligados à esquerda. Contudo, a forte ligação do PCB com os movimentos estudantis, com os trabalhadores e profissionais liberais, produziu um modo de “resistência inerente aos movimentos culturais e artísticos, adequada às peculiaridades da Bahia.” (SOUZA, 2013. p. 44).

Foi assim, por meio das diversas expressões artístico-culturais produzidas dentro do movimento estudantil, que no Colégio Central, o PCB marcou a sua posição naquele cenário político. Valendo-se do trabalho cultural como estratégia de engajamento dos jovens à causa revolucionária, o partido foi aos poucos fortalecendo as fileiras da militância comunista, entre os estudantes do Colégio Central.

Nas palavras da historiadora Sandra Regina Barbosa da Silva Souza, em sua obra: Ousar lutar, ousar vencer...<sup>70</sup> “Pode-se dizer que a atividade cultural fora, nesse momento, predominantemente, o grande canal de recrutamento de militantes para as organizações de esquerda e contestação do regime na Bahia.” (SOUZA, 2013. p. 45).

Foram diversos os motivos que levaram os estudantes baianos a ocuparem os espaços públicos da capital Salvador, com as suas reivindicações, já munidos dos ideais comunistas e conscientes do seu papel político na sociedade. Nesse ambiente de militância, sob forte repressão e violência do Estado, os amigos Roberto Albergaria e Carlos Caroso também saíam “às ruas para se colocar do ponto de vista político e ideológico, o que em nosso país significava, também, posicionar-se contra a ditadura militar que usurpara nossa liberdade de expressão.” (CAROSO, 2015).

Relatos evidenciam que a presença do movimento estudantil secundarista, naquele ambiente de conflito, se pautava na participação das manifestações de rua,

---

<sup>70</sup> A obra reúne uma série de depoimentos de estudantes do Colégio Central que participaram dos eventos em questão, oferecendo uma diversidade de olhares sobre os fatos aqui aclarados, e por isso é citada repetidas vezes nesse trecho da pesquisa.

passeatas, greves, etc. “As passeatas paravam inteiramente a cidade de Salvador [...] [e eram] praticamente permanentes.” (CAROSO, 2014). Contudo, o endurecimento das medidas repressivas, intensificadas ao final de 1968 com a publicação do AI-5, levaria muitos dos estudantes mais inconformados e beligerantes a se filiarem a partidos comunistas de luta armada contra a ditadura.

Se por um lado, os partidos comunistas almejavam arregimentar novos soldados para suas trincheiras por meio da arte, por outro, conseqüentemente, acabou despertando em seus “recrutas” quase que obrigatoriamente o hábito pela leitura, através dos grupos de estudos da Filosofia Marxista que existiam no Colégio Central. Sobre as práticas de leitura exercidas dentro desses grupos, Souza (2013 apud REIS, 2001, PINHEIRO, 2000, SARNO, 2001), assim relata:

As discussões teóricas eram intensas nesses grupos e ocorriam no grêmio e nas praias de Amaralina, Itapuã, Boca do Rio e Jardim de Alah. Alguns dos nossos depoentes, na época pertencentes a esses grupos de estudo, mencionaram como principais autores e objetos de análise: Lenin, Marta Harnekcher, Régis Debray, assim como os livros Princípios Fundamentais de Filosofia de Georges Politzer e Fundamentos de Filosofia de Yuri Afanassiev.

É preciso destacar aqui, que o ano de 1968 não foi marcado apenas pelos conflitos e transformações que ocorreram no Brasil. Naquele período, a juventude de todo o mundo também saía às ruas em oposição às diversas formas de ditadura que os oprimiam no exercício das suas liberdades.

Para além da formação política de esquerda, amplamente sustentada pelas obras da trinca sagrada dos “3Ms”<sup>71</sup>, é preciso destacar também o papel incendiário que algumas obras literárias exerceram sobre os revolucionários daquele período histórico mundo afora. Supondo inclusive que tenham influenciado o jovem Roberto Albergaria, que, como já explicitado, não estava alheio àquelas transformações.

Recorro ao artifício da suposição de que tenha sido influenciado, pois infelizmente, não encontrei no acervo da sua biblioteca pessoal, as obras literárias que serão citadas neste trecho da pesquisa, como algumas das grandes obras que inspiraram aquela geração<sup>72</sup>.

Contudo, devo registrar o meu estranhamento, ao perceber num primeiro momento, que não havia encontrado na biblioteca pessoal de Roberto Albergaria,

---

<sup>71</sup> Mao Tsé-Tung, Karl Marx e Herbert Marcuse

<sup>72</sup> A respeito dessas ausências, o professor Caroso justifica “Livros corriam emprestados de mãos em mãos. Não se tinha acervos pessoais por indisponibilidade de recursos e por serem “prova” da ideologia quando os jovens eram presos para interrogatórios.

obras de cunho ficcional. Inicialmente nenhum romance, crônica ou poesia foram auferidas. Fato, em minha opinião, no mínimo incomum, rara em se tratando de bibliotecas pessoais. Mesmo quando, por inúmeras vezes, Roberto Albergaria tenha dado provas orais e textuais<sup>73</sup> que também conhecia o universo das letras.

Esse fato me induziu à crença da possibilidade de que parte do acervo bibliográfico que pertencia ao professor, poderia ter sido separada do conjunto original, nos furtando a oportunidade de talvez conhecer mais uma das facetas de sua intelectualidade<sup>74</sup>.

Algum tempo depois, explorando os seus arquivos, fui aos poucos descobrindo novas caixas, ainda não abertas, que revelaram uma tímida coleção de livros de ficção, romance e poesia, que num primeiro momento pareciam guardar mais relações com os campos de pesquisa do professor Albergaria, do quê como objetos para seu entretenimento. Contudo, o tempo e o trabalho de pesquisa em seus acervos, acabou por revelar uma coleção aceitável de obras de gênero, e que contempla autores nacionais e estrangeiros, cujas obras vão desde clássicos da literatura mundial à autores locais, como Honoré de Balzac<sup>75</sup>, Fiódor Dostoiévski<sup>76</sup> Jorge Luis Borges<sup>77</sup> e Elieser Cesar<sup>78</sup>

Por outro lado, diante da crença inicial de escassez de obras literárias nesse acervo, um outro fato despertou a minha curiosidade. Crendo eu, que o professor não seria um apreciador do gênero, o considerável número de livros que se pode encontrar em sua biblioteca que versam sobre crítica e teoria literária, fez brotar em mim outros questionamentos acerca da sua presença.

Mais tarde, viria a saber que os dois gêneros mencionados, nesse universo particular, sequer guardam uma correlação. A presença das obras de teoria e crítica literária, como pude apurar, a partir de Hall (2003), se liga à biografia do professor, devido a sua importância para a Antropologia, pelas relações que se estabelecem

---

<sup>73</sup> OLIVEIRA, Roberto Albergaria de. **Bolodórios**. Salvador, [s. d.]. fl. 1. Documento inédito.

<sup>74</sup> O professor Caroso me relatou que de fato, o professor Albergaria não costumava adquirir obras de ficção, pois dizia ser perda de tempo se dedicar a esse gênero literário. Tal revelação me causou certa estranheza, uma vez que em muitos momentos o professor Albergaria dava provas de conhecer esse universo, inclusive elegendo alguns romancistas como um dos seus autores preferidos, como Robert Musil e Miguel de Cervantes.

<sup>75</sup> A mulher de 30 anos, 2000.

<sup>76</sup> Crime e Castigo, 1998.

<sup>77</sup> Cinco visões pessoais, 1985; Ficções, 1969.

<sup>78</sup> Os cadernos de Fernando Infante, 1997.

entre as duas disciplinas com início dos estudos pós-coloniais a partir da década de 1980.

De todo modo, volto à reflexão de que quando se perde partes de uma biblioteca, perde-se também parte das memórias que nelas estão impressas. A depredação das bibliotecas e conseqüentemente do seu valor memorial, muitas vezes ocorrem de maneira despropositada, são vítimas da negligência dos seus usuários e da displicência dos seus gestores. No contexto das bibliotecas pessoais, dos seus herdeiros e em alguns casos, dos próprios provedores. Por outro lado, há também aqueles que intencionam ocultar parte dessas memórias protegidas pelas bibliotecas, como fizeram os militares baianos, como denunciado por Brito (2008. p. 93), fazendo referência aos relatos de Baez (2006. p. 19):

O ato de queimar livros não foi inaugurado pelos militares baianos. É algo recorrente na história da humanidade, desde a Suméria até a guerra do Iraque. As ditaduras militares se apropriaram desta prática. Os exemplos citados no imediato pós-golpe nos remetem a refletir que o “livro não é destruído por ser odiado como objeto”, mas sim com a “intenção de aniquilar a memória que encerra, isto é, o patrimônio de idéias de uma cultura inteira”.

Obras como: “O lobo da estepe (1927), do alemão Hermann Hesse, Sexus (1949), do norte-americano Henry Miller, e os brasileiros Quarup (1967), de Antonio Callado e O prisioneiro (1967), de Érico Veríssimo”. (TOZZI, 2021), figuravam entre os livros mais lidos no Brasil em 1968 e conseqüentemente serviram de combustível, para as fogueiras nos pátios das universidades brasileiras tomadas pelos militares e, sobretudo, para os incendiários do intelecto dos revolucionários de 1968.

Enquanto isso, os militares baianos empreendiam uma furiosa campanha contra a tida “literatura subversiva” nas bibliotecas pessoais, públicas, escolares e principalmente universitárias, incendiando quaisquer dos livros que ao menos insinuassem inflamar as mentes e os corações daqueles estudantes que se colocavam em oposição àquela ditadura. “A mesma sorte não teve a biblioteca. Eles fizeram uma fogueira com os livros. Dizem que até uma gramática da língua portuguesa foi queimada porque tinha capa vermelha” (NASCIMENTO, 1999, p. 141).

Em sua tese de doutorado, Brito (2008) colhe uma série de relatos que narram alguns episódios envolvendo a destruição de livros pelos militares em Salvador, assim como os efeitos contrários que tais atos exerciam sobre os estudantes:

foram queimados diversos livros. Houve uma espécie de ritual de queima de livros. O livro adquiria uma simbologia importante tanto que organizamos posteriormente o clube do livro, espécie de embrião do grêmio estudantil.

Alguns dos relatos se destacam pela carga anedótica, que servem também para denunciar a falta de critérios para a destruição dos livros e a prisão dos seus portadores pelos militares no pós-golpe, que somente mais tarde refinariam os seus serviços de inteligência e critérios de repressão:

Chegou a ter uma prisão. [...] As pessoas enchiam as suas panelas nas suas casas com os livros que não tinham onde guardar; eles futucavam armário, futucavam tudo. Eu sei que na casa de um estudante de engenharia ele infelizmente botou em um lugar que foi visto o livro. E aí foi preso esse livro, foi levado esse livro, foi levado o rapaz entendeu [...] por que ele estava com este livro A resistência das massas [...] e eu nunca vou esquecer disto por que ele era de capa vermelha ainda por cima. [...] A resistência que era um livro de engenharia, a capa é vermelha, a gente foi preso por causa desse livro, você sabia?! Pois é [...] chama-se a resistência das massas [...] ave maria! [...] Os policiais analfabetos coitadinhos, pensaram que era um livro de revolução.

Ciente do envolvimento de Roberto Albergaria com a causa comunista em sua juventude, empreendi, sem sucesso, uma busca pelo seu acervo bibliográfico, a procura de uma coleção de livros ideologicamente “vermelhos”, à exemplo da Biblioteca Vermelha de Raimundo Jinkings<sup>79</sup>, na expectativa de encontrar alguma peça que me ajudasse a remontar as memórias deste período, raramente mencionadas por ele.

Tendo conhecimento do contexto acima descrito, porém, sem ter encontrado evidências claras que respondam aos meus questionamentos sobre esse tema, não me considero em condições de afirmar que, a ausência da temática comunista no acervo bibliográfico de Roberto Albergaria, se deva ao fato de que, em algum momento, se ele já existiu, pode ter sido confiscado e provavelmente destruído pelos militares. Ou, se tendo existido, foi de alguma maneira descartado pelo seu depositário, quando este decidiu romper para sempre com a causa comunista, após a sua prisão como descrevo mais à frente.

Caso a segunda razão seja verdadeira, uma das minhas hipóteses será então confirmada, pois parto do princípio de que uma biblioteca pessoal é fruto das escolhas intelectuais do seu depositário, que impactam e ao mesmo tempo refletem os rumos

---

<sup>79</sup> Cf. PINTO JÚNIOR, Antonio Carlos Pimentel. **A biblioteca vermelha de Raimundo Jinkings**: uma história de livros. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2011.

biográficos de ambos. Neste caso em específico, a ausência de alguns livros nos dizem algo, tanto quanto a presença de outros.

Todavia, embora todas as caixas com os livros que pertenceram ao professor já foram abertas e seus livros acomodados nas estantes enquanto aguardam o devido tratamento técnico. As caixas contendo os seus arquivos pessoais ainda não foram examinadas em sua totalidade. Não raramente, são encontrados entre esses documentos alguns livros perdidos ou intencionalmente unidos à coleção arquivística.

É possível que num futuro próximo, as minhas investigações deem conta de revelar outras facetas dessa biblioteca. Quem sabe o que ainda posso descobrir? Talvez uma faceta comunista do seu acervo, talvez algum segredo surpreendentemente revelador. O tempo ou essa biblioteca nos dirá.

## 2.2 Como nascem as *bisbilhotecas* pessoais?

Tentar responder a essa pergunta, talvez tenha sido uma das tarefas que mais tenha me provocado durante o desenvolvimento desta pesquisa, dada a complexidade da resposta e a escassez de referenciais teóricos para o embasamento das minhas reflexões acerca do tema.

No processo de construção desta biografia, que não trata de uma coisa só, mas de um conjunto delas, cuja qualidade dos seus componentes os aglutinam e os transformam em unidade (MELO, 2015. p. 20), de repente me vi perseguido pela necessidade, quase que pela obrigação, de responder à seguinte pergunta: Se o registro da biografia de alguém, normalmente tem como ponto de partida o nascimento do seu biografado, então como definir esse marco na biografia de uma biblioteca pessoal?

Se acaso este trabalho fosse dedicado ao registo biográfico de um objeto em particular, como o retrato do menino Bororo<sup>80</sup> ou mesmo o sabre do general José de San Martín<sup>81</sup>, possivelmente seria mais branda a tarefa de definir tal marco. Objetos oriundos principalmente da inventividade humana, mesmo que por estimativa, podem

---

<sup>80</sup> Cf. OLIVEIRA, João Pacheco de. O retrato de um menino Bororo: narrativas sobre o destino dos índios e o horizonte político dos museus, século XIX e XXI. **O tempo**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, p. 73-99, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tem/a/W49HmJhNTMDPYrGgBL3zd4x/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2011.

<sup>81</sup> Cf. ROCA, Andrea. A vida social de um emblema nacional: o caso do sabre do general José de San Martín (1778-1850). **Mana**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 121-149, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/mana/a/4WZF44DLjFrymKvngxcMyDx/?lang=pt>>. Acesso em: 01 ago. 2021.

ter suas datas e por vezes modos de nascimento definidos a partir da sua fabricação. O mesmo nem sempre ocorre com uma coleção<sup>82</sup> pessoal de objetos.

No contexto de tais coleções, cuja origem, segundo Moles (1981, p. 139), é resultado muitas vezes do acaso ou da aproximação de alguns elementos, a tarefa de demarcação temporal do nascimento de um acervo, é sempre intrincada pela informalidade com que ocorrem os processos que definem a gênese de uma coleção pessoal.

A mesma dificuldade não seria observada, por exemplo, na concepção de uma coleção sob a responsabilidade de uma instituição. Os processos em torno da criação de coleções, acervos e bibliotecas institucionais, como as bibliotecas públicas e universitárias, são, como de praxe, evidenciados e documentados pelas cerimônias de inauguração, coberturas jornalísticas, grafados em atas e portarias que servem à posteridade como certidões de nascimento para esses acervos.

Um outro fator que tende a complexificar o intento de se registrar o nascimento de uma coleção pessoal, é o fator quantitativo. Uma biblioteca, a exemplo de qualquer coleção, está intrinsecamente associada à noção de quantidade. Dessa forma, a posse de um objeto, mesmo que seja o único a existir no mundo, como o Codex Leicester<sup>83</sup>, não se configura como uma coleção.

Sobre o quórum de objetos necessários para que se dê vida a uma coleção, Moles (1981, p. 137) determina que seja considerada como coleção, a reunião de um mínimo de três elementos. Em contrapartida, Pomian (1984, p. 67) destaca que:

Quando se fala de coleção, supõe-se tacitamente que esta é formada por um certo número de objectos. Por isso, na definição dada no início introduziu-se enquanto *genus proximum* «um conjunto de objectos». Mas quantos objectos são necessários para que exista uma coleção? É evidente que, em abstracto, uma tal questão não tem resposta. [...]. Este número é, portanto, necessariamente muito variável no tempo e no espaço e só excepcionalmente pode servir para distinguir uma coleção de um conjunto de objectos que o não é.

De todo modo, ainda seguindo a linha de raciocínio de que as bibliotecas não são e muito menos se assemelham às coleções de objetos<sup>84</sup>, há de se discordar do

---

<sup>82</sup> Apesar de concordar com Pomian (1984, p. 53), quando afirma que as bibliotecas não podem ser percebidas como coleções, fazendo questão de separar os dois conceitos, nos próximos parágrafos, tomo a liberdade de fazê-lo, apenas pelo princípio da economia textual.

<sup>83</sup> Codex Leicester ou Códice Hammer refere-se a uma compilação de textos e desenhos de Leonardo da Vinci que foram coletados entre 1508 e 1510. Arrematado em 1994, por pouco mais de US\$ 30 milhões pelo empresário Bill Gates.

<sup>84</sup> Cf. Pomian, 1984, p. 53.

que apregoa Moles (1981), sobre sua concepção acerca da quantidade mínima de objetos que inauguraram uma coleção, se trazida para o contexto das bibliotecas. Pois, pensar em uma biblioteca que seja formada por apenas três exemplares, parece não fazer sentido ante ao senso de diversidade que estas sugerem.

Ainda que a ciência livresca aqui representada pela biblioteconomia possa dispor de estudos ou normativas aos quais não tive acesso, que estabeleçam um quantitativo mínimo de volumes a formatar uma biblioteca pessoal. Devo registrar que no contexto da pesquisa, observo que há uma escassez de estudos nacionais que debatam essa temática.

Mas, retornando à questão que deu origem ao que foi discutido até aqui, mesmo que ainda não consiga respondê-la, posso sugerir que as bibliotecas pessoais são materializadas a partir da relação íntima entre aqueles que desejam viver pelo que podem conhecer e aquelas que vivem pelo que podem ensinar. Assim, retorno ao meu intento, ainda desprovido de modelos quantitativos ou teóricos que me auxiliem na tarefa de responder QUANDO nascem as bibliotecas pessoais. Agora, me recoloco nessa discussão buscando refletir sobre COMO essas bibliotecas nascem.

O que proponho, como estratégia de reflexão, se fundamenta no papel que as bibliotecas pessoais desempenham diante das necessidades informacionais dos seus titulares. Partindo da assertiva de Moles (1978, p. 39), onde o autor destaca a relevância das bibliotecas pessoais no processo de construção intelectual de seu depositário, elas se configurariam como uma projeção externa e ampliada do pensamento e das possibilidades de produção intelectual do seu provedor.

Defendo a premissa de que tais bibliotecas são capazes de captar e preservar as características e desejos de ordenamento intelectual de um indivíduo. Também se apresentam como um esforço sempre incompleto de conferir materialidade a um plano de construção intelectual inalcançável. Ainda assim, é capaz de promover num ambiente tácito a expansão das capacidades produtivas do seu depositário. No caso de Roberto Albergaria, assim como outros intelectuais, sua produção política, profissional e científica.

No exercício de pensar o papel social das bibliotecas, é inevitável que sejamos levados a destacar o seu caráter memorial e arquivístico. Inconscientemente, imaginamos tais bibliotecas, como portais para o passado, as concebemos como espaços de preservação do conhecimento de outrora.

Equivocadamente, o que deixamos escapar às nossas reflexões acerca do tema, principalmente, no que tange às bibliotecas pessoais, é que elas são concebidas e utilizadas por seus titulares como uma ponte para o futuro. Ainda que insistamos em utilizá-las como um espelho retrovisor, olhando para o passado na tentativa de descobrir quem seus donos eram, as suas bibliotecas se impõem como faróis, iluminando o futuro, projetando à nossa frente a imagem de quem eles ambicionavam ser.

Ao nos debruçarmos sobre um acervo pessoal, é perceptível a relação entre este e os interesses do seu depositário, seus objetos de reflexão, quer sejam profissionais, culturais ou intelectuais.

Todo intelectual possui uma biblioteca, cujo arranjo e extensão são testemunhas dele mesmo, e é bem sabido que uma olhada na biblioteca de um intelectual diz muito sobre o que ele é, o que pensa, o que faz, sobre suas orientações políticas, seus gostos artísticos ou seus projetos recentes, pois ela é uma testemunha de sua atividade mais específica. (MOLES, 1978, p.40).

Portanto, reforço a ideia de que uma biblioteca pessoal é a potencialização e materialização do pensamento do seu titular, o seu acervo pessoal nos permite um vislumbre estendido da sua produção científica. Assim, os predicados desses acervos se destacam pela relevância do conteúdo encontrado em suas obras e não pela sua quantidade e constituição física (capa, formato, cor, tipo de papel) do material, assim como pelo uso que é feito dele (OSÓRIO; ALFANO, 1994, p.14).

Diante do exposto, reúno aqui como elementos dessa análise, na tentativa de proposição de um COMO as bibliotecas pessoais nascem, as noções de que essas bibliotecas são a expansão do pensamento do seu depositário. Em geral, tendem a evidenciar suas preferências nos diversos campos da intelectualidade (cultura, arte, política, ciências), dão materialidade ao que é gestado na abstração do intelecto humano e agregam valor à sua forma e conteúdo por meio da sua utilidade.

Em resposta à questão original, me atrevo à insinuação de que o nascimento de uma biblioteca pessoal não está atrelado à sua materialidade, como normalmente ocorrem com as bibliotecas institucionais, cujos “partos” são celebrados em cerimônias de inauguração devidamente documentadas.

Bibliotecas pessoais, como a do professor Albergaria, assim como a maioria dos seres dotados de vida segundo o conceito biológico, são primeiro fecundados, pelo desejo, pelo instinto ou pela sede de conhecimento, na solidão da intimidade do

corpo e mente férteis de um indivíduo, devidamente nutridas com alimentos e leituras cada vez mais complexas. Até o momento em que esses corpos e mentes<sup>85</sup> já não são mais capazes de comportar dentro de si a profusão de um ser que vive biológica ou antropologicamente.

Aí estão materializados, sob os aspectos dessa reflexão, os neonatos, dotados de vida própria, mas que encerram, em sua constituição, fragmentos biológicos e biográficos dos seus genitores. Precisam, ainda que por algum tempo, ser alimentados e protegidos, pois se trata de um “organismo em crescimento” (RANGANATHAN, 2009). Sob os cuidados dos seus depositários, serão providos de novos conhecimentos, mas também ensinarão, e serão determinantes no percurso biográfico dos seus criadores.

Por fim, quando encerrado o ciclo de vida desses indivíduos geradores, suas “crias” assumirão o papel memorial, de perpetuação ou pelo menos de prolongamento da herança genética e intelectual dos seus ascendentes.

É com base nessa proposta, que estabeleço no percurso desta pesquisa, que o marco inicial da biografia da biblioteca pessoal do professor Roberto Albergaria de Oliveira, não poderá ser definido com precisão por marcadores temporais, pois a sua concepção ocorre no plano das abstrações, desatada do conceito de materialidade, ou como denominaria Chartier (2013), fora da “compreensão histórica” e “descrição morfológica”. Circula alheia ao espaço-tempo e por isso, antes de ser, já era.

Seguindo o meu propósito, não me resta outra alternativa senão considerar que o nascimento de uma biblioteca, ainda que em abstrato, seja de alguma maneira ligado ao tempo presente do seu idealizador. Dessa maneira, eu poderia inferir que os processos que circundam a formação de um leitor, como propõe Freire (1989), se configuram como o embrião de uma biblioteca pessoal.

Por vezes, a consciência de um indivíduo, sobre a sua leitura fragmentada do mundo a sua volta, é capaz de despertar em seu subconsciente uma necessidade quase incontrolável de, nas palavras do próprio Roberto Albergaria de Oliveira (2013, fl. 12), desenvolver o seu *ecletismo enciclopédico* ou exercer a *chatíssima tarefa de entender um tantão, de um tantinho só*.

Sobre isso, Muñoz Cosme (2004, p. 10) escreve que “a biblioteca nasce da tensão entre um saber imperfeito, incompleto, desordenado e uma representação do

---

<sup>85</sup> Entenda-se por memória.

mundo como manifestação da ordem, regularidade e perfeição”. Nas palavras de Moraes (1998, p. 26), “é justamente a procura do que lhe falta”. Assim, como ocorre no processo de seleção natural que impera sobre a genética, o processo de produção intelectual que aflora em uma biblioteca é o resultado de uma série de cruzamentos e sobreposições de saberes anteriores, onde o seu aperfeiçoamento torna o conhecimento que se produz ali, mais forte e longo.

### **3. JOÃO: vida universitária e militância comunista.**

Muito do que será dito neste capítulo, não partirá de nenhum texto deixado pelo professor Albergaria, tampouco pude aproveitar os relatos que tive a oportunidade de colher entre os seus poucos amigos. Segundo o que relatam, o professor falava pouco sobre esse período. Talvez por que as sombrias memórias daqueles tempos difíceis não combinassem com a persona zombeteira que se propunha a interpretar. Talvez por serem dolorosas demais as lembranças daquela fase, que de diversas maneiras marcou a todos que por ela atravessaram.

Para embasar os eventos aqui descritos, recorro aos inquéritos policiais e matérias jornalísticas que dão conta de descrever os fatos ocorridos naquele período. Contudo, os relatos colhidos pelas autoridades policiais à época, que me ajudam a reconstruir esta narrativa, podem ter sido colhidos, como as evidências históricas dão conta de denunciar, sob meios de coação, ameaças e tortura. O que de alguma maneira, pode tornar tais depoimentos questionáveis à luz da verdade dos fatos. No entanto, como há consonância entre os depoimentos dos vários envolvidos, sou levado a crer que as fontes possuam certo grau de confiabilidade.

O ano era 1969 e o jovem Roberto Albergaria, que deixando o efervescente caldeirão político-cultural que o Colégio Central se tornara ao final de 1960, ainda trazia consigo a centelha que queimava nos corações e mentes daqueles que comungavam dos ideais revolucionários naquele contexto. Agora ingressava na vida acadêmica, como estudante do curso de Direito na Universidade Federal da Bahia, aos dezoito anos de idade. Vale destacar que naquele período, a maioria plena somente era alcançada aos vinte e um anos<sup>86</sup>. Fato que seria determinante em sua biografia, mais adiante. De todo modo, os anos e experiências acumuladas até ali por ele, não foram razão suficientemente capaz para conter os ímpetos do seu espírito

---

<sup>86</sup> BRASIL. Lei nº 3071, de 1 de janeiro de 1916. Institui o Código dos Estados Unidos do Brasil.

inquieta e revolucionário, incendiado tempos antes pelos discursos e ações que se deram no Colégio Central quando ainda era um estudante secundarista.

Foi *naquele tempo de fé no saber acadêmico, de devoção às generosas profecias dos [seus] semelhantes esquerdistas, de esperança na salvação política da humanidade baiana*<sup>87</sup>, que um dos seus personagens ganharia vida.

Como era de praxe entre os militantes comunistas daquela época, Roberto Albergaria, por razões que ao longo desta pesquisa não consegui apurar, escolheu para si, a mando de Renato<sup>88</sup>, o codinome JOÃO, pelo qual seria conhecido a partir dali pelos seus companheiros de militância.

A saga de João tem início, segundo Brasil (1971), nos corredores da Faculdade de Direito da UFBA, quando conhece por intermédio de seu amigo Renato Affonso, Carlos Henrique Leal Nascimento. Estudante à época do terceiro ano do curso de Direito, Carlos Henrique era o antecessor de Renato na liderança do grupo vinculado ao PCBR dentro da referida faculdade.

Aceito o convite de Renato e Carlos Henrique, João passa a frequentar reuniões na residência deste último nas quais conhece outros membros do grupo e recebe as suas primeiras missões.

Mesmo sendo o PCBR um braço esquerdista de luta armada contra a ditadura militar, as células do partido que atuavam no ambiente acadêmico, possuíam em seu rol de atividades, tarefas mais voltadas ao campo intelectual do que beligerante. Normalmente, os trabalhos desenvolvidos pelo grupo, eram o que o historiador e amigo Ubiratan Araújo (apud Souza, 2013) chamou de “ação clandestina de massa”, que num primeiro momento se caracterizava pela colagem de cartazes, pichações, panfletagem, distribuição de informes e difusão de boatos em oposição à ditadura militar que também havia se apoderado do sistema educacional do país.

Fora do ambiente acadêmico, o PCBR seguia com suas incursões subversivas tão comuns àquele período histórico para os partidos de esquerda radical como sequestros, assassinatos e assaltos a bancos. Como o que envolveu o seu

---

<sup>87</sup> OLIVEIRA, Roberto Albergaria de. **O Mestre relido (treslido?) por um aprendiz**. Salvador, 2002a. fl. 1. Documento na íntegra. Uma versão editada do texto original foi publicada no Jornal Correio da Bahia de 04 de agosto de 2002.

<sup>88</sup> Nessa época, segundo os inquéritos policiais, Renato José Affonso de Carvalho era o líder do grupo vinculado ao PCBR que atuava na Faculdade de Direito da UFBA.

correligionário Teodomiro Romeiro dos Santos, num episódio que culminou na primeira condenação à morte de um civil no Brasil republicano<sup>89</sup>.

Na relativa segurança do ambiente acadêmico, como rememora o professor Carlos Caroso<sup>90</sup>, em virtude das dificuldades locomotoras de João, sua militância ficou restrita ao trabalho intelectual dentro do partido, envolvendo-se poucas vezes com o trabalho em campo. Caroso acrescenta ainda que foi justamente em um desses raros episódios que foi preso, ao ser incumbido de entregar uma arma a outro militante em Sergipe, conforme o próprio Albergaria relatara. Sobre a(s) sua(s) prisão(ões), trataremos um pouco mais adiante.

Apesar das suas limitações físicas e inaptidão para a luta armada, João provou ser um combatente de valor para o PCBR, demonstrando que nas mãos certas, a pena pode ser tão poderosa quanto o fuzil.

O seu trabalho consistia, dentre outras tarefas, em converter novos militantes à “causa” e produzir materiais que ajudassem a propagar os ideais revolucionários do partido e do grupo entre os estudantes. Participou da edição de um jornal intitulado “A Luta”, cuja redação também contou com textos escritos por Roberto Albergaria. Por ordem do partido, a produção e distribuição dos jornais também ficaria sob a sua responsabilidade.

Uma outra ação política que João e outros dois membros do seu grupo realizaram naquele ano, foi a composição de uma chapa para concorrer às eleições do colegiado da dita faculdade. No entanto, sem sucesso. Meses depois, chegadas as férias escolares daquele ano, as atividades do grupo cessaram se reduzindo, antes, a alguns encontros de formação política<sup>91</sup>.

No ano seguinte, em 1970, Roberto Albergaria abandona o curso de Direito e se matricula, após aprovação no vestibular, no curso de História na mesma universidade. Apesar de não ter encontrado indícios que dão conta de esclarecer as razões que motivaram a sua mudança de curso, há uma breve menção do professor Carlos Caroso, sobre uma conversa a respeito desse tema tida entre os dois amigos,

---

<sup>89</sup> cf. ABAL, F. C.; RECKZIEGEL, A. L. S. O primeiro condenado à morte na República: Theodomiro Romeiro dos Santos e a Justiça Militar. **Revista História & Perspectivas**, [S. l.], v. 31, n. 58, 2019.

<sup>90</sup> Em depoimento dado na ocasião do exame de qualificação deste trabalho, onde o mesmo foi um dos membros da banca avaliadora em 25 de agosto de 2021.

<sup>91</sup> Cf. BRASIL, Circunscrição Judiciária Militar (6ª). Ação Penal nº 19/71. Agrupamento perigoso à segurança nacional e propaganda subversiva. Salvador, 31 de maio de 1971. p. 119. **BNM Digital**. Disponível em: <http://bnmdigital.mpf.mp.br/sumarios/300/212.html>.

nos idos da década de 1980<sup>92</sup>. Todavia, suponho que as suas motivações não se opunham às mesmas mencionadas pelo próprio professor Caroso, quando narra os eventos daquele período.

[...] ingressei no curso de Direito, em 1970. Já o curso de Direito era muito despolitizado nessa época. Tinha havido a repressão toda em 68, e as lideranças foram todas, enfim, presas, expulsas, banidas, então, estava muito despolitizado. Toda a universidade, no início da década de 70. (CAROSO, 2014).

Após o retorno às aulas, já no curso de História, João participou de algumas poucas reuniões, como ele mesmo relata em seu depoimento às autoridades policiais<sup>93</sup>, mas logo em seguida, se ausenta da vida militante e universitária, para a realização de uma cirurgia, sem mencionar detalhes acerca do procedimento. Mas provavelmente relacionada à sua neuropatologia.

Em seu relato, ainda esclarece que seu retorno à UFBA se dá no segundo semestre de 1970. Quando encontra seu grupo político com um número maior de membros, quando então é incumbido de novas tarefas, dentre as quais podemos destacar as seguintes.

Uma nova tentativa de composição de uma nova chapa para concorrer às eleições do diretório acadêmico, agora na Faculdade de Filosofia a qual fazia parte o curso de História. Porém, por falta de interesse político dos membros, não houve candidatos dentro do grupo dispostos a concorrerem ao pleito.

A criação de um novo jornal, denominado “Resistência Estudantil”, no qual escreveu um texto que versava sobre a reforma agrária. Ao qual também seria responsável pela produção e distribuição dentro da própria faculdade.

Outra atribuição dada a João na ocasião do seu retorno às aulas e atividades políticas, era a de que o mesmo deveria criar um novo grupo de militantes, composto por estudantes da Faculdade de Filosofia, tarefa cumprida com êxito pelo jovem camarada. Estes grupos de militância funcionavam dentro da UFBA também como grupos de estudos. Marco Antonio de Carvalho, relata em seu depoimento à polícia<sup>94</sup> que, nesses grupos, sob a orientação das lideranças, se estudava as obras de

---

<sup>92</sup> Cf. CAROSO, Carlos. Homenagem póstuma ao professor Roberto Albergaria. **APUB**, 2015. Disponível em: <<http://apub.org.br/homenagem-postuma-ao-professor-roberto-albergaria/>>. Acesso em: 25 jul. 2021.

<sup>93</sup> Cf. BRASIL, Op. cit, 1971.

<sup>94</sup> Cf. BRASIL, 1971.

Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Nelson Werneck Sodré, autores que podem ser encontrados na biblioteca do professor.

Dentre as diversas incursões realizadas pelos movimentos baianos de esquerda da Bahia naquela época, e isso inclui obviamente o PCBR, talvez uma das que mais se destacaram, tenha sido a Campanha do Voto Nulo. Nas palavras de Carlos Eugênio Paz<sup>95</sup>, o maior trunfo da resistência guerrilheira<sup>96</sup>, onde os movimentos de luta armada contrários à ditadura militar promoveram uma enérgica campanha panfletária e de pichações por todo o país, estimulando a população a boicotar as eleições legislativas de 1970.

Em contraponto a essa narrativa, Souza (2013. apud GUIMARÃES, 1970) nos diz que os resultados reais desta ação não alcançaram os resultados desejados pelos movimentos de esquerda, sobre a população baiana.

Para nós, é o caso de se perguntar se a campanha pelo voto nulo teria repercutido nas urnas positivamente para a esquerda. Guimarães, em seu trabalho sobre as eleições baianas de 1970, declarou que o resultado das urnas representou muito mais o desejo de uma faixa do eleitorado mais politizada, que não concordava com aquele modelo político e a falta de interesse do eleitor baiano em geral pelo pleito daquele momento, do que o reflexo da campanha pelo voto nulo dirigida pela oposição armada. Esse autor demonstra também que, em Salvador, a taxa de votos nulos permaneceu a mesma das eleições de 1966: 9,3%, e conclui que a campanha, efetivamente, não teve a ressonância esperada.

De todo modo, o insucesso na Campanha do Voto Nulo, não foi capaz de esmorecer os ânimos de João e dos seus companheiros, que seguiram com a realização dos seus encontros e tarefas dentro e fora do ambiente universitário.

Nesse ínterim, a polícia da época, como está evidenciado nos autos de sua prisão, atribuem ao militante a responsabilidade de inovar o sistema de comunicação entre os membros do PCBR que atuavam na capital baiana e na cidade de Aracaju. Inspirado pelos contatos que estabeleceu com células comunistas locais, após algumas viagens à capital sergipana, este passou a enviar através de textos cifrados, publicados em jornais impressos, as datas locais dos encontros do partido ou de seus membros para troca de informações entre as células das duas capitais.

---

<sup>95</sup> Outro notório guerrilheiro, filiado e comandante da Ação Libertadora Nacional - ANL

<sup>96</sup> SEREZA, Haroldo Ceravolo; MONTELEONE, Joana. Campanha do Voto nulo em 1970 foi a grande vitória da luta armada na ditadura, diz ex-guerrilheiro. **Opera Mundi**, 2015. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/samuel/40519/campanha-pelo-voto-nulo-em-1970-foi-a-grande-vitoria-da-luta-armada-na-ditadura-diz-ex-guerrilheiro>>.

Uma outra acusação que recaiu sobre João, como consta nos mesmos inquéritos policiais, foi a atribuição de que ele tenha auxiliado na fuga dos executores do que eu considero como o episódio que pôs fim a atuação do PCBR na Bahia. O assassinato do sargento Walder Xavier de Lima, episódio que ganhou notoriedade nacional por resultar na primeira condenação à morte do Brasil republicano. Tal episódio foi descrito em entrevista pelo próprio executor da ação, Theodomiro Romeiro dos Santos.

Os quatro caras, sem se identificarem foram chegando e agarrando imediatamente eu e o Paulo porque o Getúlio conseguiu fugir, trocando tiros. Eu estava com uma pasta na mão, com um revólver calibre 38 dentro. Paulo estava com um pacote de roupa. Eles tomaram a pasta e o pacote e depois de colocar as algemas nos jogaram no fundo do “Jeep”. Três entraram no carro, ficando um (o cabo Odilon) do lado de fora, trocando tiros com Getúlio. O “Jeep” andou alguns metros até alcançar uma pequena ponte sobre as águas do dique, por onde fugia Getúlio. Em meio ao tiroteio, eles me devolveram a pasta sem nem abri-la [...]. Walder tinha saltado e estava na porta do “Jeep” quando consegui, com a mão esquerda, abrir a pasta e pegar o revólver. Tentei acertar o Walder, mas o primeiro tiro falhou. Criou-se um pânico dentro do carro, agravando o clima já tenso pela troca de tiros. Dei um segundo tiro e acertei o Walder, e um terceiro em direção ao outro policial (José Felipe), mas a bala alojou-se no teto do “Jeep”. Ainda dei dois tiros, acertando um deles no Amilton Nonato. (ESCARIZ, 1980, p. 58-59).

Devo destacar que João foi formalmente acusado pela participação na fuga dos envolvidos no assassinato. Não foram encontrados nesta pesquisa bibliográfica, elementos que denunciasses tal participação. Apenas a evidência de que após o fato ocorrido, João teria feito, segundo ele mesmo relata, duas viagens à Aracaju com o objetivo de transmitir notícias sobre os fugitivos envolvidos no assassinato do sargento Walder Xavier.

Após o ocorrido, as atenções das forças policiais e militares soteropolitanas se voltaram para o PCBR e as atividades dos seus membros, agora, cada vez mais perigosas de serem cumpridas. Foi quando João e seus companheiros decidiram que era hora de encerrar as ações do grupo, no que ele mesmo chamou de *parar para pensar*<sup>97</sup>. Porém, já era tarde demais.

Em colaboração com a repressão, Carlos Henrique é, segundo acusa Renato Affonso, o responsável por “entregar tudo sem tomar nenhum tapa”<sup>98</sup>. A partir das

---

<sup>97</sup> cf. BRASIL. Circunscrição Judiciária Militar (6ª). Ação Penal nº 19/71. Agrupamento perigoso à segurança nacional e propaganda subversiva. Salvador, 31 de maio de 1971. p. 120. **BNM Digital**. Disponível em: <http://bnmdigital.mpf.mp.br/sumarios/300/212.html>.

<sup>98</sup> JOSE, Emiliano. Corpo amputado querendo se recompor. **Carta Capital**, 2013. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/corpo-amputado-querendo-se-recompor/>.

ditas informações colhidas, a polícia política soteropolitana passa a observar também aqueles que ainda não tinham antecedentes políticos, como era o caso de João, mas que de alguma forma estavam ligados a Renato Affonso, à época foragido no extinto Estado da Guanabara.

O ardil adotado pela repressão foi exitoso e culminou na prisão de um dos elementos chave da célula estudantil do PCBR<sup>99</sup>. Renato José Affonso de Carvalho, a partir do seu depoimento e conseqüentemente, dos subseqüentes, um a um, todos os membros do grupo do qual João fazia parte foram presos, torturados e indiciados por violarem a lei de segurança nacional<sup>100</sup>.

A partir deste ponto existem diversos relatos e versões acerca da prisão de João, que, por muito tempo, me induziram a crer que ele havia sido preso mais de uma vez, tantas eram as narrativas sobre o ocorrido. Todavia, tendo me aprofundado nos diversos contextos acerca dos fatos, pude apurar que todas as declarações a que tive acesso, certamente não passam de variações, versões ou fragmentações de uma mesma história.

Uma dessas narrativas dá conta de que João teria sido preso após um assalto frustrado ao Banco da Bahia<sup>101</sup>. Nesta versão do ocorrido, somos induzidos a crer que João tenha participado do assalto, o que é improcedente. No entanto, foram os eventos oriundos a partir dessa “expropriação”<sup>102</sup> que desencadearam uma série de conseqüências que resultaram na prisão de João e demais membros do seu grupo.

Outra dessas versões diz que João teria sido incumbido pelo partido de entregar uma arma a um dos seus companheiros, mas fora interceptado pela polícia de posse de um revólver e por isso preso por colaborar com a luta armada de esquerda<sup>103</sup>. Suponho que esta variante seja também uma mistura de várias histórias, já que há relatos de que João foi preso ao cumprir uma de suas missões, ao conduzir uma pessoa e não uma arma, e a apreensão de duas armas de fogo em sua residência, quando da sua prisão.

---

<sup>99</sup> BAHIA prende grupo de subversivos. **Jornal do Brasil**. Guanabara, 05 de mai. de 1971.

<sup>100</sup> BRASIL. **Decreto-Lei n° 898**, de 29 de setembro de 1969. Define os crimes contra a segurança nacional, a ordem política e social, estabelece seu processo e julgamento e dá outras providências.

<sup>101</sup> Cf. RAMOS, 2015.

<sup>102</sup> Termo utilizado pelos militantes de esquerda para se referir aos assaltos praticados pelos seus grupos à época.

<sup>103</sup> Segundo relato do professor Caroso, na ocasião do exame de qualificação desta pesquisa, no dia 25 de agosto de 2021.

Para José (2018), a prisão de João ocorreu logo após ele ter deixado Maria da Glória Midlej Silva (Góia) na Rodoviária para encontrar o seu então namorado, Renato Affonso, que estava escondido no Estado da Guanabara. Seguida por policiais, Glória e Renato foram presos no Rio de Janeiro e João preso em Salvador. Outra versão parcial dos fatos, se considerarmos como verdadeira a declaração aqui resumida do relato do Agente auxiliar da polícia federal, José Felipe Filho:

Em cumprimento de ordem deste Gabinete, para prestar auxílio aos agentes do CODI na detenção do indivíduo Roberto Albergaria de Oliveira, residente a Rua São Paulo nº 32 na Pituba, tenho a relatar o seguinte:

Chegando ao local, foi notado a presença de Roberto que se encontrava na varanda de sua residência sentado em uma cadeira, tomando sol. Em uma ação rápida entramos, conseguindo detê-lo.

Dando uma busca em sua residência, conseguimos arrecadar duas armas: sendo um rifle de calibre 22 nº 19023 e uma pistola modelo 1917 nº 3600, calibre por mim ignorado, assim como também a sua marca. Estas armas foram entregues a esta Chefia, não sendo encontrado nenhuma espécie de munição.

Esta diligência foi efetuada no dia 6 de fevereiro de 1971. (BRASIL, 1971. p. 44)

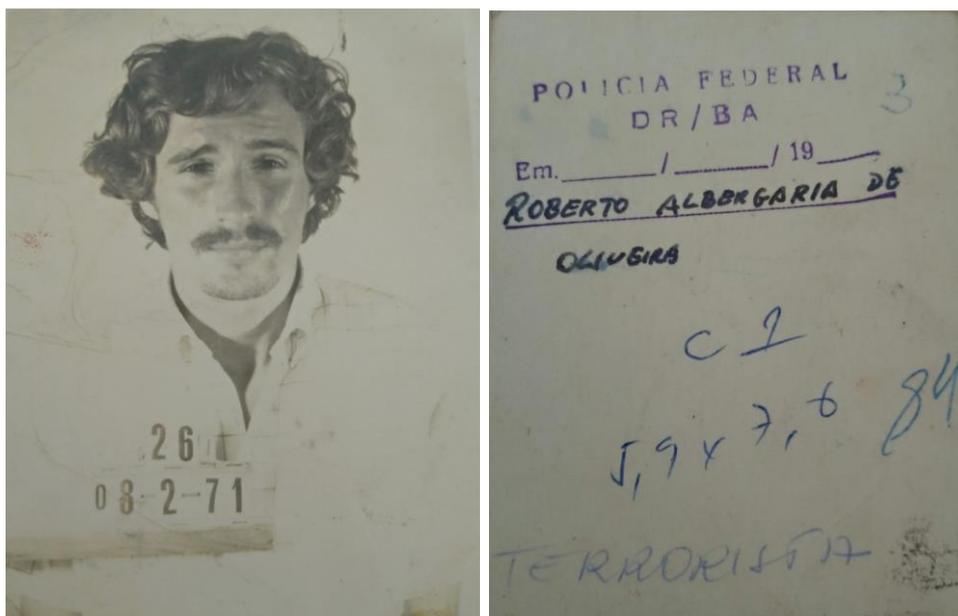
Pelo apurado, foram as delações dos seus companheiros quanto ao seu envolvimento com o PCBR e também a apreensão das referidas armas que serviram de motivo o bastante para justificar a prisão de João. Contudo, o rifle e a pistola, tidas pela polícia como pertencentes ao arsenal utilizado pelo PCBR, pertenciam ao seu irmão Walter Francisco e ao seu pai Genésio<sup>104</sup>, respectivamente, como mais tarde ficaria provado em juízo. Coube ao Delegado Regional Luiz Artur de Carvalho indiciá-lo pelas violações dos artigos 43 e 45 do Decreto-Lei nº 898/69. Lei de Segurança Nacional.

Figura 1 - Roberto Albergaria de Oliveira na ocasião da sua prisão como terrorista

---

<sup>104</sup> *Ibidem*

Fonte: Arquivo pessoal de Roberto Albergaria (1971)



João esteve preso na Penitenciária Lemos Brito entre os dias 06 de fevereiro de 1971 até 20 de julho do mesmo ano, quando foi agraciado com a possibilidade de responder ao processo em liberdade. Durante esse período foi duramente torturado, como relata o amigo Mário Kertész<sup>105</sup>. Em mensagem enviada ao seu médico, Francisco Hora de Oliveira Fontes<sup>106</sup>, o próprio Roberto, também faz menção a essas seções de tortura.

### **3.1 Quando o aprendiz de feiticeiro que [se] tornara encontrou o velho bruxo Cid Teixeira.**

Em paralelo às suas peripécias no campo político, e mesmo após abandoná-las, *depois de “cair no pau” (no bom sentido?) e “tirar curso de leão, por um tempão”*<sup>107</sup>. Roberto Albergaria também se dedicava às suas atividades acadêmicas, nos cursos de Direito que abandonaria em 1969 e em seguida de História a partir de 1970. Foi neste último que Roberto conheceu *o professor que mais marcou a [sua]*

<sup>105</sup> PARANHOS, Felipe; SILVEIRA, Bárbara. A Rádio-Mamãe se despede. **Jornal da Metrópole**. Salvador, 09 de jul. 2015. Disponível em: [https://api.metro1.com.br/arquivos/jornal/12/ARQUIVO\\_JORNAL.pdf](https://api.metro1.com.br/arquivos/jornal/12/ARQUIVO_JORNAL.pdf). Acesso em: 12 set. 2021.

<sup>106</sup> OLIVEIRA, Roberto Albergaria de. **[Correspondência]**. Destinatário: Francisco Hora de Oliveira Fontes. Salvador, [2007]. 2 fls.

<sup>107</sup> OLIVEIRA, Roberto Albergaria de. **Memoriosa macaqueação de mim mesmo(?)**: um retrato borrado de um doutor miado, diriam.... Salvador, 2003. 18 p.

formação no curso de História que [fez] quando era um menino grande irrequieto e perguntador<sup>108</sup>.

O professor era Cid José Teixeira Cavalcante, ou simplesmente Cid Teixeira, como era mais conhecido. Mas, assim como ocorreria anos mais tarde com o professor Albergaria, ao professor Cid, lhe eram atribuídos tantos outros nomes e títulos que faziam jus a sua relevância intelectual. Mestre, Senhor História, Enciclopédia da Bahia e Memória Eterna da Bahia, eram alguns dentre tantos.

Para Roberto, Cid era o *Velho Bruxo* que *através da sua língua mágica [...] é o grande sedutor dos meninos curiosos que nós somos -- aquele que provoca nossa curiosidade, que faz a tribo amar a si mesma, seu passado...* (OLIVEIRA, 2002a. fl. 2. Documento inédito). Décadas mais tarde, confessa em um e-mail enviado, cuja cópia se encontra em seu arquivo pessoal, a quem suponho ser um dos tantos jornalistas que o procuravam, que o Cid Teixeira era o seu principal modelo intelectual<sup>109</sup>.

Observando as tantas semelhanças entre os modos de ensinar que ambos adotaram, a exemplo do modo com que fundiam a erudição com a imaginação historiográfica, ciência e fuxico, seriedade e bom humor. Arrisco dizer que, no momento oportuno, teria sido o professor Cid quem tenha inspirado, salvas as devidas proporções, o modo de ser, agir e atuar de um outro personagem que dividia espaço com João, e talvez o mais famoso deles, o dr. Albreguinha.

Basta que comparemos, mesmo sem muita profundidade de análise, a trajetória dos dois mestres, que rapidamente encontraremos diversos pontos de contato que evidenciam o quão relevante, para a trajetória de Roberto Albergaria, foi o encontro com o professor Cid, que afetuosamente costumava dizer que o seu devotado aprendiz de feiticeiro *tinha cara de judeu cobrador de prestação de mobília*<sup>110</sup>.

Como campo de estudo, dedicaram as suas vidas e obras ao descortinamento dos mistérios que se escondem por entre as entrelinhas antropológicas e

---

<sup>108</sup> OLIVEIRA, Roberto Albergaria de. **Roteiro que usei em meu depoimento no vídeo de Gaguinho, “Cid, enciclopédia da Bahia” e que me espichei um pouco depois da nossa conversa de ontem com Flávio Novaes, autor da matéria “Senhor História”, Correio da Bahia, 4. ago. 2002 Caderno Repórter, p. 1-7.** Salvador, 2002. 03 p.

<sup>109</sup> OLIVEIRA, Roberto Albergaria de. **Para Mateus com H** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <mateus\_de\_melo@hotmail.com> em 02 out. 2003.

<sup>110</sup> OLIVEIRA, Roberto Albergaria de. **O Mestre relido (treslido?) por um aprendiz.** Salvador, 2002b. fl. 3.

historiográficas da *Terra-Mãe-Bahia*. Seguindo o exemplo de uma outra referência intelectual de João, o colega historiador e tantas outras facetas mais, Luís da Câmara Cascudo<sup>111</sup>. Ambos se dedicaram ao ofício de *eruditos de província* e de *dublês de cientista*.

No ramo da docência acadêmica propriamente dita, *em meio aos ventos uivantes das montanhosas alturas de São Lázaro*<sup>112</sup>, os dois mentores se dedicavam em desenganar os seus pupilos *da cartilha dos profetas daquela futura Bahia paradisíaca* que tantos ainda sonham. Apesar do bom humor, de cada um à sua medida, havia profunda seriedade no que pretendiam. Eram *mestres que sabiam rir*<sup>113</sup>. Que conduziam seus noviços à busca do *sentido equívoco do não-dito*. Que os *estimulavam a reimaginar o passado, também os desenganando do futuro*.

O apreço que guardavam pela compreensão da relevância da divulgação científica, como instrumento de popularização dos saberes acadêmicos, também foram a tônica do trabalho/missão intelectual desses dois Exus enviados das *alturas malassombradas de São Lázaro*.

Hábeis mandingueiros da linguagem, dominavam a arte de misturar *ciência e fuxico, erudição e imaginação historiográfica*. Criavam sua própria Meta-História<sup>114</sup>, para explicar A teoria como ficção<sup>115</sup>. Desse modo recriavam também no imaginário popular, novos modos de compreensão das suas origens, do seu território e das suas estruturas sociais.

A antipatia que a dupla nutria pelos ditos vícios do bacharelismo, se materializa em um modo simples, direto e nada enfadonho, em alguns momentos até mesmo cômico, de comunicar as descobertas *novidadeiras* do distante e elitista mundo acadêmico. Oliveira (2003. fl 02), ao denunciar as acusações infligidas a seu velho mestre, com palavras que eu atrevidamente sequestro para fazer o mesmo em sua defesa, digo que o professor Albergaria fôra, assim como Cid, um:

---

<sup>111</sup> Civilização e cultura, 1983; Sua vida e obra, 1969; Literatura oral no Brasil, 1984; Flor dos romances trágicos, 1966; Mouros, franceses e judeus, 1967.

<sup>112</sup> No Largo de São Lázaro, está localizado o Campus Ondina da UFBA, sede da FFCH, onde estudou e lecionou o professor Roberto Albergaria.

<sup>113</sup> Roberto Albergaria não apenas sabia rir, também o tinha como objeto de estudo: ALBERTI, Verena. O riso e o risível: na história do pensamento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999; MINOIS, Georges. História do riso e do escárnio. São Paulo: Unesp, 2003; PALMER, Jerry. Taking humour seriously. New York (USA): Routledge, 1994.

<sup>114</sup> WHITE, Hayden. Meta-História: a imaginação histórica do século XIX. São Paulo: Edusp, 1995.

<sup>115</sup> MANNONI, Maud. A teoria como ficção. Rio de Janeiro: Campus, 1982.

*incompreendido pelos que confundem divulgação científica com superficialidade, falar bem com falácia, embromação... (o historiologuês e antropologuês da academia é incompreensível) [tensam (sic) que quem tem talento para o trabalho de vulgarizar é vulgar...]*

Pela habilidade que tinham em comum de vulgarizar as complexidades do mundo e principalmente da Bahia, cada um, a seu modo e em seu tempo, foram, pouco a pouco, fazendo-se ouvir para além dos altos e proibitivos muros que circundam as torres de marfim, o *cenáculo dos especialistas*, para ganhar as massas pelo rádio e pela televisão.

### 3.2 A biblioteca *malassombrada*

Rememorando a sua formação francesa nos tempos de juventude<sup>116</sup>, o professor Albergaria evoca a lição aprendida com o sábio Michelet<sup>117</sup>, de que a História seria um ramo encoberto da necromancia. Pensamento confirmado por Le Goff (1979, p. 20), que reconhece o próprio Michelet como um necromante. Sob essas bases se sustenta a ideia *albergarista* de que o historiador<sup>118</sup> exerceria um tipo de sacerdócio, cuja vocação seria falar pelos mortos ao mundo dos vivos, trazendo *alguma consolação aos sobreviventes*<sup>119</sup>.

Desse modo, a biblioteca *malassombrada* de Roberto Albergaria, se constrói sob os fantasmas dos que já partiram, mas que nunca puderam desfrutar do descanso eterno. Estão condenados à profanação intelectual, deste *perigoso intermediário. Figura inevitavelmente escorregadia, que se move nas dobras desse intermúndio (controlado pelos senhores das riquezas e poderes presentes)*<sup>120</sup>.

As obras sacrílegas desses necromantes, aos quais se junta o nosso aplicado professor, se materializam do lado de cá, também na forma de incontáveis livros, que assombram essa e outras bibliotecas com as vozes que ecoam entre *um passado cujas relíquias tenta decifrar e o futuro imaginosamente pressagiado*. (OLIVEIRA, 2002b. fl. 1).

Os livros de história que assombram a biblioteca do professor, falam pelos mortos que existiram e atravessaram diversos períodos históricos, mas em seu

<sup>116</sup> Cf. OLIVEIRA, 2002a, fl. 1.

<sup>117</sup> Jules Michelet (1798-1874)

<sup>118</sup> O trocadilho defuntólogo era o termo comumente utilizado por Roberto para se referir aos historiadores.

<sup>119</sup> Oliveira, op. cit.

<sup>120</sup> *Id.*

conjunto, também são capazes de comunicar a vida que existiu ali para além do seu tempo. Nesse caso específico, fala da vida de um *capengante históriador/necromante*, que lia nos ossos do seu ofício, *os obscuros sinais dos tempos*. Assombrando o presente com os seus agouros sobre um futuro incerto e uma *morte macaca*.

Ao começar a desenvolver os estudos sobre a biblioteca do professor Roberto Albergaria, tinha em mente a ideia de que não seria possível sincronizar a biografia dos dois objetos de pesquisa. Uma vez que, por suposição, imaginava que a sua biblioteca pessoal teria se materializado como tal<sup>121</sup>, apenas a partir do seu retorno para o Brasil em 1981. Quando eu supunha ser o período em que os outros personagens, principalmente o professor Albergaria, estariam melhor estabelecidos financeiramente, embora *nunca tive[sse] muito senso prático ou competência para ganhar dinheiro*<sup>122</sup>. *Também não conseguiria encontrar outra profissão em que “fosse pago para ser escutado”*<sup>123</sup>.

Considerava também outros impeditivos para a criação e manutenção de uma biblioteca pessoal antes do período mencionado, como possíveis apreensões policiais nos tempos de comunista, ou mesmo as dificuldades logísticas e talvez econômicas em transportar um acervo, mesmo que pequeno da França para o Brasil. Contudo, as minhas suposições caíram por terra, a partir do instante em que comecei as minhas investigações pelo fantasmagórico acervo.

Conforme discussão apresentada no capítulo anterior, no qual apresento a dificuldade que nós bibliotecários, assim como outros pesquisadores do tema, bibliotecas pessoais, encontramos para estabelecermos uma data de nascimento para estas bibliotecas. Neste caso em específico, também não foi uma exceção. Embora Pedrão e Murguia (2013, p. 407) nos apresentem alguns casos em que certas bibliotecas pessoais tiveram suas origens na infância dos seus titulares, essa não é uma regra. E a partir do material bibliográfico analisado na biblioteca do professor, não foi possível encontrar nenhuma evidência material da sua gênese neste período histórico.

Com relação ao período pré-universitário, já é possível encontrar alguns livros aleatórios, orientados à preparação para o vestibular, que sugerem pertencer à essa

---

<sup>121</sup> Conforme o conceito apresentado no capítulo anterior.

<sup>122</sup> OLIVEIRA, 2003. fl 7.

<sup>123</sup> *Ibid.*, fl. 14.

fase biográfica de ambos. Mesmo não sendo possível determinar com exatidão a correlação cronológica entre tais livros e períodos, lanço mão de análise para, através do nexo entre conteúdo temático, marcas de proveniência bibliográfica e estado de conservação da obra, poder inferir o seu lugar nessa cronologia.

Por meio desse método, foi possível descobrir inclusive, que ao contrário do que eu pensava no início da pesquisa, muitas obras foram adquiridas e mais tarde trazidas ao Brasil por Albergaria, na ocasião do seu retorno, a pelas marcas e etiquetas de sebos franceses que ainda são guardadas em alguns livros.

Um passeio pelos corredores dessa biblioteca, traz à tona uma série de questionamentos acerca do seu conteúdo, mas também muitas revelações, como a mencionada acima. Outro elemento que me despertou curiosidade, foi a presença de obras antigas, algumas com mais de um século de publicação, como é o exemplo de A descoberta do Brasil<sup>124</sup>, de 1908. Esses achados me fizeram pensar que Albergaria, além de um *voraz comedor de papel*, se dedicava à bibliofilia.

Outro célebre bibliófilo, José Mindlin, afirma que “bibliofilia significa nada mais nada menos que amor aos livros” (MINDLIN, 2009. p. 47). No entanto, me desviando do significado etimológico dos conceitos, percebo que há uma diferença entre os que amam os livros e os que amam o saber que os livros carregam.

Na minha percepção, o ato de amar os livros, evoca o sentido que Pomian (1984) já nos trouxe na introdução deste trabalho, o da objetificação do livro e consequentemente a transformação de um livro em item colecionável ou da sua biblioteca em uma coleção, sob os aspectos já apresentado pelo autor. Nesse sentido, o livro adquire um valor material para o seu proprietário e a preservação da sua integridade se torna a tônica do ato de colecionar.

---

<sup>124</sup> FONSECA, Faustino da. A descoberta do Brasil. 2. ed. Lisboa: Livraria Central de Gomes de Carvalho, 1908.

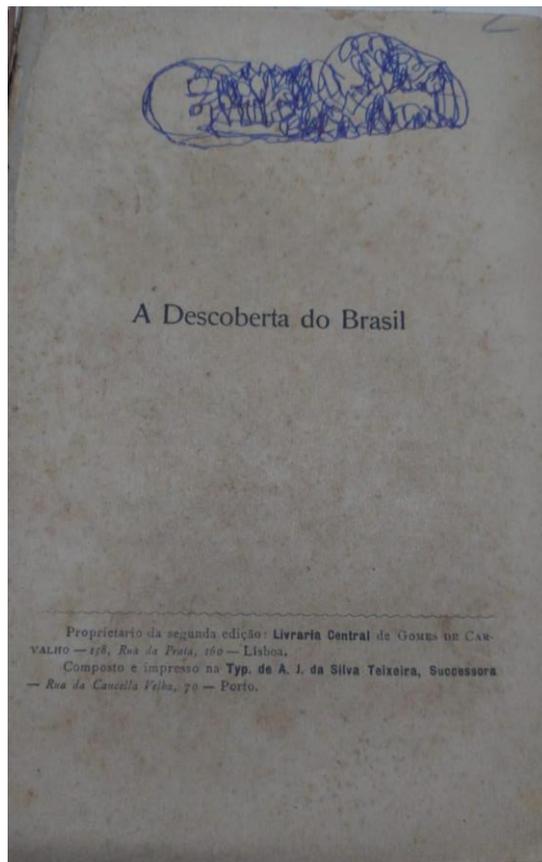
Partindo desse princípio, uma rápida folheada pelas obras, inclusive as mais antigas desse acervo, já é o suficiente para percebermos as marcas de um total despreendimento do proprietário da coleção quanto ao valor material que tais obras poderiam representar. Digo isso, me baseando nas rasuras e remendos que fariam revirar em seus caixões, quaisquer restauradores, bibliófilos, antiquários ou mesmo bibliotecários já falecidos e que encheria de terror a qualquer um desses ainda vivos.

Figura 2 - Tentativa de reparo e identificação



Fonte: Autoria própria (2021)

Figura 3 - Rasura nas marcas de antigos proprietários



Fonte: Autoria própria (2021)

Por essa razão, me aproximo ao que Taleb (2021, p. 13) pensa acerca do tema, quando faz referência a outro importante acumulador de livros.

O escritor Umberto Eco pertence àquela reduzida classe de doutos acadêmicos que são enciclopédicos, perspicazes e nada enfadonhos. É dono de uma vasta biblioteca pessoal (contendo 30 mil livros) e separa os visitantes em duas categorias: aqueles que reagem com “Uau! *Signore professore dottore Eco*, que magnífica biblioteca o senhor tem! Quantos desses livros o senhor já leu?” e os outros — uma minoria muito pequena — , que entendem que uma biblioteca particular não é um apêndice que estimula o ego, mas uma ferramenta de pesquisa. Livros lidos são muito menos valiosos do que os não lidos.

Desse modo, sou levado a crer que João, e todas as outras *personas* de Roberto Albergaria que se relacionaram com aqueles livros, os tinham como uma ferramenta contra a sua douta ignorância<sup>125</sup> e nunca como um objeto de veneração, no sentido laico do termo. Para isso, ele tinha as suas Padilhas e Caboclos. *Intrigante belezura de todas elas! Certamente, não as cultuo (num sentido candomblecista e*

<sup>125</sup> NICOLAU. A douta ignorância. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2002.

*umbandista estrito). Acho mais que as admiro... e que as amo fielmente – ainda que meio descaradamente... (OLIVEIRA, [s.d.]b. fl. 4)*

Figura 4 - Roberto Albergaria e as suas Padilhas.

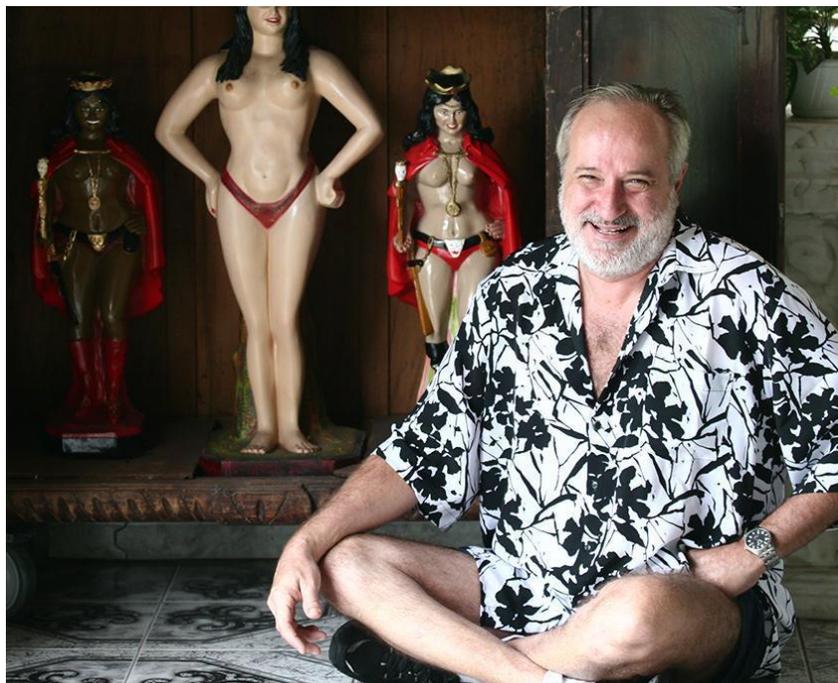
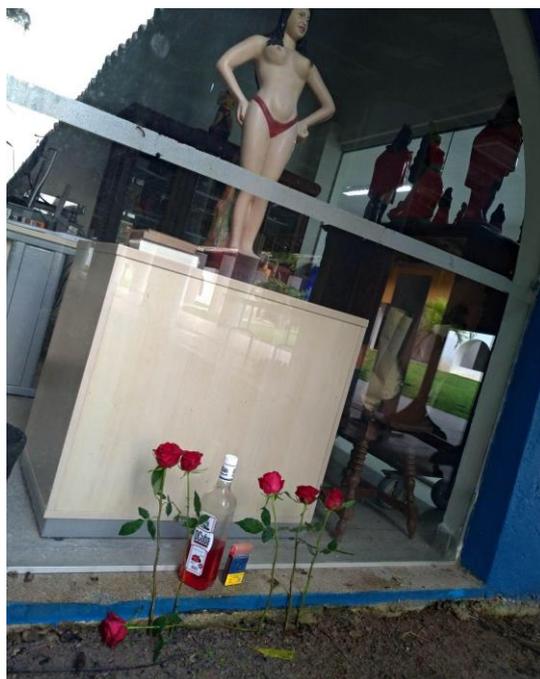


Foto: Xando Pereira | Ag. A Tarde | 14/11/2006.

Fonte: <https://flordedende.com.br/sobre-albergaria-saudade-e-o-2-de-julho/>

Figura 5 - As Padilhas de Roberto Albergaria continuam sendo cultuadas pela comunidade UFSB.



Fonte: Autoria própria (2022)

Para ouvir os diálogos dos mortos<sup>126</sup>, foi necessário que professor Albergaria reunisse em sua biblioteca/necrópole um rico acervo, formado pelas obras de renomados *defuntólogos*, assim como também de alguns “necrófilos”. Aqueles que também se aventuram pelos campos-santos da história. Porém, sem as bênçãos dos *prestigiosos maiores que ocupam toda a boca da cena da produção científica*<sup>127</sup>, como o jornalista Eduardo Bueno<sup>128</sup>, que como os professores Cid e Albergaria, usa sua influência nos canais midiáticos para fazer memória aos eventos históricos do Brasil<sup>129</sup>, dotando as suas narrativas do mesmo tom de *fluxico* adotado pelos dois mestres.

Para além dos mais celebrados teóricos da historiografia francesa, dos quais adentro mais no próximo capítulo, chama a atenção o volume de obras cuja autoria pertence aos grandes nomes da historiografia brasileira, tais como: Silvio Romero<sup>130</sup>, Capistrano de Abreu<sup>131</sup>, Gilberto Freyre<sup>132</sup>, Sérgio Buarque de Holanda<sup>133</sup>, Nelson Werneck Sodré<sup>134</sup> e Florestan Fernandes<sup>135</sup>.

A maioria deles, de inspiração e formação francesa, guardam em suas obras os elementos característicos que definem o seu estilo, como tento demonstrar no próximo capítulo. De todo modo, a característica comum a todos eles, que é o olhar genuinamente brasileiro, sobre os nossos problemas e potenciais, serviram aos seus leitores, incluindo o professor, como chaves de compreensão da fabricação da nossa identidade nacional, e por que não, baiana.

<sup>126</sup> LUCIANO. Diálogos dos mortos. São Paulo: Hucitec, 1996.

<sup>127</sup> OLIVEIRA, 2003. p. 14.

<sup>128</sup> A coroa, a cruz e a espada, 2006; Náufragos, traficantes e degredados, 1998.

<sup>129</sup> Eduardo Bueno é autor de vários livros, a maioria deles versam sobre eventos históricos brasileiros e também é apresentador do canal Buenas Ideias na plataforma youtube.com. Onde narra episódios curiosos sobre a História do Brasil.

<sup>130</sup> Teoria, crítica e história literária, 1978.

<sup>131</sup> O descobrimento do Brasil, 1976; Ensaio e estudos, 1976.

<sup>132</sup> A propósito dos frades, 1959; Bahia e baianos, 1990; Oh de casa, 1979; A vida social no Brasil nos meados do século XIX, 1964; Região e tradição; 1968; Modos de homem & modas de mulher, 1987; Heróis e vilões no romance brasileiro, 1979; Arte, ciência e trópico, 1980; O brasileiro entre os outros hispânicos, 1975; Vida, forma e cor; 1962; Interpretação do Brasil, 1947; Além do apenas moderno, 1973; Alhos e bugalhos, 1978; Sociologia 2, 1945; Açúcar, 1987; Sociologia da medicina, [s.d.]; Problemas brasileiros de antropologia, 1973.

<sup>133</sup> Raízes do Brasil, 1984; O Extremo Oeste; 1986; História (Coletânea de textos), 1985; Caminhos e fronteiras, 1975; Visão do paraíso, 1985.

<sup>134</sup> Formação histórica do Brasil, 1968; As Razões da independência, 1965; Fundamentos da estética marxista, 1968.

<sup>135</sup> Mudanças sociais no Brasil, 1974; O folclore em questão, 1978; Comunidade e sociedade no Brasil, 1975; Fundamentos empíricos da explicação sociológica, 1959; A etnologia e a sociologia no Brasil, 1959; A organização social dos Tupinambá, 1989

Assim, também, a Bahia que Roberto Albergaria leu, se traduz pelos conjuros de muitos *defuntólogos* da *doce-bárbara-tribo-nativa*, que ao longo da sua carreira, lhes foram desenterrando os segredos guardados a sete palmos no chão da história baiana. Revelando os mistérios que envolvem a construção dos nossos mitos, a adulteração dos nossos heróis, a desfiguração da nossa terra e a deturpação da nossa identidade.

Dentre os *defuntólogos* baianos que habitam a necrópole *albergarista*, destaco a presença de alguns dentre tantos outros. Frei Vicente de Salvador<sup>136</sup>, João José Reis<sup>137</sup>, Ubiratan Castro de Araujo<sup>138</sup>, Cid Teixeira<sup>139</sup>, Thales de Azevedo<sup>140</sup> e Luís Henrique Dias Tavares<sup>141</sup>.

É importante frisar que a biblioteca *malassombrada* de Roberto Albergaria, em hipótese alguma deve ser confundida com um “cemitério de papel, mas o território livre do espírito”. (SILVEIRA; RIBAS, 2004.). Sendo assim, seu acervo ainda guarda um relevante valor científico, para os pesquisadores que ainda se dispõem a mergulhar nesse universo particular.

Foi assim, ouvindo os *fluxicos e arengas* que lhe contavam os mortos, por intermédio dos vários historiadores, antropólogos, sociólogos, etc. que podem ser encontrados em sua biblioteca, que João e os demais personagens que dividiam a mesma *cabeça misturanta*, se dedicaram, por décadas, à compreensão e tradução dos fenômenos que deram origem ao povo, a cultura e a identidade dos baianos.

#### **4. MONSIEUR ALBERGARIÁ: seu exílio na França.**

As travessuras *estripulíticas* de militante comunista do jovem João, tiveram seu fim após a sua prisão em 1971. Para ser mais exato, as suas prisões, juntamente com a dos seus companheiros, puseram fim também às atividades da célula estudantil do

---

<sup>136</sup> História do Brasil, 1975

<sup>137</sup> Domingos Sodré, 2008.

<sup>138</sup> Sete histórias de negro, 2006.

<sup>139</sup> Histórias: minhas e alheias, [2002]; Bahia em tempo de província, 1986.

<sup>140</sup> Ensaio de antropologia social, [1959]; As elites de cor numa cidade brasileira, 1996; As ciências sociais na Bahia, 1984; As regras do namora à antiga, 1986; A religião civil brasileira, 1981; Praças e chagas na poesia et coetera, 1992; Namoro, religião e poder, 1980; Les élites de couleur das une ville brésiliene, 1953; Ensaio de antropologia social, 1959; Foi Deus não aconteceu nada!, 1984; Ciclo da vida, 1987; Civilização e mestiçagem, 1951; Povoamento da cidade de Salvador, 1969.

<sup>141</sup> História da Bahia, 2008; A independência do Brasil na Bahia, 1982.

PCBR na cidade de Salvador, quiçá, em toda a Bahia. Ideia corroborada também pela interpretação dos fatos feita por Souza (2013. p. 168).

Mas certamente, as consequências dos seus atos tidos como subversivos pelas autoridades policiais, não se resumiram aos 165 dias de terror que viveu no cárcere sob tortura. Muito menos pelo transtorno de responder ao processo em liberdade pelos anos seguintes, até ser finalmente inocentado das acusações, somente em novembro de 1973<sup>142</sup>. Com base no que pude apurar em textos e entrevistas, considero que a maior consequência de seus atos de militância, tenha sido o seu aviltamento à condição de cidadão marginal. Como o próprio escreve:

*Mesma maljeitosa marginalidade que se reproduziu na desastrada vida política que tive em minha finada juventude: era chamado de “terrorista-comedor-de-criancinha” pela milicada de Luiz Artur, “estudante baderneiro” pelos cachorros de Roberto Santos e, mesmo, de “porra-louca” pelo (sic) engomadinhos do Partidão (hoje o lesu PPS, mofinamente bem-comportado como sempre). (OLIVEIRA, 2003. fl. 09).*

Neste íterim, as *rebordosas supervenientes* à sua libertação, tornaram seus dias de *bandidão* insuportáveis. Com a iminência da maioria civil, que como já comentei aqui, naquela época se inaugurava aos 21 anos de idade, o recém adulto, pronto para deixar de ser um *comunista descarado* para tornar-se um homem sério, típico daqueles anos. *Na verdade, acrescenta, um anarquista gaiato dissimulado, segundo as más línguas.* Sentiu na pele as agruras de ser uma *persona non grata* da nação, em tempos de ditadura militar.

Dessa maneira, até mesmo as atividades e direitos mais corriqueiros da vida adulta eram impossíveis para o nosso “terrorista”. Ingresso ao mercado de trabalho, emissão de documentos, *nem mesmo carteira de motorista*, relatou certa vez a amiga Cleidiana Ramos. Ao amigo Carlos Caroso, confidenciou a certa feita que naquele período *não era gente, que não existia*.

Um detalhe desse período que merece destaque, é o fato de que desde aqueles tempos de estudante de História, o futuro Monsieur Albergariá, já aspirava a carreira docente universitária, como relata em carta a seu médico<sup>143</sup>. Há de considerarmos que antes da Constituição Federal de 1988, o ingresso no serviço público não se dava por meio de concurso público, como acontece desde então. Dessa maneira, os estudantes que aspiravam uma cátedra na academia, tinham nos

---

<sup>142</sup> Cf. BRASIL, 1971.

<sup>143</sup> OLIVEIRA, [2007], fl. 1.

programas de monitoria das universidades, uma porta de entrada para a carreira docente universitária.

Nesta mesma carta, usa o termo monitorias no plural, sugerindo ter exercido mais de uma. No entanto, em seus arquivos, encontrei registros que dão notícia de um único trabalho de monitoria exercido pelo jovem acadêmico no ano de 1974, *na cadeira de Introdução aos Estudos Históricos*<sup>144</sup>, na própria UFBA.

Todavia, apesar dos seus esforços para se colocar na *gloriosa condição de membro viril da inteligência baiana*, como um cidadão comum, como tantos outros dos seus conterrâneos, a sombra dos maus feitos do seu alter ego, apresentado no capítulo anterior, ainda obscurecia os rumos do seu destino.

Nesses termos, o quase indigente estudante, seguia com sua triste fortuna de ser um *terrorista-comedor-de-criancinha* em plena Ditadura Militar. Desse modo, se ocupava participando de projetos de pesquisa oferecidos pela UFBA, sempre orientados à pesquisa de temas ligados à Bahia<sup>145</sup>. Também, realizando trabalhos temporários, talvez, especulo eu, elegendo os que conseguia encontrar, por carregar ainda o estigma de terrorista. Como o mencionado por ele próprio<sup>146</sup>, no Projeto Rondon IX.

Paralelamente ao seu curso de graduação em História e Ciências Sociais, como registra o seu currículo em papel cuidadosamente alimentado por anos por ele próprio, dentre vários outros cursos, estão ali averbados a realização de cursos de música, língua inglesa e principalmente francesa. Tais evidências me levam a crer que o mesmo, já apresentava intenções de se auto exilar na França, quando fosse oportuno.

Devo destacar que nesse período histórico, a França gozava de certo prestígio entre os intelectuais e opositores à Ditadura Militar:

A imagem da França, tradicional terra de asilo, estava ligada à de um país acolhedor onde as liberdades políticas podiam ser exercidas. Assim, não raro a Embaixada francesa era procurada por brasileiros que se sentiam perseguidos politicamente. (GOMES, 2019. p. 277).

É provável que tais elementos tenham influenciado a escolha da França como local de exílio para o professor Albergaria. Mas me arrisco a dizer também, que a forte

---

<sup>144</sup> cf. OLIVEIRA, Roberto Albergaria de. **Cu-rico, digo, currículo**: 70 páginas de mortificação?. Salvador: [200?]. (Documento inédito).

<sup>145</sup> cf. *ibidem*, fl. 02.

<sup>146</sup> *ibid.*

influência que a escola de pensamento francesa exercia sobre a academia baiana daqueles tempos, tenha sido também um fator motivador para tal escolha.

Assim, o Monsieur Albergariá, devidamente acolhido pelo governo francês, parte em 1975 para o seu *agridoce exílio*, ansioso por conhecer mais profundamente *as ideias dos cabeções lá das metrópoles intelectuais ocidentais -- parasitando-as diretamente, sem passar pelos aporrinhantes intermediários*. (OLIVEIRA, 2003. fl. 12). Obviamente, quando faz tal afirmação, o professor, não almejava diminuir o importante papel dos seus professores brasileiros em sua formação acadêmica. Sua crítica se dirige àqueles que acusava de *intermediários paulistas*<sup>147</sup>, *tão metidos a originais*<sup>148</sup>.

Já instalado nas terras de além-mar, o Mounsiieur Albergariá, que ali chegara buscando alento para sua *cabeça tão misturanta, tão exuzentemente irriquieta e linguaruda*, desejava encontrar na intelligentsia dos velhos mestres, os caminhos para o bom uso da razão. Todavia, não podia imaginar que ali naquele país, distante da sua *doce-bárbara tribo nativa*, seria alcançado pelo amor, que traria alento para o seu *gauche* coração, na figura de uma franco-canadense de nome Michelle, cujo sobrenome opto por não relevar priorizando a preservação de sua privacidade, com quem posteriormente faria a sua única viagem internacional além da França<sup>149</sup>. Para o Canadá, onde tentaria no início de 1983, talvez por influência ou incentivo dela, retomar um Doctorat d'Etat iniciado ainda na França, após obtenção de bolsa de estudos concedida pelo governo canadense<sup>150</sup>.

Na Universidade de Ottawa, no Canadá, ainda em 1981, chegou a apresentar um trabalho a um grupo de pesquisa, coordenado pela “sua” Dra. Michelle, então professora da referida universidade, cujo título era *L'historiographie et l'Etat au Brésil, XIXè.s.*

---

<sup>147</sup> Se dizia *um baiano injuriado com o colonialismo interno (carioca e depois paulista)*. Em oposição à forte influência exercida pelos professores advindos desses estados, no modo de pensar *ufbaiano*. O que segundo o próprio Albergaria, nada mais era do que o modo de pensar francês, fortemente inserido na academia brasileira a partir da USP na década de 1930. Assim como se deu a influência artístico-cultural a partir do Rio de Janeiro no século XIX. Modo de pensar requentado, travestido de novidade, *sem nada de “especificamente baiano”*.

<sup>148</sup> Ibidem.

<sup>149</sup> Informação cedida por Cleidiana Ramos em conversa pelo whatsapp no dia 06 de dezembro de 2021.

<sup>150</sup> Roberto não deixa clara as razões pelas quais não dá seguimento ao seus *Doctorat d'etat*, apenas diz em seu currículo. Oliveira, 200?. fl 08. Que *não aceita pelos compromissos assumidos na Bahia*.

Embora a vida sentimental de Roberto, assim como de todos os seus personagens, não seja o objeto deste trabalho, me sinto na obrigação de fazer uma rápida menção a esse assunto, em resposta a alguns dos meus interlocutores, que ao longo da pesquisa, frequentemente me surpreendiam com perguntas acerca da sua orientação sexual.

Em alguns momentos, até mesmo ouvi de alguns ex-alunos seus, que encontrei no PPGES posteriormente, que pelos corredores da UFBA, também se especulava sobre a possível homossexualidade do *gaio professor*. Ilações motivadas principalmente pela vida solitária que levava.

A respeito da sua *mal-vivida e incubada, vida sentimental pós-punhetal e pré-broxal*<sup>151</sup>, dedica alguns parágrafos do texto para esclarecer esse assunto, que de alguma maneira o insere involuntariamente no grupo do *viadismo e giletismo*, que é como costumava se referir, sem nenhuma maldade, fobia ou preconceito, aos movimentos LGBTQIA+. A esse respeito escreve:

*[...] tenho documento do meu amigo Luizinho (Mott) confirmando tal cacetal condição: "depois de pesquisar exaustivamente nos arquivos do GGB"<sup>152</sup>, atesto que o colega [de departamento] Albergaria é heteríssimo em gênero, número e grau". E acrescenta, numa nota pessoal: "é um desperdício!" (Ao que replica o invejoso Marcelo Cerqueira, maldosamente: "é porque, além de feião, ele não tem talento para tanto!")*

*Assim, embora celibatário convicto [...] garanto meu cuecão-de-algodão em qualquer ocasião. (OLIVEIRA, 2003. fl. 6)*

Nesse íterim, devo confessar que ao iniciar as minhas investigações em seus arquivos pessoais, influenciado pelas insinuações ouvidas, assim como por um considerável acervo de livros em sua biblioteca que dão conta, ou pelo menos tentam tornar inteligíveis as nuances do *viadismo*<sup>153</sup>, também fui levado a crer que poderia encontrar alguma evidência documental, até mesmo um bilhete esquecido entre as páginas de um dos seus livros, que o "tirasse do armário", tamanho era o burburinho que rodeava o assunto.

Para minha surpresa e para a decepção dos *ardilosos fuxiquentos*, as cartas que encontrei que tratam do assunto, revelam *um repertório das lambanças, digo, de*

<sup>151</sup> Cf. OLIVEIRA, 2003. fl. 6.

<sup>152</sup> Grupo Gay da Bahia.

<sup>153</sup> Alguns deles são: LINDENBERG, Cariê. **GLS**: entenda as entendidas. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005;

SILVA, Hélio R. S. **Travesti**: a invenção do feminino. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993;

MOTT, Luiz. **Homossexuais da Bahia**: dicionário biográfico séculos (XVI-XIX). Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 1999.

*lembranças do romântico amante suspirante que também sou* (OLIVEIRA, 2003. 17). Hábil na arte de seduzir<sup>154</sup> por seu proeminente *beletrismo*, perceptível pelos *floreios* dos seus textos românticos. Inclusive, algumas dessas cartas são direcionadas a amigas e familiares, contendo orientações de como, ou o que escrever para encantar um ou outro par romântico.

Declarações de *mocinhas semi-irgens*, que o amavam, mas não queriam parecer interesseiras dada a diferença de idade entre os dois. Também, propostas mais diretas, escritas pelas suas *miseravonas* como “Apareça meu bem, quero ir pra cama com você, fugir com você. Estou tão só [...] Quero que você me ligue, me acenda”.<sup>155</sup>

Apesar das suas *incubadas*<sup>156</sup> e provavelmente héteras incursões amorosas e/ou sexuais aqui destacadas, não me sinto capaz, muito menos no direito de, assim como o professor e amigo Luiz Mott, fundador do GGB, atestar ou sustar a sexualidade alheia, principalmente daqueles a quem eu me propus a conhecer e dar a conhecer pela sua biblioteca.

Contudo, cabe aqui salientar que mesmo dotado de um *pícaro serelepismo* em torno dos temas de cunho sexual, esse, assim como outros temas nunca foram a tônica da vida do professor. *Pelo sim, pelo não, sei que nunca liguei muito pros temas tidos por sérios -- seja os da família, da Universidade, do jornalismo ou, mesmo, do tal do Céquissu*<sup>157</sup>. Talvez tenha sido por esse desinteresse pelos assuntos carnis, que tenha conquistado a sua *fama de donzelão curiosão na FFCH (atribuída pelo fato de ser um respeitador de donzelas e não ter mais paciência para pirralhas)*<sup>158</sup>.

Retomando ao período em que estive na França, chamo a atenção para os temas que direcionaram os seus trabalhos de pesquisa<sup>159</sup>, que evidenciam uma

---

<sup>154</sup> Provavelmente inspirado por uma gama de livros presentes em sua biblioteca que tratam do assunto, como: SCHOPENHAUER, Artur. **Metafísica do amor**. 3. ed. Lisboa(PT): Inquérito, [s.d]; PENTEADO, Marion Vianna. **Arte & manhas da sedução**. 11. ed. São Paulo: Saraiva, 1993; LUHMANN, Niklas. **El amor como pasión**. Barcelona(SPA): Península, 1985.

<sup>155</sup> Citação extraída de uma carta enviada ao professor por uma mulher, cuja identidade omito, de São Paulo, em 08 de fevereiro de 1991 .

<sup>156</sup> Roberto Albergaria pouco falava sobre os seus relacionamentos afetivos.

<sup>157</sup> *Ibid*, fl. 8

<sup>158</sup> *Ibid*, fl. 25

<sup>159</sup> Nesta pesquisa, dou ênfase aos cursos de pós-graduação realizados pelo professor Albergaria que lhe concederam alguma titulação formal, trabalhos em grupos de pesquisa, não serão aqui mencionados, para não tornar o capítulo ainda mais extenso.

preocupação de Roberto Albergaria em propor um modo de pensar o Brasil e a própria Bahia a partir de uma percepção nativa acerca da sua identidade, formação social, histórica e antropológica.

O sistema que hoje rege o ensino superior francês, já não é o mesmo que na época do Monsieur Albergariá, por essa razão, os títulos obtidos por ele naquele período, já não são comumente conhecidos pelos acadêmicos do nosso tempo, o que requer de nós algum esforço em tentar compreender os níveis da formação superior francesa na década de 1970.

Entre os anos de 1975 e 1976, sob a orientação do professor Michel de Certeau, diplomou-se em seu primeiro D.E.A. em Antropologia, Etnologia e Ciências das Religiões, na Universidade de Paris VII. A dissertação (Mémoire) se intitulava “Les récits des voyageurs étrangers et la formation de l'identité nationale brésilienne au XIXéme”. Apesar de mencionar possuir um exemplar da referida dissertação, até a conclusão desta pesquisa, não foi possível encontrá-la.

No biênio seguinte, 1977 e 1978, se dedica à diplomação em um novo D.E.A., agora sob a orientação do professor Frédéric Mauro, em Sociedade e História Americanas, na Universidade de Paris I. Sua dissertação intitulada “Historiographie brésilienne au XXéme”. Também não foi encontrada até a conclusão desta pesquisa.

Em paralelo à titulação nos D.E.A., também cursou um *Doctorat de 3e cycle* em Antropologia, Etnologia e Ciências das Religiões, entre os anos de 1976 e 1981, na Universidade de Paris VII. Novamente sob a orientação do professor Michel de Certeau. Sua tese, “Braxiili, Bracir, Braziel, Bersill: considérations au sujet d'une anthropologie historique. Préliminaires analytiques”.

Caroso (2015) revela em homenagem póstuma que o M. Albergariá era exagerado em tudo que fazia, com os estudos não era diferente. Tal assertiva não nos causa dúvida, quando nos damos a saber, para além da obtenção dos três títulos acima mencionados, que havia ainda um quarto título em vias de aquisição. Um segundo diploma de *Doctorat de 3e cycle* em História, pela Universidade de Paris I, sob a orientação do professor Frédéric Mauro, entre os anos de 1978 e 1981. O título da sua tese era “A historiografia brasileira na Bahia. A tradição do séc. XIX (estudo de variantes baianas do discurso histórico no período nacional): uma revisão antropológica do simbolismo político-historiográfico”.

Contudo, ao final de 1981, devido a necessidade de prolongamento e aprofundamento da pesquisa, o *Doctorat de 3e cycle* foi reenquadrado ao nível de

*Doctorat d'Etat* na Universidade de Paris X em colaboração com as Universidades de Ottawa e Montreal no Canadá. Sendo este o maior nível de pós-graduação alcançado por um pesquisador na França daquele período.

Todavia, por razões incertas, mas que eu especulo serem motivadas pelo fim do programa de bolsas de estudos concedidas a estudantes brasileiros na França, possivelmente provocado pela anistia dos exilados políticos do Brasil dois anos antes. De todo modo, os estudos acerca dessa última pós-graduação, serão retomados apenas no Brasil, em novembro de 1981, financiado pela CAPES, como evidencia o seu currículo.

Ao que me parece, este último *Doctorat* foi abandonado em definitivo, por conta dos compromissos profissionais do professor Albergaria, já de volta ao Brasil. Uma última menção a uma tentativa de retomada se dá em 1982, quando recebe do governo canadense uma bolsa de estudos para a conclusão da sua pesquisa. Bolsa esta, rejeitada pelo agora professor, pelas razões explicitadas.

Não seria possível concluir o registro dessa pesquisa a respeito dos episódios que envolvem Roberto Albergaria e o seu exílio na França, sem ao menos me aprofundar um pouco mais em seus ilustres orientadores. Personalidades do campo científico das Humanidades e Ciências Sociais, que certamente foram determinantes na formação intelectual do professor Albergaria.

O primeiro desses orientadores é o professor Frédéric Mauro, que nas palavras de Broder (2012, p. 165), seria o mais importante historiador francês dedicado aos estudos econômicos da América Latina moderna. Suas relações com o Monsieur Albergaria, se estabelecem a partir de alguns projetos de pesquisa que Roberto participou sob sua supervisão, além das suas contribuições como seu orientador.

Contudo, as relações do professor Frédéric Mauro com a América Latina, vão muito além das suas pesquisas acerca da história e da economia latinoamericana, assim como, das duas visitas que fez ao Brasil nas décadas de 1940 e 1960. Talvez esteja na sua atitude humanística, o maior elo entre os dois.

Mauro fue un discreto y eficaz defensor de las libertades individuales. Pocos académicos franceses ayudaron con tanta eficacia y modestia las víctimas de dictaduras para huir la persecución y encontrar en Francia un asilo, un empleo y la posibilidad de proseguir una carrera universitaria. (BRODER, 2012. p. 168).

Na biblioteca do professor Albergaria, há uma quantidade significativa de livros que tratam das Ciências Econômicas, aos quais eu não conseguia estabelecer uma correlação com a sua trajetória intelectual.

No entanto, após tomar ciência do mote central do trabalho do professor Mauro no estudo da história econômica dos países ibero-americanos. Mesmo sem condições de afirmar, sou levado a inferir que, o contato do professor Albergaria com o trabalho do seu antigo orientador, pode ser motivo bastante para justificar a presença dessas obras na biblioteca, como um instrumento de análise histórica ou mesmo antropológica, a partir de uma outra perspectiva, que a mim, até então parecia não ser possível.

No ano de 1983, Roberto Albergaria também foi o tradutor de um artigo, até então inédito, do professor Mauro “*De Tollenare a Tollenare: Ce que les français pouvaient savoir de Bahia au XIXème siècle*”. Publicado nos Cadernos do Centro de Estudos Baianos da UFBA<sup>160</sup>.

O segundo orientador é o padre jesuíta Michel de Certeau, por meio do qual, Roberto Albergaria de aproxima da Antropologia. Mesmo ganhando notoriedade internacional, a partir dos seus estudos nos campos da História e da Antropologia, o professor De Certeau, possuía para além da História, uma variada formação que contempla as áreas de Filosofia, Letras Clássicas, Teologia, Antropologia, Linguística e Psicanálise.

A partir da influência desse orientador, imagino que o Monsieur Albergariá, passa a voltar as suas atenções de pesquisador para os acontecimentos da vida cotidiana, como uma outra possibilidade de interpretação das dinâmicas de organização social.

Certeau prefere rastrear nas práticas cotidianas dos homens comuns um ágil movimento. Nossa linguagem popular as reconhece como indicadoras de “jogo de cintura”: trata-se de ações que podem se camuflar num emaranhado de artimanhas silenciosas, sutis, eficientes. Através delas, pessoas comuns, tais como anônimos Mc Gyvers do cotidiano, procuram desenvolver maneiras próprias de sobreviver na selva das condições impostas pelo sistema econômico-social com uma inventividade evocadora do velho herói televisivo que transformava objetos banais em criativos meios de salvação. (BITTENCOURT, 2012. p. 187-188).

---

<sup>160</sup> MAURO, Frédéric. *De Tollenare a Tollenare: o que os franceses podiam saber da Bahia no século XIX*. Tradução de Roberto Albergaria de Oliveira. Salvador: CEB/UFBA, 1983. 28p. (Centro de Estudos Baianos,101)

Me agrada a ideia de pensar que o gosto do professor Albergaria pelo estudo de uma cultura popular marginalizada, encontra fundamento no trabalho de Michel de Certeau. O interesse de Albergaria pelas “artes de fazer” do povo baiano, como uma atitude ativa e opositora à dominação de classe, ou pelo menos como subterfúgio de sobrevivência, ante as imposições do capitalismo. Me parece guardar coerência com a proposta do seu velho mentor.

Apesar de ser capaz de reconhecer os pontos de contato entre os trabalhos desses dois proeminentes mestres franceses e o Brasil de Roberto Albergaria. Não fui capaz de levantar evidências circunstanciais ou mesmo documentais que esclareçam se o encontro do Monsieur Albergariá com Mauro e De Certeau, foi uma simples ação do acaso, ou se, dada a relevância dos dois catedráticos para as Ciências Humanas e Sociais brasileiras. Esta tenha sido uma ação planejada por Roberto Albergaria.

No período em que estive na França, o Monsieur Albergariá também foi dirigido em grupos de pesquisa, por outros docentes, a saber: Marc Guillaume, Ignacy Sachs, Michelle Lamont e o brasileiro Luis Felipe de Alencastro.

#### **4.1 Os intelectuais da gringolândia de antanho e os peritos modernizadores paulistas.**

Ao procurar descrever a seu próprio modo, a maneira com que entendia a sua *sabichosa condição de doutorço ufbaiano*, o Monsieur Albergariá se percebia um sujeito anacrônico, o qual já não tinha mais lugar *na UFBA dos sucessores do gloriabundo dotô Edigá*<sup>161</sup>. Ao que (RISÉRIO, 2013) complementa:

A obra de Edgard é uma das maiores coisas que a Bahia realizou. Na década de 1950, esta província se viu plena de audácia e rigor. Hoje, hesitamos diante de qualquer projeto mais contemporâneo. Como se qualquer pensamento mais ousado tivesse de se conter na conta do delirioso. É uma pena. Voltando a falar da época de Edgard, quem sabe, a Bahia volte a acordar. A arriscar.

No início da sua formação acadêmica, ainda foi capaz de alcançar o recorte geracional formado *naquele ambiente predominantemente retórico e literário dos Doutores Afrancesados da primeira metade do séc. XIX*. (OLIVEIRA, 2003. fl. 12). Desse modo, teria sido nessas circunstâncias, influenciado pelos antigos mestres a

---

<sup>161</sup> Edgard Santos (1894-1962). Primeiro reitor da UFBA (1946-1961).

comungar daquele modelo intelectual, que teria se enraizado ainda mais nos tempos de exílio.

Tendo ciência do contexto da sua formação *afrancesada*, um rápido passeio pela sua biblioteca, ou nesse caso *fluxicoteca*, como costumava se referir a esses espaços, que nos permitem conhecer tantos segredos, inclusive da vida privada de outras pessoas. É notório na diversidade curatelada e não aleatória da sua coleção, os traços que caracterizam esse referido modelo, segundo concebe o professor, como discorro no próximo tópico.

Para além da sua *bisbilhoteca*, outro trocadilho rotineiro, a influência dos cientistas sociais franceses nos alicerces da formação do pensamento brasileiro, principalmente a partir da década de 1930 com a chegada da Missão Francesa à USP, certamente perpassa também pela formação do pensamento baiano, propagado a partir da UFBA, fundada na década seguinte. Cujos professores em sua maioria, pressuponho que tenham sido formados pela USP, ou pelo menos “bebido na fonte” francesa, tão em voga naqueles tempos.

A referida incursão francesa à USP tinha por missão cumprir “a difícil missão de domar as veleidades literárias de estudantes habituados à retórica bacharelesca e que, ao rigor do trabalho intelectual, opunham o cultivo de uma ‘erudição vazia’” (LIMA, 2009. p. 179).

Monsieur Albergariá, ao meu ver, compreendia bem a lição que os mestres franceses quiseram ensinar aos estudantes brasileiros do início do século XX. E, talvez seja este, um dos motivos para que o mesmo tenha de certo modo, se rebelado contra o já citado *colonialismo interno* e contra os *peritos modernizadores paulistas*.

Partindo do pressuposto defendido por Lima (2009), quando se apoia na ideia de Freitas (1993), sou levado a inferir que por detrás de toda aquela rebeldia acadêmica e marginalidade produtiva, havia ainda um aplicado discípulo daquela *vieille école*:

foi através do contato com tais professores que se introduziu no ensino brasileiro uma nova postura intelectual em que se destacam a utilização de técnicas de investigação científica; a valorização da reflexão pessoal, em detrimento de uma visão pseudoabrangente dos temas abordados; a definição de critérios metodológicos para a elaboração das análises e a necessidade de um maior investimento na compreensão dos problemas brasileiros.

O que Roberto chamará futuramente, a exemplo de um outro autor da sua estima, Luís da Câmara Cascudo, de eruditismo de província. Serviu para justificar o

seu demasiado apreço por estudar as questões sociais ao seu entorno. Na minha concepção, todo esse apreço se justificava como sendo ainda, resquícios de uma educação superior aos moldes franceses, cujo principal intento, como visto acima, seria estimular o surgimento de um modelo de pensamento genuinamente nacional, a partir do estudo dos problemas brasileiros<sup>162</sup>. No caso do professor Albergaria, a proposição de uma reflexão intelectual a partir de problemas genuinamente baianos.

Parece paradoxal para mim, como pareceu também para Lima (2009), ao observar o drama dos primeiros estudantes *uspianos*, que se viam no mesmo dilema de Albergaria, de seguir um modelo de pensamento genuinamente nativo, mas que já nasce atravessado pelo olhar estrangeiro.

De todo modo, não arrisco me aprofundar nessa seara. Eu, que sou bibliotecário, cuja formação acadêmica parte para outros rumos do campo científico, não creio dispor de base teórica suficientemente robusta para me arriscar a propor um dos *esquemões* duramente criticados pelo professor Albergaria no intuito de marcar minha posição nesse imbróglio. Para tal, seria necessário muito mais tempo de pesquisa, do que o que temos durante um mestrado.

Assim, me atrevo a contribuir com o debate, partindo do que interpreto como sendo o pensamento albergarista. De que, pode fazer sentido para um antropólogo, como era o professor Albergaria, que essa questão não seja um problema maior. Afinal, sendo o antropólogo, nas palavras do próprio Oliveira (2003. fl. 14), *um nativo marginal e um estrangeiro profissional*. Já nutrem por arte de ofício, uma licenciabilidade quanto às influências que em certo ponto, caracterizam o seu campo científico.

Retorno a essa discussão no próximo tópico deste capítulo, no entanto, protegido pela provável segurança em abordá-lo sob os aspectos da minha área de formação, a Biblioteconomia, destacando, principalmente, alguns desdobramentos da discussão iniciada aqui, mas que ganham consonância no acervo da biblioteca pessoal do professor Albergaria.

Outra possível chave de compreensão que ousadamente apresento para tentar justificar o que acredito ser o modo de pensar *albergarista*, está no relato de outro fruto da referida Missão Francesa. O também antropólogo, Florestan Fernandes,

---

<sup>162</sup> LOPES, Francisco Leme (Coord.). Estudos de problemas brasileiros. 3. ed. Rio de Janeiro: Renes, 1970.

quando problematiza o esforço empreendido pela sua geração de estudantes em “receber o conhecimento sem fazer o papel de colonizado” (FERNANDES, 2015. p. 189).

Por mais atravessadas pela francesia acadêmica das primeiras gerações de cientistas sociais que se derivaram daquele esforço, estou convencido de que o professor acreditava ou, pelo menos, esperançava ser possível maturar em solo baiano, porém não somente aqui, um modo relativamente nativo de observar e interpretar e por que não pensar, a sociedade local.

Penso ainda, ser essa crença ou esperança, a centelha da sua *pirracenta aporrinhção* com o movimento que chamou de *uspianização da UFBA*, que se deu, segundo ele próprio, numa virada de chave geracional:

*E, como é sabido, só no fim do século é que a cultura científica passaria a reinar, com exclusividade, na UFBA dos sucessores do gloriabundo dotô Edigá (tornando uma Universidade cada vez mais americanizada, e cinzentamente paulistizada, insuportavelmente uspianizada...). (OLIVEIRA, 2003. fl. 12).*

Antes de seguir com as minhas reflexões sobre esta contenda intelectual, preciso chamar a atenção para o fato de que o professor Albergaria, no ambiente acadêmico, costumava ser colocado pelos seus críticos em um lugar que nunca lhe pertenceu. Por ser uma figura avessa ao *teatrinho dos poderes e saberes canônicos dos [seus] lindos pares bem sucedidos*, por vezes era relegado à marginalidade, *mas nunca um sofrente excluído*.

Embora fizesse saber que nunca esteve *fora desta lambançona acadêmicuzona*. Inclusive, respeitando à sua medida o método e os valores científicos. Quase sempre escolhia o rigor da indisciplina<sup>163</sup>. Preferia ser Exu<sup>164</sup>, escolheu presentear os mortais com os segredos divinos, que se escondem até hoje nos pernósticos textos e salões acadêmicos.

Por essa razão, sua produção intelectual, foge ao modelo academicamente imposto naquele contexto. Se dá por outros canais e suportes. Sendo assim, jamais poderemos encontrar os frutos do seu trabalho de pesquisa nas grandes bases de dados físicas ou em nuvem, estas últimas, muito em voga na era digital.

<sup>163</sup> SOARES, Luiz Eduardo. O rigor da indisciplina. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

<sup>164</sup> TRINDADE, Liana. Exu: sedução e poder. São Paulo: Ícone, 1985.

Com efeito, sua qualidade intelectual também não poderá ser mensurada pelas ferramentas modernas que ditam o nível de proficiência acadêmica de um pesquisador. Baseando-se na quantidade de citações e publicações que acumula.

Por essa razão, muitas vezes é tido por alguns desconhecedores da sua relevância para as ciências sociais baianas, quiçá brasileira como um professor vulgar, quando este faz uma distinção muito clara entre vulgaridade e vulgarização. Uma injustiça, ainda mais, depois de ter sido auto sabotado pela sua figura midiática, que ganhou cada vez mais notoriedade após o agravamento do seu quadro de saúde. Enquanto a figura acadêmica, caia no esquecimento.

*por isso outros repetitivos escribas-da-lei-científica dizem que sou “superficial” e que tenho um estilo “academicamente incorreto”, a ponto de me proibirem em alguns recintos mais nobres, como p. ex. a FACOM...).* (OLIVEIRA, 2003, fl. 13)

*Por certo, reconheço que este mondronguento perfil acadêmico é completamente inatural; e sei que não há mais lugar em nosso bem comportadíssimo e compartimentadíssimo “campo científico” pra gente de cabeça [...] como a minha<sup>165</sup>.*

É possível que o seu despeito para com as dinâmicas que operam no ambiente acadêmico, em especial, no ambiente *Ufbaiano*, tenha relação com os eventos que se seguiram ao seu retorno ao Brasil no início da década de 1980.

Nessa ocasião, Roberto Albergaria se depara com grandes mudanças nos paradigmas que regiam aquele universo acadêmico em particular. Conforme interpreto, a partir dos fatos pesquisados. Imagino que, ao regressar à UFBA naquele novo contexto, percebeu que a frutífera e permissiva francesia intelectual que imperava naquele ambiente *Ufbaiano* e ainda em suas ideias, havia sido subjugada pelo severo e mal-humorado pragmatismo norte-americano.

A partir desta constatação e por outras razões que veremos logo adiante, o professor adotou uma postura crítica em relação ao novo modelo que se tornara predominante na instituição. Muito diferente daquele em que se formara, *mundo dos versáteis “polígrafos”, dos querulosos “publicistas”, dos verbosos “beletristas”<sup>166</sup>.*

Em seu lugar surgiam os tidos *peritos modernizadores*, e todo aquele pragmatismo de inspiração norte-americana, conforme escreve. Assim como os novos colonizadores paulistas, *aporrinhantes intermediários* das ideias alheias, *tão*

---

<sup>165</sup> *Ibidem*, fl. 12.

<sup>166</sup> *Op. cit.*

*metidos a originais*, que insistiam em pensar a Bahia, sob a lógica paulistana, fortemente colonizada pelos norte-americanos.

*É esse cinzento **think tank** ubaiano (cujo “poder espiritual” é potencializado por suas enredosíssimas redes nacionais e globais) que detém o controle micropolítico do financiamento das pesquisas, das orientações, das bolsas etc.: elitezinha auto-eleita que termina determinando qual são os temas e objetos legítimos a serem trabalhados pelas novas gerações de estudantes. Um **inbreeding** mesmificante de dar dó! A desimaginação no poder! Daí o clima de aporrinhação geral que tomou conta do antes tão vivaz terreiro das Ciências Humanas... (OLIVEIRA, 2003, fl. 12. grifos do autor).*

Entendo que o professor Albergaria, enxergava na hegemonia dos grupos de origem ou ao menos de influência *uspiana*, uma espécie de invasor. Talvez um novo colonizador intelectual, cujo objetivo seria, não apenas contrapor a sua ideia de florescimento de um modo de pensar baiano, mas também de subjugar-lo.

Percebo, segundo o que suponho ser a sua interpretação daquela realidade, que o professor não só rejeitava o modelo paulista por não ser ressonante ao contexto baiano. Também não o considerava como uma expressão do pensamento genuinamente paulista, mas um simulacro de um modelo estrangeiro. Então, imagino que via acontecer na UFBA, conforme pensava, a (re)colonização de um ambiente já colonizado anteriormente.

*Apenas estaríamos reproduzindo cá embaixo a mesma lambança já começada nas zonas “mais evoluídas” do reino Animal do espírito há mais de um século. Mais uma deslumbrante novidade (gestada nos excelentíssimos centros irradiadores da Tecnociência moderníssima) importada tardiamente lá de cima, agora colonizando nossas mentes academicamente periféricas de cabo a rabo. (OLIVEIRA, 2003. p. 13)*

Atrelado a esse fator, posso inferir também, que a dita *americanização da UFBA*, pode estar relacionada com a perspectiva neoliberal norte-americana de capitalização da educação superior para o desenvolvimento econômico nacional. Esta perspectiva, se sustenta nas ideias apresentadas por Schultz (1973), a partir da sua “teoria do capital humano”, cuja lógica, amplamente aceita, alça a educação superior a um lugar de importância no cenário econômico das nações, produzindo especialistas que atendam às demandas desse cenário global.

Apesar de ser um tema que mereça ser mais bem explorado, a fim de nos ajudar a compreender com mais profundidade as razões que fundamentam as *arengas* do professor com o referido modelo norte-americano, preciso retomar à linha proposta para este subcapítulo. Deixando de percorrer alguns temas que tocam a essa questão, como o pragmatismo e o utilitarismo educacional que permeiam essa

discussão. Dessa maneira, apresento um resumo histórico do contexto que conclui esta inferência.

Sendo assim, as transformações no modelo universitário que Albergaria encontra consolidadas no campo das Ciências Humanas e Sociais da UFBA, tem suas origens na Reforma Universitária promovida pelos militares ainda em 1968 nos acordos MEC/USAID, como descreve Jacobs (2004, p. 81).

Esse cenário é mais bem descrito por Paula, 2008 apud (PAULA, 2002. p. 78):

O importante a ser ressaltado é que a busca de uma maior racionalidade instrumental para as universidades, sobretudo as públicas, ressurgiu no cenário brasileiro com mais força a partir da década de 1980, num novo contexto político, econômico e social. As universidades públicas, no contexto do neoliberalismo, são acusadas pelos governos de “improdutivas”, sendo permanentemente impelidas a prestarem conta de sua “produtividade”, no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão. Para tal, desenvolvem-se mecanismos de avaliação da “produtividade” docente, departamental e institucional, nos níveis da graduação e da pós-graduação; tenta-se inserir as universidades na lógica racionalizadora do capital, vinculando-as ao mercado, já que o Estado se desobriga cada vez mais do financiamento destas instituições.

É importante destacar que, ao denunciar o processo, na sua visão, recrudescedor que se estabelece na UFBA a partir daquele período, o professor limita a sua reflexão, ao seu campo de atuação, às Ciências Humanas e Sociais. Porém, sem poupar duras críticas à instituição universitária como um todo.

*Assim, o fato de ser um membro (viril!) da société de gens de lettres local -- preocupado com o progresso das nossas Ciências, Artes e Ofícios (ainda que tachado pelos maledicentes como anti-iluminista ronzeirista, esculhambacionista-niilista, pícaro carapucista dos colegas, etc.) -- me faz colocar o corrupiante exercício da dúvida sistemática, “o dever do desrespeito” mesmo, como uma exigência analítica e deontológica maior... (OLIVEIRA, 2006c. fl. 04).*

Desse modo, não se deve abstrair do que foi apresentado até aqui, a noção de que o professor Albergaria fosse um mero purista avesso à uma mudança que se provou com o tempo, inevitável. Assim como não se deve confundi-lo com um velho saudosista *corneado*, que perdeu a sua *noivinha semi-virgem para um dos putões da cidade baixa*. Também não devemos pensar que o professor objetivava estabelecer algum juízo de valor, comparando os dois modelos.

A grande questão, acredito eu, passa pela defesa da liberdade e autonomia inerentes aos processos de pesquisa, produção e disseminação dos saberes acadêmicos, respeitando obviamente o rigor científico, porém, rebelde ao jogo político e capitalista que impera nesse ambiente.

## 4.2 A *libido sciendi* lenhando a *libido sentiendi*?

Espero já ter deixado claro que esta não é uma história de amor aos livros, mas uma história sobre o prazer e o pensar<sup>167</sup> que os livros permitem. E nesses termos, o professor Albergaria justifica a sua impossibilidade em contrair matrimônio, mesmo alimentando uma *alegre paixão recolhida[...], uma jovem dama da Pituba que o seduziu e o abandonou cruelmente*<sup>168</sup>, já que seu tempo e dinheiro era utilizado na aquisição de novos livros. *O dinheiro do enxoval eu fico desperdiçando na minha bisbilhoteca! [...] A sabichagem sendo incompatível com a maridagem... e mesmo com a sacanagem.* (OLIVEIRA, 2003. fl. 11).

De certo modo, enquanto o professor “desperdiçava” o seu dinheiro com livros para a sua *bisbilhoteca*, e com efeito, se privando de uma vida conjugal. Outros usos eram dados a esse dinheiro “desperdiçado”, inclusive financiando os prazeres carnais de outrem. Como revela uma história cômica envolvendo a biblioteca do professor, que foi contada a mim por Cleidiana Ramos, mas que merece ser registrada aqui pelo tom anedótico.

Ele adorava comprar livros.  
Uma vez me falou de um dicionário de Oxford que custou mil reais, era muito caro para a época.  
Tinha os verbetes em letras tão miúdas, que ele lia com lupa... Me mostrou o livro como uma criança com brinquedo novo.  
E aí emendou dias depois a parte pitoresca, óbvio.  
Era um livro de segunda mão e ele negociou diretamente com o proprietário.  
Dias depois a filha do homem, um velhinho, segundo ele... Ligou para reclamar porque ele pagou diretamente ao pai.  
Ele disse que era o certo, pois foi quem fez o negócio. E já estava, acho com medo da mulher dar pra trás ou algo assim.  
Não... O velhinho pegou a grana e torrou com muita farra, inclusive com várias meninas... E ele me disse: ‘Veja a coragem dele. Eu se não fosse tão besta fazia algo assim...’ (RAMOS, 2021).

O caso acima, apesar de cômico, serve para ilustrar as diversas maneiras com que uma coisa, em seu sentido antropológico, é capaz de tocar e ser tocada pelos outros, numa amplitude quase inimaginável. É o agenciamento de uma biblioteca pessoal, sobre as ações, nesse caso, na *libido* dos sujeitos. Cada um a seu modo.

Voltado às questões financeiras que envolvem a construção de uma biblioteca pessoal. Digo que, mesmo que eu tenha encontrado os indícios, que dão conta da existência de uma biblioteca, ou pelo menos do seu embrião, ainda nos tempos de

<sup>167</sup> RIBEIRO, Marcus (org.). O prazer e o pensar. São Paulo: Gente, 1999. v. 1.

<sup>168</sup> OLIVEIRA, 2003. fl. 7.

estudante *ufbaiano*, como mencionei no capítulo anterior. Acredito que tenha sido somente a partir da sua ida para a França. Quando passou a ter alguma renda fixa, mesmo sendo esta limitada a uma bolsa de estudos cedida pelo governo francês, Roberto pôde, então, se dedicar à aquisição de livros e mais tarde de revistas para a sua biblioteca.

É sabido que ele não vinha de uma família de posses. Tanto a família biológica, quanto a adotiva nunca puderam lhe oferecer uma vida de muito conforto, quanto mais lhe prover uma biblioteca pessoal nos tempos de juventude.

*Era uma família que parecia ter sido remediada no passado -- mas que, já no "meu tempo", tinha entrado numa decadência danada. [...] todos os mais-velhos eram bem conformados com aquela "pobreza honrada" (misère **bourgeoise**, diria eu quando virei um rapagote comunista metidíssimo),*

*Só minha meia-irmã [...] e minhas primas postiças da Barra é que, depois, inventaram que eram oriundas das "melhores famílias" baianas. Usaram essa presepada pra arrumar casamento fino -- todas casaram semi-írgens e todas se deram muito mal. Bom castigo! (OLIVEIRA, 2003. p. 3. grifos do autor)*

Analisando os livros que sugerem ter sido adquiridos pelo professor, ainda nos tempos de estudante, aqui no Brasil, não é raro encontrar carimbos, recibos e assinaturas de terceiros, que me levam a crer que tais volumes foram adquiridos em sebos, a preços mais compatíveis com a sua renda.

Não é difícil perceber também, que nos livros que se relacionam com os seus interesses mais recentes, as pistas que indicam suas origens, trazem consigo as marcas deixadas pelas renomadas livrarias por onde circulava, o nosso voraz *treslido* professor Albergaria. Tais evidências insinuam que, mesmo tendo se materializado ainda em sua juventude, tenha ganhado volume para ser considerada uma biblioteca, quando o seu depositário alcançou um patamar de estabilidade financeira.

Nesse ínterim, Roberto Albergaria foi pouco a pouco, deixando de *meter medo* aos *pais-de-família respeitáveis* (e *ciumentos das suas filhinhas incubadinhas*), para se transformar em um *comedor de papel*, no mais malicioso sentido do termo.

Abominava o título de intelectual, *mesmo, alisando os bancos da Sorbonne [...] nunca consegui ser muito inteligente em nada*<sup>169</sup>, dizia. Atribuía sua voracidade pelo conhecimento, a uma dispersão intelectual, sendo essa, uma *característica da erudição*, que o levou a transbordar da *Antropologia para as outras "gias" conexas* --

---

<sup>169</sup> OLIVEIRA, 2003. fl. 7.

*não tanto por amor à interdisciplinaridade mas, antes, pela irremediável “indisciplinaridade”<sup>170</sup>.*

Oliveira (2003, fl. 12), dizia ainda que, sua elogiada *dispersão intelectual*, era fruto de uma formação, permeada pelas características que destacam as influências francesas na sua *verbosa juventude*.

*Tanto lendo quanto treslendo toda a papelada da gringalhada que me caía sob as vistas -- e repetindo tudo sem parar (a logomania atacando entre um fuxico e outro) -- terminei virando uma espécie meio esquisitinha de híbrido (monstrinho?) cultural, um bicudo ornitorrinco bom de lábia.*

Tal influência, se destaca pelas características já mencionadas nesta dissertação e que de alguma maneira, podem ser percebidas também no trabalho e no modo de pensar do professor Albergaria.

Uma dessas características é a poligrafia, que naquele tempo, destacou os “intelectuais que versaram sobre diferentes assuntos, seja pela autoimagem criada e estabelecida por eles próprios, seja por sua formação ou mesmo pela demanda que o Estado lhes atribuía”. (MARTINS, 2019. p. 13). O professor Albergaria, acabou por incorporar esta característica, ao se tornar *mais um doutor explicudo na praça [...], a dar palpites sobre tudo e todos nas gazetas locais (e até, nacionais!) -- Tornando-me essa inevitável fonte-de-águas-turvas que “quando não sabe inventa” (dizem outros invejosos)*. (OLIVEIRA, 2003. fl. 10).

De todo modo, acredito que para ele, não bastava ser *mais um doutor explicudo*, daqueles que pregam para os seus já convertidos pares. Era preciso se fazer entender fora dos muros da academia. Para isso, invocava outra das características que herdara da sua formação *afrancesada*, o publicismo.

Ao nos debruçarmos sobre as biografias de Roberto Albergaria e da sua biblioteca, é possível perceber por seus hábitos de leitura, as associações que conseguia estabelecer entre o erudito e o popular. Voraz leitor de livros, era também um compulsivo devorador de jornalismo impresso. Não raro, se encontra um ou outro recorte de jornal entre os seus livros, marcando um trecho ou capítulo específico, que fornecia bases teóricas para uma compreensão ampliada do fenômeno ali noticiado.

À maneira dos publicistas que o inspiraram, o Dr. Albreguinha, com o seu trabalho de *vulgarização científica*, conseguia dialogar com todas as camadas sociais e intelectuais da capital baiana e adjacências. Espalhava pelo jornalismo local, as

---

<sup>170</sup> OLIVEIRA, 2003. fl. 11.

mais sofisticadas teorias científicas do campo social, disfarçadas de *fluxico* e de *chacota*. Abominando a reprodução do *discurso pernosticamente exotérico* dos *rational onlookers alheios à vida comum*. (OLIVEIRA, 2003. fl. 14). O que, por via de regra, fez com que o discurso e entendimento científico parecesse inalcançável para a maioria das pessoas.

Em consonância com a proposta *albergarista*, Malaquias (2019, p. 4), afirma que:

a vulgarização apresenta também “um retorno sobre a ciência”, pois à medida que as investigações se tornam mais áridas e difíceis de acompanhar pelo público, os publicistas têm de transformar o discurso e amenizá-lo perante o público, de forma a manter o interesse deste pela ciência.

No próximo capítulo, me aprofundo um pouco mais sobre mais essa faceta do professor Albergaria. O Exu, Dr. Albreguinha, que dedicou os últimos anos da sua vida à dita *vulgarização científica*, mesmo nunca tendo sido um cientista vulgar.

Por hora, quero me ater a biblioteca multilíngue do professor Albergaria. -É provavelmente um exagero meu, nomear essa fração da biblioteca nesses termos. Talvez a devesse chamar de biblioteca francesa, já que são ínfimos os títulos presentes ali, em outras línguas como o inglês, espanhol e italiano. Mesmo que se encontre em seu acervo, muitos autores de diversas nacionalidades, seus livros são por via de regra, traduções para o português dos originais.

Certamente a barreira linguística pode ser um impeditivo para uma variedade de títulos de outras origens. Talvez seja por essa razão que o acervo francês, ocupe um lugar de destaque na lista de livros internacionais, tanto pela sua quantidade de obras na língua original, quanto pela variedade de autores dessa nacionalidade. O que evidencia para além de um recorte histórico dessa biografia, a forte influência dessa escola no pensamento de Roberto Albergaria.

Nesse recorte do acervo, podemos encontrar alguns trabalhos dos antigos orientadores Frédéric Mauro<sup>171</sup> e Michel de Certeau<sup>172</sup>, que remetem a esse período de formação em seu exílio. Assim como tantos outros célebres pesquisadores, incluindo aqueles que compuseram as missões francesas na década de 1930 já

<sup>171</sup> A expansão européia, 1988; Origens da desigualdade entre os povos da América, 1986.

<sup>172</sup> A cultura no plural, 1995; La scrittura della storia, 1977; A escrita da história, 1982; Política e mística, 1975; La culture au pluriel, 1974; La possession de Loudun, 1970; La culture au pluriel, 1980; L'invention du quotidien. v.1, 1980; L'absent de l'histoire, 1973; L'écriture de histoire, 1975.

mencionadas, como Claude Lévi-Strauss<sup>173</sup>, Roger Bastide<sup>174</sup> e Fernand Braudel<sup>175</sup>. Dentre outros como Georges Balandier<sup>176</sup>, Pierre Bourdieu<sup>177</sup> e Roland Barthes<sup>178</sup>, pensadores franceses que também contribuíram para a formação do pensamento e das ciências sociais brasileiras.

Ainda falando sobre livros e autores do além Brasil, me chama a atenção a ausência de autores latino-americanos, confesso que essa constatação me incomodou por algum tempo, provocando alguns questionamentos acerca do papel da América Latina na construção da Bahia que Roberto Albergaria leu.

Como já mencionado anteriormente, a ausência de alguns livros em uma biblioteca pessoal, nos diz tanto quanto a presença de outros. Sob esse mote, passei a refletir sobre a ausência de tais autores, sem conseguir chegar a uma conclusão satisfatória. Desse modo, concluirei a escrita deste trabalho, sem poder inferir o grau de influência dos pesquisadores latinoamericanos não brasileiros, na formação do pensamento *albergarista*. Foram de fato, irrelevantes na construção do seu modelo de identidade baiana? Ou Roberto Albergaria, era somente mais um fruto do modelo da formação eurocentrista, que ainda hoje nos limita enquanto observadores/leitores do mundo que nos cerca?

## 5. PROFESSOR ALBERGARIA: carreira docente e figura midiática.

De volta ao Brasil, *devidamente anistiado, civilizado e encanudado*. O nosso *dublê de antropólogo*, ainda precisaria lidar com algumas inconveniências herdadas

---

<sup>173</sup> O pensamento selvagem, 1970; Minhas palavras, 1984; De perto e de longe, 1990; A via das máscaras, 1979; O olhar distanciado, 1983; Antropologia estrutural, 1975; Tristes trópicos, 1996; Le cru et le cuit, 1964; L'identité, 1977; El futuro de los estudios del parentesco, 1966; Claude Lévi-Strauss, 1979; Anthropologie structurale deux, 1973 e Myth and meaning, 1979; L'origine des Manières de Table, 1968.

<sup>174</sup> As religiões africanas no Brasil, 1985; Sociologia e Psicanálise, 1974; Sociologia das doenças mentais, 1965; O sagrado selvagem, 2006; Sociologia, 1983.

<sup>175</sup> Écrits sur l'histoire, 1969; A dinâmica do capitalismo, 1985; Gramática das civilizações, 1989; Os homens e a herança no mediterrâneo, 1986; História e ciências sociais, 1972.

<sup>176</sup> O dédalo, 1999; As dinâmicas sociais, 1976; O contorno, 1997; A desordem, 1997.

<sup>177</sup> Coisas ditas, 1990; Razões Práticas, 1997; La distinction, 1979; Questions de sociologie, 1980; O poder do simbólico, 1989; Contrafogos, 1998; Le sens pratique, [s.d.].

<sup>178</sup> S/Z, 1970; Le grain de la voix, 1981; Sade, Fourier, Loyola, 1970; Fragments d'un discours amoureux, 1977; Essais critiques, 1964; Mitologias, 1972; Michelet, [s.d.]; O grau zero da escritura, 1971; Poétique, 1981; Elementos de semiologia, 1979; Fragments de um discurso amoroso, 1985; O óbvio e o obtuso, [s.d.]; Escritores, intelectuais, professores e outros ensaios, [1974]; A aventura semiológica, [s.d.]; Crítica e verdade, 1970; Sollers escritor, 1982.

do seu finado<sup>179</sup> alter ego, João. Mesmo anistiado, ainda fazia parte de uma lista de “potenciais inimigos da nação”, e a antiga alcunha de terrorista o perseguiu durante alguns anos ainda.

Nesse contexto, o recém doutor se encontrou em dificuldades para se recolocar no mercado de trabalho brasileiro. Cleidiana Ramos relembra em uma de nossas conversas<sup>180</sup>, que havia uma desconfiança de que ele, assim como outros, como o seu também amigo Luiz Mott, foram vítimas de um boicote dentro da academia, por parte da ala conservadora que ainda operava dentro da UFBA.

Apesar das dificuldades encontradas nessa ilha chamada Brasil<sup>181</sup>, o nosso doutor afrancesado, reatou os seus laços acadêmicos com a sua *empapuçada madraستا vaidosa e vampirosa* UFBA<sup>182</sup>. Lá se credenciou como pesquisador e realizou uma série de trabalhos no campo da historiografia baiana.

Cabe aqui, abordar mesmo que de maneira parcial, as questões que envolvem a produção acadêmica do pesquisador Roberto Albergaria. É bem verdade, que o mesmo era frequentemente associado ao seu desinteresse pela produção de materiais científicos, o que certamente, empobrece e muito o debate antropológico baiano e por que não, brasileiro.

Ao me deparar com tais afirmações dos meus interlocutores, por vezes percebia que estas, vinham acompanhadas de um tom, que me sugeria que o professor fosse, apesar de um reconhecido intelectual, também um sujeito marginal. Alguém alheio às virtudes necessárias para ser aceito entre os seus pares como um igual. Nesse caso em específico, a sua baixa produção textual, ante os rigores científicos, o fazia menor entre os seus.

*Todos sabem que é muito grande a pressão que é difusamente exercida no plano da representação-de-si na vida acadêmica típica de muitas unidades da veneranda UFBA, locais em que o Professor-Doutor tem que manter a pose cuecuda até na roupa: o que ocorre p. ex., entre nossos pobres colegas da Faculdade de Direito (empalitzados até a alma), de Medicina (vestidinhos de pinguim noite e dia), da escola Pirotécnica<sup>183</sup> (proverbialmente deselegantes) etc. (OLIVEIRA, 2003. fl. 16)*

<sup>179</sup> Hoje, diz que a sua cabeça é seriamente social-democrata e seu coração alegremente anarquista (e que nunca foi petista). Cf. OLIVEIRA, 2006b. fl. 1.

<sup>180</sup> Em conversa pelo Whatsapp no dia 03 de dezembro de 2021.

<sup>181</sup> CATARINO, Geraldo. Uma ilha chamada Brasil: o paraíso irlandês no passado brasileiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

<sup>182</sup> Se referia à UFBA nesses termos, pois, dizia nunca a ter considerado sua *alma mater*. Se dizia um auto-didata e estrangeirado.

<sup>183</sup> Trocadilho de Politécnica.

Uma análise do seu *cu-rico, digo, currículo*<sup>184</sup> nos revela que ao longo da sua carreira de pesquisador, houve até o ano de 1994 uma proeminente atividade científica em sua biografia, chegando a elevá-lo à condição de pesquisador bolsista CNPQ nível I C. Após essa data, que é marcada nesse mesmo documento com uma nota por demais reveladora, fica perceptível que as suas atividades e produções de cunho científico, vão dando cada vez mais lugar às suas participações no jornalismo local por meio de textos e entrevistas.

*Venho trabalhando num ritmo relativamente lento, tendo recusado vários convites para a escrita de textos diversos e solicitações de consultorias, palestras, viagens, etc. O que se deve à moléstia que me acomete incessantemente (sequela de malformação medular). Mais uma vez, o reino efêmero da cultura curva-se diante do inclemente império da Natureza. (OLIVEIRA, [200?]. fl. 33).*

Este marco textual, nos ajuda a perceber a probabilidade de que as atividades de pesquisa do professor Albergaria, podem ter sido prematuramente interrompidas, mais pela sua frágil condição neurológica do que por mero descaso com as questões científicas. Fato que pode ter sido, como tantas das suas dores e angústias, escondidas em seus muitos personagens.

Figura 6 - Roberto Albergaria ou suas máscaras?



Fonte: Arquivo pessoal de Roberto Albergaria (1960-1980)

Voltando ao ponto central que guia esta parte do trabalho, retomo a narrativa do retorno do professor ao Brasil. Como já mencionado, num primeiro momento não

<sup>184</sup> Cf. OLIVEIRA, [200?].

havia perspectivas de sua inserção ao corpo docente *ufbaiano*, como acredito que intencionava. Mesmo tendo sido aprovado cinco meses após a sua chegada, em concurso público para professor auxiliar do Departamento de Antropologia e Etnologia da UFBA em maio de 1982.

Desse modo, mantinha seu vínculo com a instituição, enquanto atuava como pesquisador bolsista CNPQ, no Centro de Estudos Baianos da referida universidade. Nesse período, se dedicou ao *tratamento histórico-antropológico da historiografia como “mitologia” de uma sociedade complexa*<sup>185</sup>. A partir das obras dos baianos Braz do Amaral e Ignácio Accioli<sup>186</sup>. Algumas dessas publicações podem ser encontradas na biblioteca do professor.

No segundo semestre de 1982, é contratado pela Universidade Católica de Salvador - UCSAL, como professor assistente para as disciplinas de Antropologia, Estudos monográficos e Antropologia Social.

No início do ano seguinte, conforme relata Cleidiana Ramos. Ao tomar conhecimento da situação do professor Albergaria, a professora Consuelo Pondé<sup>187</sup>, apelidada carinhosamente pelo professor de *Dindinha*, então chefe do Departamento de Antropologia e Etnologia da UFBA - DAE. Encaminhou a solicitação para a sua contratação imediata como professor auxiliar, já que se encontrava aprovado por concurso público.

Por isso que ele gostava de Consuelo com todas as críticas dela, porque ele fez o concurso e ele disse que não era nomeado, de jeito nenhum, aí uma professora que fora aprovada no mesmo concurso, Cecilia Sardenberg, falou com Consuelo e Consuelo disse: mas por que o rapaz não pode assumir? Se ele passou? Por que ele não pode? E no outro dia ela convocou ele e ele assumiu. (CAROSO; RAMOS, 2018).

Nesse mesmo ano, foi integrado ao corpo docente do curso de pós-graduação em Ciências Sociais da UFBA, eleito por unanimidade vice-chefe do DAE, incorporado ao quadro docente do Mestrado em Educação. A partir desse evento, sua carreira docente registra sua passagem por diversos cursos de graduação e pós-graduação na UFBA, UNEB, UCSAL e Universidade do Quêbec, nesta última, como professor credenciado.

---

<sup>185</sup> *Ibidem*, fl. 8.

<sup>186</sup> Fatos da vida do Brasil, 1942; Memórias históricas e políticas da Bahia, 6 vols.

<sup>187</sup> Consuelo Pondé de Sena (1934-2015).

Além das suas polêmicas e concorridas aulas, o seu trabalho docente soma-se a um sem-número de palestras, debates, exposições, coordenações de projetos de pesquisa, cursos, orientações e participações em bancas de pós-graduação.

No desenvolvimento desta pesquisa, não foi possível encontrar provas documentais que evidenciem em que momento, o professor Albergaria foi impedido definitivamente, motivado pela sua doença, de lecionar na UFBA, sua última casa. Em seu currículo, cuidadosamente organizado, há registro da sua biografia intelectual até o ano de 2003<sup>188</sup>. No entanto, a última atividade docente que o documento registra, se dá no ano de 1999<sup>189</sup>.

As aulas do professor Albergaria, são um capítulo à parte em sua biografia. Para ele, *dar aula é um estado meio de transe, é como estar possuído por um Exu*<sup>190</sup>. Em suas sessões mediúnicas/aulas, ditava o ritmo da *infinita reprodução assexuada do saber*, enquanto ensinava os seus pupilos a *pensar com a cabeça alheia*.

Suas metodologias de ensino, dividiam a opinião dos seus *alunáticos*. Alguns bilhetes carinhosamente guardados em seus arquivos, em uma das incontáveis pastas que habitam esse acervo, batizada de *a voz dos homeletes e calçoludas*, protegem para a posteridade, mensagens de carinho e agradecimento pela experiência disruptiva das suas aulas.

“Sabe quando a gente tem tudo certinho, arrumadinho na cabeça e de repente surge um furacão e muda tudo de lugar? Acho que você fez isso com a gente. Obrigada! Grande Abraço, Bárbara.”<sup>191</sup>

“Berga, Você vai pagar o meu analista por ter destruído todas as minhas ‘verdades’. Vou mandar a conta pelo correio... Foi incrível esse semestre de ‘lavagem cerebral’! Julian.”<sup>192</sup>

Por outro lado, a sua picardia professoral e o seu humor sempre provocativo, causava verdadeira repulsa de alguns dos seus quase ex-alunos, os quais tive a felicidade de encontrar como colegas de serviço público na UFSB. “Eu cancelei a minha matrícula na disciplina de psicologia, quando soube que seria aluna de

---

<sup>188</sup> Quando o professor Caroso acredita que a sua aposentadoria especial de preso político tenha se iniciado nesse mesmo ano.

<sup>189</sup> OLIVEIRA, [200?]. fl. 53.

<sup>190</sup> *Idem*, 2003. fl. 21.

<sup>191</sup> BÁRBARA. [Correspondência]. Destinatário: Roberto Albergaria de Oliveira. Salvador, [s.d.]. 1 bilhete.

<sup>192</sup> JULIAN. [Correspondência]. Destinatário: Roberto Albergaria de Oliveira. Salvador, [s.d.]. 1 bilhete.

Albergaria. Um cara machista, cheio de piadinha sem graça. Preferia esperar para pegar a disciplina com outro professor” (informação verbal).<sup>193</sup> Me relatou uma colega de programa de pós-graduação.

Um outro colega servidor, também apresentou a sua rápida experiência como *alunático albergarista*. “As aulas de Albergaria eram concorridíssimas, mas você podia assistir uma aula antes de se matricular na disciplina. Então eu fui ver como era e fiquei assustado com a sua boca suja e as suas provocações. Então pensei, se ele me escolhe como alvo dessas brincadeiras, eu não iria aguentar. Desisti da disciplina com ele no mesmo dia” (informação verbal)<sup>194</sup>.

Apesar de toda a contradição que possa estar ligada ao seu método de ensinar, por vezes em seus textos autobiográficos, o professor Albergaria deixa explícito o amor que nutria pela docência. *Tenho mais prazer em dar minhas aulinhas do que o Papa tem em aporrinhar [empatar a foda dos] francisquinhos*.

Desse modo particular, pelos anos em que pôde se dedicar à docência, o professor Albergaria se dedicou, a exemplo do seu velho mestre Cid Teixeira, a instigar em seus alunos, a curiosidade pelo não dito, os conduziam à reflexão do óbvio, sob novas perspectivas, trazia respostas fazendo novas perguntas. *A verdade nunca deve ser mostrada toda nua aos alunos. Deve permanecer, pelo menos, de calçola. Para que eles continuem acreditando que existe alguma coisa por baixo a ser descoberta*. (OLIVEIRA, 2003. fl. 25).

A biblioteca do professor Albergaria também guarda em seu acervo, um recorte desse período, evidenciado não apenas pelo material bibliográfico que serviu de base teórica para as disciplinas que ministrava. Alguns dos seus colegas de departamento, também se fazem presentes neste recorte biográfico. No entanto, devo registrar uma vez mais que, a ausência de outros desses autores, cuja proximidade com o professor era evidente, novamente me trouxe questionamentos acerca das razões pelas quais as obras desses amigos não conquistaram seu lugar na biblioteca do professor.

Mas é preciso lembrar que a construção de uma biblioteca pessoal é motivada pelas necessidades informacionais do seu proprietário. Mesmo que este, tenha estabelecido uma rede de relacionamentos em seus círculos profissionais, sociais e de pesquisa e nela se incluam alguns autores de livros, não serão as interações

---

<sup>193</sup> Relato oral fornecido por uma colega de serviço público e de programa de pós-graduação. Cujas identidade, optei por preservar.

<sup>194</sup> Relato oral fornecido por uma colega de serviço público. Cujas identidade, optei por preservar.

sociais, o fator determinante para a inclusão dessas obras em sua biblioteca pessoal, mas sim a correlação que há entre o que se produz dentro do seu universo particular e os seus objetos de interesse.

Desse modo, considero que os colegas *ufbaianos* que coabitam a biblioteca aqui estudada, de algum modo, conquistaram o seu lugar entre milhares de outros *folhudos*, por contribuírem com a missão do professor Albergaria, a tentativa de compreender a Bahia e as suas manifestações a partir das suas leituras. Dentre tantos autores *ufbaianos* dignos de nota, destaco aqueles citados pelo professor em seus textos autobiográficos e ainda não relacionados neste trabalho. Gey Espinheira<sup>195</sup>, Antônio Risério<sup>196</sup>, Ordep Serra<sup>197</sup>, Jocélio Teles dos Santos<sup>198</sup>, a quem o professor considerava um afilhado intelectual, Edivaldo Boaventura<sup>199</sup>, Luiz Mott<sup>200</sup>, Armindo Bião<sup>201</sup>, Frederico Edelweiss<sup>202</sup> e os reitores Felippe Serpa<sup>203</sup>, Naomar de Almeida Filho<sup>204</sup>, João Carlos Salles<sup>205</sup> e Pedro Calmon<sup>206</sup>

Embora seja reconhecido pelos seus contemporâneos, mesmo que ambigualmente como demonstrado acima, como um *provectoro mestre*. Tendo, ao longo da sua carreira docente, passeado por diversas áreas como a História, Antropologia, Sociologia, Etnopsicologia e Metodologia da Pesquisa. Talvez seja ao ofício de antropólogo que o professor Albergaria tenha se dedicado com maior intensidade e possivelmente por essa razão, tenha conquistado o seu espaço na mídia local como um *explicado Doutor-Sabe-Tudo-da-Mídia*.

Sobre as razões pelas quais “foi escolhido” pela Antropologia em detrimento à História, o professor nos escreve:

<sup>195</sup> Divergência e prostituição, 1984; Os limites do indivíduo, 2005.

<sup>196</sup> Carnaval Ilexá, 1981; O poético e o político, 1988; Ensaio sobre o texto poético em contexto digital, 1998; Textos e tribos, 1993; Adorável comunista, 2002; Fetichismo, 1996; Avant-garde na Bahia, 1995; Tinharé, 2003; A via vico e outros escritos, 1999; A banda do companheiro mágico, 2007; Caymmi: uma utopia de lugar, 1993.

<sup>197</sup> Águas do rei, 1995; O simbolismo da cultura, 1991; Veredas, 2002.

<sup>198</sup> O dono da terra, 1995; Ritmos em trânsito, 1998; O poder da cultura e a cultura do poder, 2005.

<sup>199</sup> Ordenamento de idéias, 1969; Tempos construtivos, 1987; Universidade e multiversidade, 1986.

<sup>200</sup> Crônicas de um gay assumido, 2003; Homossexuais da Bahia, 1999; Violação dos direitos humanos e assassinato de homossexuais no Brasil, 2000.

<sup>201</sup> Teatro de cordel na Bahia e em Lisboa, 2005; Teatro de cordel, 2012.

<sup>202</sup> Ensaio biográfico, 1976; Apontamentos de folclore, 2001; Tupís e Guaranís, 1947.

<sup>203</sup> Rascunho digital, 2004.

<sup>204</sup> Ernesto Cão, 1978.

<sup>205</sup> O claro e o escuro, 1989.

<sup>206</sup> Introdução e notas ao catálogo genealógico das principais famílias, de Frei Antônio de Santa Maria do Jaboatão, 1985.

*Ainda a este respeito, vale acrescentar que me tornei professor-pesquisador na área de Antropologia meio por acaso (minha formação básica foi em Música e História). E meio por acomodação, também. A bem dizer, além das facilidades do emprego público, optei pela comodidade que representa a máscara social de "antropólogo"...*

*Ora, uma mitologia corporativa reza que a Antropologia seria a "ciência das sobras", que levaria a uma "investigação das estranhezas humanas, feita por excêntricos". Os antropólogos representando uma espécie de "nativos marginais", de "estrangeiros profissionais" -- alguns se transformando, num extremo, em "antropófobos" mesmo (isso para os mais radicais na viagem do auto-estranhamento, inclusive os muitos colegas suicidas). (OLIVEIRA, 2003. fl. 14).*

É possível que o fragmento acima, seja uma síntese da essência biográfica e profissional dessa persona aqui explorada, o professor Albergaria. Aqui, vejo condensadas algumas das características muito presentes em seu trabalho de antropólogo.

Estou certo de que uma análise minuciosa do trecho acima, seria tema de um outro capítulo deste trabalho. Contudo, a curta duração de uma pesquisa de mestrado, me obriga a resumir ou omitir muitos elementos que permeiam esta pesquisa e me obriga a apresentar uma síntese das minhas impressões e descobertas.

Desse modo, imagino que o professor Albergaria tenha sido mais um desses *excêntricos pesquisadores das estranhezas humanas*, que buscava nas *sobras* das outras ciências, a matéria prima dos seus estudos. Se valendo das ditas *máscaras do antropólogo*, se furtava da obrigação de apresentar uma identidade bem definida. E justamente por se licenciar da *cara de intelectual sério* e da adoção de uma *fala moral e politicamente edificante*, ele podia transitar por todas as tribos e guetos como um *estrangeiro profissional*.

Como veremos mais à frente, a sua biblioteca também nos traz um recorte do seu perfil intelectual, cujo interesse se baseia nessa Bahia que *sobra* ao interesse alheio. A *Bahia-de-baixo*, como costumava denominar a Bahia que reúne as manifestações sociais que mais lhe interessavam, *a cidade do riso, da festa e da fantasia... Do fuxicar, do falar semvergonhice, do patuscar das Muquiranas (brincadeira = brincadeira+libertinagem), da estética umbandeira do carro-do-Caboclo*. (OLIVEIRA, 2006a. fl. 2).

Como resultado do seu modo de perceber, analisar e interpretar o seu "território", o professor Albergaria nos deixou um legado, que infelizmente não se traduz em uma extensa bibliografia, originada da sua *caraminholante cabeçorra*

*sempre girando em círculos.* Talvez, se o questionássemos sobre a sua baixa produtividade literária, possivelmente nos responderia: *Os defuntos e os gringos já pensaram tudo para nós! Por que ficar esquentando o juízo, querendo reinventar a roda à maneira dos filósofos da tal contemporaneidade lá da FACOM?* (OLIVEIRA, 2003. fl. 25).

De certo, como o bom professor que foi. O legado que tenha nos deixado como uma última lição, teria sido a indicação de um caminho alternativo para o exercício das ciências sociais. Um caminho que a bem da verdade, de longe se passa por original, mas que existe, mesmo encoberto pela névoa do pragmatismo acadêmico. Sempre a nos oferecer uma nova perspectiva acerca da sociedade e seus fenômenos.

### **5.1 Ardilação de um peru de redação**

A persona do Dr. Albreguinha, certamente é tão merecedora de um capítulo próprio neste trabalho, quanto os demais personagens aqui apresentados. Infelizmente, embora eu não sofra de uma *irremediável logomania* como esse amante das palavras, que adorava reunir todos os tipos de dicionários em sua biblioteca. Também cometi uma terrível falta, me estendendo por demais na redação deste texto.

Como resultado da minha transgressão, sou forçado pelo tempo cada vez mais escasso, a sacrificar muito do que tinha para escrever sobre a figura midiática do Dr. Albreguinha. Julgo eu, a mais conhecida dentre todas as outras. Sendo assim, não me resta outro recurso, senão condensar o que descobri sobre este personagem neste subcapítulo, procurando destacar o que considero de maior relevância na sua trajetória biográfica.

Sendo assim, começo por dizer que ao longo da pesquisa, não foi possível apurar as razões que inauguraram o Dr. Albreguinha como uma fonte jornalística nos meados da década de 1980. Contudo, as razões pelas quais ele se manteve como uma valiosa fonte de informação ao longo dos anos, essas já me parecem óbvias.

Caroso e Ramos (2018), nos relatam que ao retornar ao Brasil já anistiado, o Dr. Albreguinha ainda seria alvo de uma censura imposta por grupos conservadores que dominavam alguns segmentos da sociedade, o que incluía os meios de comunicação. Desse modo, ainda foi necessário um tempo, até que o “ex-terrorista” pudesse exercer a sua *irremediável logomania* na mídia local.

O seu currículo<sup>207</sup> que também aponta as suas contribuições com o jornalismo local e não raro nacional, registra a sua primeira participação midiática em maio de 1986, como debatedor no programa Assembleia Geral da TV Educativa da Bahia, sobre o tema “travestis”.

Para o Jornal A tarde, me parece que a censura imposta ao gaio Doutor, tenha se estendido por mais alguns anos. O seu currículo, registra a sua primeira contribuição para a gazeta no ano de 1994. Todavia, uma jornalista inserida naquele contexto, nos traz uma noção daquela conjuntura, quando afirma que por conta da influência de outro jornalista, Jorge Calmon, o professor Albergaria tinha vários problemas com o index. Somente após a saída de Jorge Calmon da direção de jornalismo de A tarde, a então nova diretora, Eduarda Uzeda, permitiu que os jornalistas da referida gazeta, utilizassem o professor como fonte jornalística.

Apesar disso, pouco a pouco a imprensa baiana foi tendo notícias da *ramosa e espichosa sabichagem* do Dr. Albergaria. E assim, não por sua intenção, como revela<sup>208</sup>, mas por *coisa das circunstâncias*, o teriam elegido como *o grande quebragallo das redações*.

Mesmo que eu não tenha dado ênfase neste texto à irreverência que sempre marcou a biografia do professor. Talvez intencionando erroneamente destacar um perfil mais sério que existia por trás dos seus inúmeros personagens. Os biografemas que espalhei ao longo deste trabalho, inevitavelmente deram conta de trazer à luz, esse lado galhofa que o caracterizava.

Apesar do fato de que o seu humor característico, tornou a minha tarefa de pesquisar a sua biografia, um trabalho muito mais divertido do que costumam ser as pesquisas biográficas. Ao iniciar a escrita deste texto, optei deliberadamente por suprimir o quanto possível os seus gracejos. Pois acreditava que a postura cômica adotada pelo professor, servia como uma máscara para ocultar as suas tristezas, mas que, com efeito, também serviu para ofuscar o grande intelectual que a vestia.

Chegando ao final desta pesquisa, depois de ter me lançado ao mergulho em seu universo particular, guiado pela sua biblioteca, como propus na introdução deste trabalho. Reconheço o quanto me privei e possivelmente a quem me lê, de uma experiência muito mais profunda neste universo *albergarista*.

---

<sup>207</sup> Cf. OLIVEIRA, [200?]. fl. 14.

<sup>208</sup> OLIVEIRA, 2003. fl. 11.

Depois de ser apresentado ao publicismo francês, ao estilo narrativo do professor Cid Teixeira e tantos outros elementos que podem ser encontrados em sua biblioteca e que serviram de base para a formação do seu pensamento. Ao final dessa jornada, sou capaz de perceber que toda aquela *picardia e serelepismo*, não representavam um demérito para a sua figura intelectual. Ainda que ele nunca tenha feito questão de ostentar tal figura.

Essa era a tal vulgarização científica de que tanto falava e que pautou essa fase da sua biografia. Nos últimos anos da sua vida, quando já não era mais possível seguir no magistério superior, uma das suas poucas paixões, foi a maneira que encontrou para continuar exercendo a *decência da docência*.

Desse modo, travestindo de piada e fuxico as mais elaboradas discussões do mundo acadêmico e as mais vanguardistas das teorias científicas. O Dr. Albergaria, deu amplitude a sua voz, que antes se encerrava às quatro paredes do *castelo malassombrado de São Lázaro*<sup>209</sup>. Com a permeabilidade social das mídias jornalísticas, a sala de aula do professor se tornou a própria cidade.

Embora tenha me transformado num plumoso Peru-de-Redação, mesmo nas gazetas continuo ciscando mais é pelas beiradas... Palpito, sobretudo, em matérias de descaração (que vocês chamam de "comportamento"), de polícia caceteira e de fait divers engraçadinho... Além de pontificar sobre qualquer tipo de novidade vinda da gringolândia e requentada cá na província -- e também de meter a minha colher no mingau jornalístico das mais variadas & desvairadas ideias gerais. (OLIVEIRA, 2003. fl. 10).

Como já dito neste trabalho, o professor Albergaria era um grande observador da cena baiana. Estava atento a todos os acontecimentos dignos de reportagem. Mas também, quando lhe era permitido, usava da sua mobilidade pelo meio jornalístico, para chamar a atenção das gazetas e dos seus profissionais para outros fenômenos sociais, que aconteciam quase sempre à margem dos noticiários, mas que traziam grandes reflexões histórico-antropológicas.

---

<sup>209</sup> Campus de São Lázaro, onde se encontra a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Sobre as suas contribuições com o jornalismo baiano, cabe aqui tecer alguns comentários sobre o arquivo pessoal que compõe o acervo do professor Albergaria, hoje sob a tutela da UFSB. É uma infinidade de pastas e classificadores, cada uma concentra um tema, devidamente etiquetada e identificada à mão. São categorias que dentro das pastas se desdobram em diversos subtemas que em algum momento serviram de base para os estudos do próprio professor, como também de algum jornalista amigo.

Figura 7- Albergaria e o seu arquivo pessoal.



Foto: Extraída do vídeo “Salvador sofre com violência, sujeira e trânsito”. Folha de São Paulo, 2/12/2002  
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=ZuRviYI7sqo>

Dentro dessas pastas, se encontra de tudo um pouco, recortes de jornais e revistas, fotografias, fotocópias de trechos de livros ou mesmo livros da sua biblioteca e textos ou rascunhos de sua autoria. Os temas sempre diversos: personalidades, autores, eventos sociais, fenômenos antropológicos, temas do cotidiano, enfim.

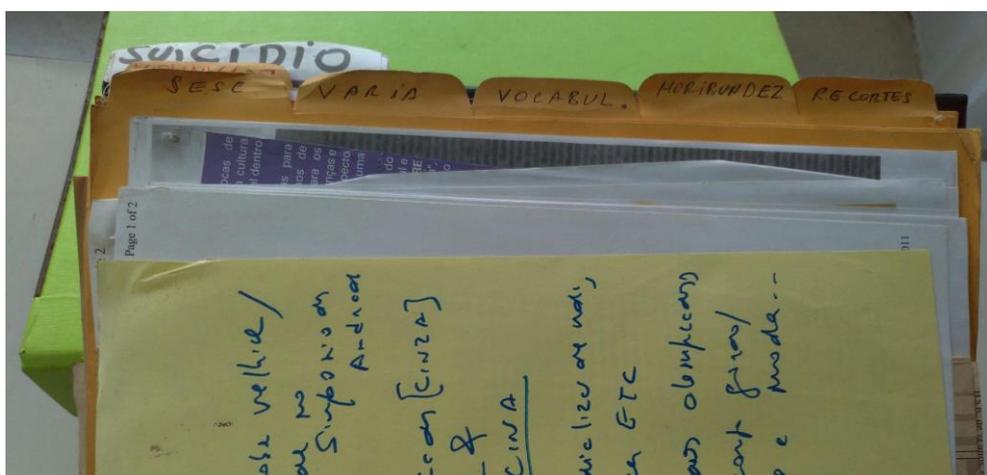
Tanto em sua casa, no passado, como pude observar por fotografias quanto na biblioteca que hoje alberga o seu acervo. Tais pastas não dispõem de nenhuma ordem lógica, como as que nós os bibliotecários adoramos impor sobre os meios de informação ao nosso cuidado. Mesmo assim, o professor Albergaria parecia ter total conhecimento do que reunia, a saber pelos seus rascunhos que vez ou outra fazem menção a uma dessas pastas onde será possível encontrar algum material que subsidie o tema ali dissertado.

Figura 8 - Exemplos das pastas existentes em seu arquivo pessoal



Fonte: Autoria própria (2022)

Figura 9 - Vista interna das pastas e suas subcategorias



Normalmente, os temas que intitulam essas pastas, são subcategorizados em seu interior.  
Fonte: Autoria própria (2022)

A respeito dessas pastas, é possível encontrar relatos de jornalistas que em algum momento se beneficiaram desse acervo, tão rico quanto a sua biblioteca. O amigo Mário Kertész é um deles: “Ele foi um grande colaborador da Revista da

Metrópole, do Jornal da Metrópole, da rádio toda. Cansava de dar palpite, opinião... Fazia questão de chegar aqui, trazer coisas pra mim, sempre tudo preparadinho no plástico, num classificador, tudo muito arrumado.” (PARANHOS; SILVEIRA, 2015. p.6). Assim como o seu arquivo, a sua biblioteca também serviu como base para os jornalistas que consultavam o professor, como evidencia outro jornalista, Claudio Leal:

Ele tinha um humor de uma erudição que eu nunca vi igual. Se a gente estava na redação precisando de uma pauta sobre por que as pessoas se sentiam incomodadas dentro de um elevador e ligasse para ele para saber se algum autor falava sobre isso, ele te dava uma bibliografia de cinco franceses que haviam estudado aquilo. E a casa dele era um outro mundo também. Era quase um gabinete de curiosidades. (PARANHOS; SILVEIRA, 2015. p. 13)

Foi desse modo, *zigzagueando manhosamente pelas pregas & beiradas do noticiário da gente séria* e pela *Atenas Ufbaiana*, que o arguto Doutor Roberto Albergaria se travestiu de Exu, se tornando um guardião da comunicação entre as carrancudas deidades científicas e os dispersos e libertinos mortais.

“Ele era um provocador, brincava com o próprio jargão da academia, falava sobre o comportamento e o ‘jeitinho baiano’, sobre a música que consumimos e sobre redes sociais de uma forma que tanto os seus pares quanto o vendedor de verduras da Feira de São Joaquim entendiam”, afirmou Malu. “Ele era um tradutor, um fingidor. Poderia até ser confundido com um Araken Show-man, mas não, era um estudioso e vivia muito bem informado, desde sobre o universo da sua Península Itapagipana, como diria ele, a temas internacionais”, completou. (FONTES, 2015).

Nesse processo, o trabalho do Dr. Albreguinha se pautou na observação da cena baiana, especialmente a chamada *Bahia-de-Baixo*, a Bahia que, segundo o professor, ficava longe dos interesses da *brancolandia*. Em suas interpretações dos fenômenos sócio-antropológicos que o cercavam ou mesmo em que era convidado a se debruçar a convite de um ou outro jornalista, normalmente sustentava as suas ideias nas disciplinas da Antropologia Urbana e Simbólica, para fundamentar as suas análises. No entanto, não raramente, recorria a outras disciplinas que se encontram representadas em sua biblioteca para enriquecer as suas explicações.

As manifestações do cotidiano eram os seus principais objetos de análise e interpretação. As festas e folguedos populares na região, costumavam ser o pretexto ideal para que o Dr. Albreguinha oferecesse à sua audiência, suas ricas observações. Na ocasião desses acontecimentos, o midiático professor magistralmente encontrava uma maneira de conectar os festejos, ou qualquer evento que se pusesse diante dele, com as ideias científicas que tocavam o assunto em pauta.

Foi dessa maneira, *desasnando*<sup>210</sup> os seus espectadores pelas mídias em que encontrava espaço, que o irreverente professor, reencontrou um caminho para a sua autorealização enquanto disseminador ideias alheias, como ele mesmo diria<sup>211</sup>. Nesses espaços, o Dr. Abelhão, como também gostava de assinar os seus textos, se permitia pensar e falar livremente, dispensando a *pose cuecuda de Professor-Doutor*, que lhe era exigida no ambiente acadêmico. Preferia se mostrar como *um estripulento menino velho*, que brincando com as palavras e conceitos, ia dotando de sentido científico, tudo que o rodeava, assim como à sua plateia.

A exemplo do seu antigo mestre Cid Teixeira, que também se valia dos canais midiáticos para explorar as possibilidades da vulgarização científica, o Dr. Albreguinha, também se valeu dessas oportunidades para propor à sua audiência um novo modo de perceber a sociedade, a partir das suas manifestações.

Desse modo, explorando os *faits divers*<sup>212</sup> da cena baiana à luz do seu método, o Dr. Albreguinha conseguia relacionar de uma maneira muito particular, os fatos cotidianos e o pensamento acadêmico, elaborando a partir daí as suas análises sobre os fatos mais diversos.

Em oposição a um modelo acadêmico *alheio à vida comum*, já criticado pelo professor Albergaria e evidenciado nesta pesquisa. O trabalho do Dr. Albreguinha, sob sua máscara de antropólogo, é um convite à exploração das possibilidades antropológicas no território urbano, principalmente na cena marginal.

Partindo da afirmação de Geertz (1988, p. 14), quando diz que o antropólogo goza de uma "*intellectual poaching license*", *uma licença que nos autorizaria a realizar incursões furtivas no território alheio*. Somos levados, quando percorremos a biblioteca do professor Albergaria, a refazer os seus passos por esses territórios.

Por conseguinte, as futuras gerações de antropólogos e demais pesquisadores que, exercitando o seu *enxerimento profissional em nome da ciência*, terão no acervo deixado pelo curioso doutor, algumas trilhas que orientarão as tentativas de entendimento das estranhezas humanas que se manifestam nas cidades.

É provável que seja essa a grande riqueza que caracteriza essa coleção bibliográfica. Sendo ela, como afirmam Feather e Sturges (2003. p. 522), o reflexo

---

<sup>210</sup> Para o professor Albergaria, o verbo desasnar era sinônimo de ensinar, de tornar menos ignorante.

<sup>211</sup> Cf. OLIVEIRA, 2003. fl. 24.

<sup>212</sup> Lê-se fé divér = fatos diversos.

dos interesses de um indivíduo em particular, nesse caso em específico, os interesses de Roberto Albergaria de Oliveira. Que direcionou o seu trabalho enquanto pesquisador ao estudo da Bahia e prioritariamente as suas manifestações no cenário urbano.

Seu acervo bibliográfico guarda para a posteridade os traços da sua personalidade curiosa e irreverente, e consegue preservar o seu contato e olhar acerca de uma Bahia - totalmente diferente do que essa que permeia o nosso imaginário. Uma Bahia nua, crua e essencialmente *albergarista*.

## 5.2 *Esculhambation made in Bahia*

À maneira dos seus formadores franceses, Roberto Albergaria era, assim como alguns deles, um polígrafo que se dedicava a estudar e escrever sobre qualquer assunto.

Seu arquivo pessoal é a prova da sua dispersão intelectual. ali, em meio àquele sem-fim de pastas e classificadores já mencionados, encontramos também, várias caixas com suas anotações e principalmente fichamentos com apontamentos e referências dos estudos que empreendia em sua *casa-biblioteca do Cantagalo*, como gostava de se referir à sua residência.

Mesmo se tornando conhecido na mídia local, pela sua capacidade de elaborar ricos e longos discursos sobre qualquer assunto que se colocasse diante dele. O Dr. Albreguinha, assim como o professor Albergaria, tinha uma predileção por observar, comentar, estudar e interpretar a Bahia a partir da sua cultura marginal.

Incorporando o Dr. Albreguinha, atuava ocupando:

*Espaços secundários do noticiário local, envolvendo cotidiano, vida mundana, variedades e modas intelectuais. Nada do miolo “sério” do primeiro caderno -- nada de bacorejar sobre o alto mundo da política, dos negócios, do trabalho, da gente **fashion** das colunas, dos mangagões honrados dos obituários, dos elevados princípios louvados nas edificações editoriais (que ninguém lê), enfim, nada de tantas respeitáveis “coisas de branco” em geral. Não posso me meter em “briga de cachorro grande” não: **I am not big dog no!** (como cantaria um outro fuleirista, Falcão).*

*Minha especialidade midiática terminou sendo uma certa **etno-fricotologia** [...]. E gosto disso, pois nos interstícios destes espaços marginais [...] posso soltar mais meu espírito ironicamente liberal (quijá “anarquista” -- ou já “capadocista” -- para às más-línguas “politicamente corretas”, repito). (OLIVEIRA, 2003. fl. 10. Grifos do autor).*

Como professor Albergaria, amparado pelo conhecimento que construía concomitante à sua biblioteca, conduzia aos seus *alunáticos*, em uma viagem pela

sua Bahia idealizada. Engendradora a partir do que lia e das suas observações do cotidiano das culturas marginais que a compunham. Apresentando aos seus pupilos, novas chaves de compreensão acerca da formação da identidade baiana enquanto povo e território.

Com todos os elementos intelectuais e biográficos de Roberto Albergaria e da sua biblioteca que apresentei com essa pesquisa, imagino já ser possível aos que me leem, perceberem que por trás de seus, quase sempre, excêntricos personagens e do discurso predominantemente caricatural. Há nas bases do pensamento de Roberto Albergaria de Oliveira, uma apurada e evidente presença das características das correntes científicas ou dos autores aos quais o professor se dedicou a estudar.

É desse modo que o antropólogo Roberto Albergaria volta o seu olhar para a cidade de Salvador (BA). Buscando encontrar nela uma outra perspectiva para a elaboração das suas análises. Iniciativa, creio eu, motivada pelas ideias de um dos seus célebres mentores, quando apregoa que “essas práticas do espaço remetem a uma forma específica de ‘operações’ (‘maneiras de fazer’), a ‘uma outra espacialidade’ (numa experiência ‘antropológica’, poética e mítica do espaço)”. (CERTEAU, 2014. p. 159).

Suponho também ter sido o professor Michel de Certeau, a partir da proposta de observação da vida cotidiana, quem tenha o inspirado a se debruçar sobre a cultura marginal que nasce no contexto urbano, porém não somente aí, como seu objeto de pesquisa.

Como já mencionei neste trabalho, para Certeau (2014, p. 95), a cultura marginal surge como uma tática (artes de fazer) de subversão à vigilância do poder proprietário, em resumo, seria “a arte do fraco”.

No trabalho do professor Albergaria, fica evidente a sua predileção pelos temas da “baixa cultura baiana”, que como de costume na obra *albergarista*, deixa de lado as terminologias acadêmicas, para dar lugar a um de seus trocadilhos e/ou neologismos. Nesse caso em específico, a baixa cultura e as artes de fazer certeaurianas são batizadas de *esculhambation made in Bahia e nigrinhagem* por Albergaria.

Mesmo considerando as excentricidades da rara e dispersa obra de Roberto Albergaria, temos em seu modelo de trabalho, uma rica contribuição para a pesquisa no campo da Antropologia Urbana. Embora o seu olhar estivesse voltado à cena

baiana, a proposta da sua “arte de fazer” pesquisa, seria uma importante ferramenta aplicável ao estudo de outros cenários urbanos.

Aqui aproveito para denunciar o meu incômodo, com o pretensioso conceito *albergarista* de “Bahia”. Muito embora, eu mesmo seja conivente neste trabalho com a sua ideia. Entendo que estou tratando da concepção pessoal de outro sobre um território. Contudo, sendo eu também, um baiano que nasceu e vive entre as regiões Sudoeste e Extremo Sul do estado, preciso dizer que não consigo me perceber albergado dentro do seu conceito, que diz mais a respeito do contexto soteropolitano e adjacências do que de todo o território geográfico que concebemos chamar de Bahia.

Voltando ao tema proposto para este tópico do trabalho, tenho a dizer que encontro na proposta *albergarista* a ideia de que *esculhambation made in Bahia*, seria a síntese, nas palavras dele do que *temos de mais original em nossa cultura sul-americana*<sup>213</sup>.

Devo destacar que a sua concepção de cultura baiana, se opõe à ideia de cultura que na Bahia é popularmente aceita, ou mesmo imposta pelas ditas elites político-artístico-intelectuais. Oliveira (2006d. fl. 2), simplifica, mas também provoca o seu interlocutor quando afirma que, a construção de uma identidade baiana, parte das interpretações de duas vertentes teóricas, a essencialista e a desconstrucionista. Nesta última, é onde o percebo integrado.

Em menções ao professor Albergaria que ainda podem ser encontradas na rede mundial de computadores, não é raro encontrarmos a associação da sua figura com a de um iconoclasta, questionador à ordem posta e provocador do senso comum. Todavia, uma observação apurada do seu *modus operandi*, é capaz de identificar, como já dito no início deste tópico, as correntes científicas e autores que embasam o seu pensamento.

Desse modo, percebo que a iconoclastia de que falam os seus contemporâneos, pode estar ligada à sua visão de inspiração desconstrucionista, corrente que, por sua vez, oferece bases para o pós-modernismo antropológico, oriundo da escola norte-americana. Por seu posicionamento, creio ser possível aproximar a Antropologia Pós-Moderna ao pensamento do professor e Dr. Albreguinha na última fase da sua trajetória.

---

<sup>213</sup> Cf. OLIVEIRA, 2003. fl. 10.

Me furtando a obrigação de me aprofundar nesses conceitos. Parto para a minha tentativa de aproximação do pensamento *albergarista* ao referido pós-modernismo. Me valendo para isso, da sua declarada ironia ante a crise das ciências, das quais há tempos ele já não levava mais tão a sério.

Ousando ainda enfiar os nossos dedões rombudos “no que não se deve”, exercendo o salutar “dever do desrespeito” -- às nossas tradicionalíssimas conveniências, às morais-de-jegue ambientes etc. Mas agora sem muitas esperanças quanto às nossas descobertas científicas, quanto ao nosso papel cultural (vanguarda de nada! formadores de nenhuma opinião! críticos de nenhuma cultura!) -- e sem muitos sonhos quanto ao futuro dos homens (esses macacos falantes tão pretensiosos, sobretudo os mais modernos!). (OLIVEIRA, 2003. fl.16)

A partir deste ponto, o professor o professor Albergaria estabelece para si, uma pequena margem de manobra em seu trabalho, que envolveu *mais liberdade de linguagem que de propriamente ação*<sup>214</sup>, em sua jornada na exploração das nuances dessa *esculhambation made in Bahia* que nos apresenta.

Em sua interpretação, a construção coletiva da identidade baiana, passa por um trabalho cultural que a partir de *mil-e-uma mediações simbólicas* produz um modelo de representação *imaginosa e elaborado de cima para baixo, de fora para dentro e de trás para a frente*<sup>215</sup>.

E ainda continua. De cima para baixo a partir da construção de uma *imagem-padrão-da-Bahia* produzida e distribuída pelas elites culturais. Uma representação intencionalmente direcionada a um propósito mercadológico. De fora para dentro, quando nós enquanto baianos, nos submetemos a representar um papel, que não nos define identitariamente, apenas busca na aprovação de outrem (*dos mais-civilizados lá do centro*) um modo de subsistência dada a nossa *forçosa condição de caudatários da História Universal*. Por último, de trás para a frente, quando propõe, que a nossa formação histórica se sustenta numa espécie de revisionismo perene, que reinventa o passado de acordo com as preocupações e interesses do presente.

Se orientando por esses três pressupostos apresentados, Roberto Albergaria vem na direção contrária do exposto, esquadrinhando cada um desses elementos, reinterpretando as suas dinâmicas sociais e esquematizando essa que é a sua Bahia despretensiosamente imaginada.

---

<sup>214</sup> Cf. OLIVEIRA, 2003. fl. 15.

<sup>215</sup> Cf. OLIVEIRA, 2006d. fl. 7.

Como objeto de análise, Albergaria toma como ponto de partida, as festas populares e a periferia de Salvador. A partir daí, realiza diversos desdobramentos, ou desconstruções do objeto estudado. Desta desfragmentação da unidade, elenca os variados temas, aos quais, durante muitos anos, se dedicou a investigar e converter em trabalhos acadêmicos e colaborações jornalísticas ou infelizmente, em uma das centenas de pastas que até o momento, se escondem em seu arquivo pessoal enquanto aguardam que outro pesquisador se apresente em busca dos seus tesouros intelectuais.

Nesse intento, a biblioteca do professor Albergaria, também oferece a quem a procura um vislumbre dessa Bahia *albergarista*. Reunindo em seu acervo, muitas das obras que serviram como ferramentaria de pesquisa para todos os estudiosos personagens que se encerram na cabeça do aplicado antropólogo.

Tomando como exemplo o carnaval como um objeto de estudo do professor, podemos verificar em seus textos, a maneira com que explora as possibilidades antropológicas do tema, que pode ser desfragmentado para gerar um estudo que considera temas que vão do xixi na rua até a crítica à industrialização cultural que se manifesta na data.

Em seu acervo, é possível encontrar uma vasta bibliografia sobre o tema, explorando vários aspectos do carnaval, suas transformações históricas, sua estética, relações e códigos políticos e sociais<sup>216</sup>.

Dado o ecletismo do trabalho *albergarista*, é difícil para mim elencar os de maior relevância ao longo da sua trajetória, mesmo estabelecendo um recorte sobre os elementos que convenciono chamar neste trabalho de *esculhambation made in Bahia*. Todavia, alguns parecem saltar aos nossos olhos, quando visitamos a sua biblioteca.

---

<sup>216</sup> SOUSA JUNIOR, Walter Altino de. **O Ilê Aiyá e a relação com o Estado**: interfaces e ambiguidades entre poder e cultura na Bahia. Salvador: [s.n.], 2007.

TINHORÃO, José Ramos. **Imprensa carnavalesca no Brasil**: um panorama da linguagem cômica. São Paulo: Hedra, 2000.

FÉLIX, Anísio; NERY, Moacir. **Bahia, Carnaval**. Salvador: Do autor, 1993.

DUMÊT, Eliana. **O maior carnaval do mundo**: Salvador da Bahia. Salvador: Omar G., 2004.

As questões raciais<sup>217</sup> e a mercantilização da imagem de uma negritude baiana, produzida nesse contexto cultural, parece ter sido um dos objetos de estudo do antropólogo.

O seu interesse pelo feminino em suas mais diversas expressões, também está representado em sua biblioteca. O papel da mulher ante o patriarcado, a liberdade sexual, a violência e a sacralização do gênero em pauta, não se manifestam apenas em sua coleção de Padilhas, mas também nos livros da sua biblioteca<sup>218</sup>. As religiões de matrizes africanas e todo o sincretismo religioso que se dá na Bahia *albergarista* e que formam o seu conceito de *Umbandomblé*<sup>219</sup> podem ser encontradas em seu acervo.

Outra fixação do professor Albergaria, estava no estudo das manifestações homossexuais que se davam no contexto da cultura baiana<sup>220</sup>, em especial, no contexto festivo. Lhe aprazia registrar em seus textos seus olhares sobre a liberdade e a estética do *viadismo*, como preferia categorizar, nos circuitos carnavalescos.

Em resumo, poderia dizer que temos em sua biblioteca pessoal, as chaves para a compreensão dessa Bahia que o professor tentou nos apresentar durante toda a sua trajetória intelectual. Um verdadeiro patrimônio bibliográfico, que agora, a serviço da comunidade “ufsbaiana”, oferece para outros, a oportunidade de se debruçarem sobre esse universo intelectual particular, “contribuindo para a

---

<sup>217</sup> NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor**: identidade, raça e gênero no Brasil, São Paulo: Summus, 2003.

SANSONE, Livio. **Negritude sem etnicidade**: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil. Salvador: EDUFBA, 2004.

VIANNA FILHO, Luiz. **O negro na Bahia**: um ensaio clássico sobre a escravidão. 4. ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

<sup>218</sup> CALLIGARIS, Eliana dos Reis. **Prostituição**: o eterno feminino. São Paulo: Escuta, 2005.

MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel (orgs.). O corpo feminino em debate. São Paulo: UNESP, 2003.

GOLDENBERG, Mirian. **Ser homem, ser mulher dentro e fora do casamento**: estudos antropológicos. Rio de Janeiro: Revan, 1991.

<sup>219</sup> CAMARGO, Candido Procopio Ferreira de. **Kadecismo e Umbanda**: uma interpretação sociológica. São Paulo: Pioneira, 1961.

BELLINI, Lígia; SOUZA, Evergton Sales; SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **Formas de crer**: ensaios de história religiosa do mundo luso-afro-brasileiro, séculos XIV-XXI. Salvador: EDUFBA, 2006.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro**: 1550-1800. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

<sup>220</sup> TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GREEN, James N; POLITO, Ronald. **Frescos trópicos**: Fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

CLARK, Grahame. **A identidade do homem**: uma exploração arqueológica. São Paulo: Jorge Zahar, 1985.

continuidade da obra do *de cujus*, através da formação acadêmica em “humanas” dos seus jovens estudantes”. (OLIVEIRA, 2015).

## 6. NOTAS SOBRE O MANCO DA RIBEIRA: apontamentos sobre a sua doença.

No desenvolvimento da pesquisa para a elaboração deste trabalho e mesmo antes, pude perceber que a maioria das pessoas as quais tive contato ligadas a esse contexto, quando se referiam à doença de Roberto Albergaria, o fazia de maneira que me parecia reduzi-la a um simples problema locomotor. Alguns até lhe atribuíam um outro personagem. Manco da Ribeira era como o chamavam.

Como já mencionado no início deste trabalho, Roberto Albergaria nascera com uma má formação genética.

A espinha bífida é uma das mais frequentes malformações congênitas no mundo e é responsável por importantes sequelas neurológicas. A incidência desta malformação é de 0,2 a 0,4 por mil nascidos vivos, com diminuição destes valores desde a década de 70, quando atingiam 0,5 a 0,6 por mil nascidos vivos. Esta diminuição de sua incidência deveu-se aos programas de orientação sobre o uso de ácido fólico na prevenção dos defeitos do tubo neural e ao aperfeiçoamento do diagnóstico pré-natal por meio da ultrasonografia. (HISABA ET AL, 2003).

Ainda criança, passou por uma cirurgia que lhe proporcionou alguma qualidade de vida, o ajudando inclusive a prolongar a sua expectativa de vida. Contudo, como seqüela da cirurgia, Roberto Albergaria apresentaria, dentre outros problemas, o deambular difícil, ou na linguagem popular, mancaria por toda a vida.

Durante a infância, como relata o professor Caroso<sup>221</sup>, o pequeno Roberto, tinha que usar muletas e apoiadores para as pernas para se locomover. Certamente, essas limitações o privaram de muitas das sociabilidades inerentes e necessárias à infância e adolescência.

Talvez eu ainda esteja prestes a encontrar em algum texto, que ainda está para ser descoberto, alguma informação que me contradiga. Até lá, posso dizer que mesmo não encontrando nos escritos do professor, algum relato que denunciasse o seu incômodo ou frustração com a sua condição neuro-motora. Me apoio na afirmação do professor Caroso, quando diz que a sua falta de socialização na infância, foi a grande responsável pela origem da sua conhecida antropofobia.

---

<sup>221</sup> Em depoimento dado na ocasião do exame de qualificação deste trabalho, onde o mesmo foi um dos membros da banca avaliadora em 25 de agosto de 2021.

É fato que essa doença provocava no professor grande desconforto físico. As evidências documentais que se encontram em seu arquivo e que registram as constantes passagens de Roberto por diversos profissionais médicos, na UFBA quando estudante universitário, na França nos tempos de exílio e depois em seu retorno ao Brasil.

Seus contemporâneos, assim como o seu arquivo, também testemunham várias outras cirurgias, para tratar ou corrigir alguma outra sequela agravada ou provocada pela sua doença. Segundo relata, essas tantas cirurgias sem sucesso, o fizeram perder a fé na *Merdecina*<sup>222</sup>.

O Manco da Ribeira tinha consciência de que a sua doença o degenerava pouco a pouco, com o passar dos dias. A obesidade comum da idade avançada e o sedentarismo autoimposto, o incapacitava de realizar tarefas cada vez mais simples.

Associado às limitações motoras, a *senectude* do professor, trouxe ainda alguns problemas neurológicos, que afetavam diretamente o seu humor e concentração. Seus relatórios médicos e alguns livros da sua biblioteca sobre acústica sonora<sup>223</sup> ajudam a contar, mais uma daquelas versões absurdas que me chegaram no decurso da pesquisa.

Dizia-se que de tão excêntrico ou maluco, costumava dormir num caixote de madeira, como um vampiro em sua casa mal-assombrada. Mais tarde Cleidiana corrigiu a história<sup>224</sup>. Disse que havia um tempo em que o professor Albergaria andava estudando a acústica, como maneira de solucionar o problema da entrada de ruído em sua casa.

Já nessa época o Manco da Ribeira sofria de uma severa insônia em decorrência do seu desarranjo neurológico herdado do seu problema congênito - até o canto dos pássaros nas manhãs, conforme evidencia<sup>225</sup>, atrapalhavam o seu frágil sono.

---

<sup>222</sup> OLIVEIRA, 2003. fl. 2.

<sup>223</sup> SOUZA, Léa Cristina Lucas de; ALMEIDA, Manuela Guedes de; BRAGANÇA, Luís. **Bê-á-bá da acústica arquitetônica**: ouvindo a arquitetura. São Carlos: UFSCAR, 2011.

BISTAFÁ, Sylvio R. **Acústica aplicada ao controle do ruído**. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2011.

<sup>224</sup> Em 06 de dezembro de 2021, eu fui convidado por Cleidiana Ramos para participar do Experimento Acadêmiquês. Uma série de *lives* mediadas pela jornalista, onde os seus convidados apresentam as suas produções acadêmicas ligadas a temas específicos. Na ocasião da minha participação, Cleidiana pode esclarecer algumas informações acerca do uso pelo professor, do referido caixão. Cf. [https://www.instagram.com/tv/CXKPX3wFSet/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/tv/CXKPX3wFSet/?utm_source=ig_web_copy_link)

<sup>225</sup> OLIVEIRA, [2007].

Foi assim que, com a ajuda da sua biblioteca e de um amigo engenheiro, construíram um caixão/cama, com isolamento acústico e com uma estrutura que por cerca de 20 anos, permitiu ao *vampiroso insone*, aliviar-se das suas necessidades fisiológicas, sem ter que se levantar durante aquelas longas noites.

Conforme relata ao seu médico Francisco da Hora<sup>226</sup>, essa privação de sono afetava também o seu desempenho enquanto professor *ufbaiano*, que se apresentava todas as manhãs completamente indisposto para cumprir com as suas obrigações profissionais no *castelo malassombrado são-lazarino*.

Em nossas conversas<sup>227</sup>, Cleidiana Ramos também me conta, sobre um episódio em que o professor relembra que numa dessas manhãs de domingo, depois de uma longa noite em claro, quando finalmente consegue adormecer. Por um descuido do porteiro do seu condomínio, eis que sua campainha toca. Quando abre a porta, ainda sem imaginar qual seria o motivo daquela visita inoportuna, se depara com duas “Testemunhas de Jeová” à entrada. Imediatamente, segundo acrescenta Cleidiana. Pede às visitas que o aguarde por um momento e volta abraçado à duas de suas Padilhas, gesto que faz com que a *cretarada* se retire imediatamente da entrada da sua casa.

Apesar dos fatos anedóticos sempre permearem a sua biografia, com uma ou outra história que nos remeta ao riso. A maioria dos episódios que envolvem o Manco da Ribeira, nos dá um triste vislumbre do seu calvário ante a sua inclemente doença.

Outra sequela da doença que afetava o seu sono, assim como diretamente o seu ofício de professor, era a necessidade constante de realizar as suas necessidades fisiológicas, fato que o impedia de ter uma longa noite de sono, por ter que se levantar frequentemente para ir ao banheiro, principalmente ao fim da vida, quando entrar e sair do caixão/cama já não era uma opção.

Roberto Albergaria relatava aos amigos que o seu maior temor era ficar incapacitado por sua doença, física e mentalmente. Era um amante da vida, porém não era o seu refém. O amigo Luiz Mott chegou a relatar, na ocasião do seu falecimento em 2015, que “Há uns 10 anos, ele chegou a me contar que tinha comprado uma arma para antecipar a sua partida quando se sentisse completamente incapacitado” (MOTT, 2015).

---

<sup>226</sup> *Idem*.

<sup>227</sup> RAMOS, 2021.

A mesma notícia, dá conta de que o professor lutava contra uma depressão, ao que a amiga Cleidiana rebate veementemente:

Cartesiano como era, ele decidiu que era hora de morrer; que tinha chegado ao seu limite... E isso não era resultado de um estado alterado de consciência ou de emoções... Quem conversava com ele tanto tempo sabia que ele raciocinava de forma pragmática. (RAMOS, 2021).

Ainda segundo Cleidiana, especulava-se entre as pessoas próximas ao professor, que o começo do fim do seu calvário, tem sua origem num surto de Zika vírus e Chikungunya que afetou a cidade de Salvador em 2015. À época, alguns acreditavam que Roberto Albergaria, podia ter sido um dos infectados naquela infestação. Fato que nunca foi confirmado.

Mas, partindo dessa suspeita, foram ainda mais adiante, supondo que essa tida infecção tenha sido a porta de entrada para a síndrome de Guillain-Barré.

A síndrome de Guilherme-Barré (SGB) é aguda inflamatória de deficiências funcionais, aguda como uma síndrome de deficiência muscular, arreflexia e fraqueza muscular. A circulação do vírus Chikungunya atualmente representa tanto pela grande incidência de problemas de saúde pública como pelo fato de que, além da sintomatologia típica clínica, há relatos de doenças neurológicas associadas, como um SGB. (ARAUJO et al, 2021)

Acredita-se que a tida infecção tenha agravado os seus problemas locomotores, o encerrando em uma cadeira de rodas. Creio eu, motivo bastante para que tenha escolhido que já era a hora de, em suas palavras, *fazer o seu pós-doutorado em pé-juntologia na universidade do além, com trabalho de campo não remunerado no subsolo do Campo Santo*<sup>228</sup>.

Anteriores ao fato supracitado, são os diversos relatos do professor, acerca da sua dificuldade em manter a sua rotina de leituras e produção intelectual, por conta da sua doença e suas consequências.

*Mesmo levando quase 12 horas na cama, não há como me manter em estado de vigília satisfatório: não consigo mais me concentrar em nenhum trabalho intelectual contínuo (meus escritos ficam eternamente inconclusos, vivo a pular de assunto em assunto sem nada mais me aprofundar). [...] E meu humor vem se tornando frequentemente irritadiço -- o que tento contornar dando asas ao meu temperamento habitualmente gaio [...] Maneira alegre de esquecer a triste degradação corporal que me aflige, distração desta minha mórbida senectude precoce... Alívio, quem sabe, até da perspectiva de uma moribundez miserável, de uma morte cachorra...* (OLIVEIRA, [s.d]b. fl 1-2).

Roberto Albergaria de Oliveira, nasceu no dia 04 de dezembro de 1950, dia de Santa (*Braba*) Bárbara, mas depois de 64 anos *mal-vividos*, concluiu que o dia 02 de

---

<sup>228</sup> OLIVEIRA, 2003. fl. 15.

julho de 2015, dia de Caboclo, seria um bom dia para morrer<sup>229</sup>. Arteiro como era, imagino ter escolhido esse dia para pregar uma última peça no mítico pai fundador da Bahia<sup>230</sup>. Roubaria a cena do dono da festa e ainda estragaria o feriado dos seus conterrâneos de uma só vez.

Dias antes, se recolheu na solidão da sua *casa-biblioteca*, se negando a receber a visita dos seus poucos, mas preocupados amigos. Teve a oportunidade de se despedir daqueles de quem tinha afeição. Antes ainda, conforme me relata Cleidiana Ramos, resolvera a sua vida financeira, realizou doações e distribuiu alguns dos seus livros e textos. *Uma lembrança afetiva e não intelectual*, diria ele.

À amiga Cleidiana escreveu: *Dei uma piorada da porra na última quinzena. Moribundei de verdade. Aí antes que eu dê um custipiu de pinote e caia duro de cu travado forever...*<sup>231</sup>. Roberto Albergaria era um amante da vida, apesar de todas as suas dificuldades. *Quero continuar a moribundear risonha e soltamente, o quanto possível*<sup>232</sup>. Confessaria ao seu médico Francisco Hora de Oliveira Fontes. Todavia, jamais se submeteria a uma vida onde não conseguisse mais *borboletear livremente* pelas ruas da sua amada Cidade Baixa.

E foi assim que no dia 02 de julho de 2015, o Manco da Ribeira, tentaria, sem sucesso, pôr fim ao seu sofrimento. Graças ao vizinho e amigo Sérgio Macedo, que o encontrou desacordado em casa e rapidamente acionou o socorro médico. Segundo Sérgio teria relatado à Cleidiana, o seu intento teria deixado o professor furioso, pois ele queria ter partido no dia de Caboclo.

Tendo rejeitado toda a ajuda médica e dos vizinhos, o Manco da Ribeira permaneceu em casa, dispensando a sugestão do amigo Sérgio de se dirigir para um hospital e partir com um pouco de conforto.

No dia seguinte, todos os amigos receberam a notícia da sua partida, nas palavras dos amigos Luiz Mott e Carlos Caroso dirigidas à Cleidiana na ocasião, prometida há 20 anos.

Desse modo, Roberto Albergaria deixou a efemeridade da carne, para permanecer na perenidade dos papéis que cuidadosamente reuniu ao longo da sua

---

<sup>229</sup> RAMOS, 2021.

<sup>230</sup> No seu polêmico texto, Oliveira (2006d), evoca a fabulação do casal-mito de fundação da Bahia, Caramuru e Paraguaçu, sendo que o primeiro é representado na festa de 02 de julho, segundo a tradição pela imagem do caboclo que desfila no cortejo.

<sup>231</sup> PARANHOS; SILVEIRA, 2015.

<sup>232</sup> OLIVEIRA, [2007].

trajetória. Essa foi à sua maneira de continuar existindo e resistindo pelo tempo que o seu pensamento for relevante e contributo à promoção das ciências humanas e sociais na Bahia e onde mais for capaz de chegar.

Seu legado bibliográfico e documental, hoje descansa furiosamente em outras terras baianas, enquanto aguarda o seu sobrecarregado bibliotecário-guardião encerrar essa pesquisa, para enfim, permitir que a vida volte a circular pelos seus corredores. Devolvendo ao acervo do professor Roberto Albergaria de Oliveira, a sua função primordial, saciar a curiosidade e o desejo pelo conhecimento daqueles que se aventuram pelos seus milhares de livros e afins.

*Agora transcrevo o espiritado epitáfio que quero em cima da minha sepultura [obrado em 2001]:*

***Esculhambou e foi esculhambado  
E acabou aqui escornado  
Ó vida escrota!***

*P.S. Conto com você (caso estique as canelas antes do amigo) pra realizar este último desejo, certo? (OLIVEIRA, 2003. fl. 23. Grifos do autor)*

## **6.1 Biblioteca pessoal, uma intenção que vive para além da vida**

Não estou convencido de que aqueles que se dedicam à construção de uma biblioteca pessoal, tenham por aspiração que suas bibliotecas sejam as testemunhas do seu legado intelectual para a posteridade. Todavia, não duvido de que o contrário também seja possível.

De todo modo, os estudos acerca do patrimônio bibliográfico e das marcas de proveniência que são realizados nessas bibliotecas, nos permite alcançar as trajetórias intelectuais e por que não, como proponho, biográficas dos seus depositários.

Partindo desta premissa, acredito que Roberto Albergaria era mais um, entre tantos outros depositários de suas bibliotecas pessoais, que não nutriam tal ambição. Chego à essa dedução, por não ter encontrado até a conclusão da redação desse texto, nenhum documento em seu arquivo, ou testemunho dos seus contemporâneos que me contradiga.

A bem da verdade, preciso registrar que existe um projeto de integração do acervo do professor Albergaria à UFSB, elaborado pela colega bibliotecária Maria das Graças Miranda Ribeiro. Nele, há uma menção ao “sonho” do professor em doar conhecimento, que me baseando no que pude conhecer dele até aqui, me soa como

um texto apócrifo, por não guardar correlação com as conhecidas atitudes do professor em relação aos outros. Infelizmente, não consegui manter contato com a bibliotecária, para esclarecer tal questão:

Para que, enfim, se concretize o sonho tão real do nosso amigo Albergaria: ter seus livros conhecidos e a sua biblioteca folheada por todos numa dança harmoniosa de alegria e paz no mundo. Ação esta que já fazia parte do cotidiano \_ doar conhecimento \_ abrindo sua casa para seus alunos num encontro para a pesquisa, o ensino-aprendizagem. (RIBEIRO, 2016. p. 4)

Diante do exposto, não sou capaz de afirmar quais eram as intenções do professor Albergaria, para com o destino da sua *bisbilhoteca* após a sua partida. Pelo que pude inferir nessa pesquisa, o destino do acervo obedeceu a vontade dos seus herdeiros.

Uma versão da história, que ouvi pelos corredores da UFSB logo quando entrei em exercício como bibliotecário do campus Sosígenes Costa, diz que o irmão e um dos herdeiros do professor, o sr. Walter Francisco, teria consultado a UFBA, intencionando vender à dita Universidade, o acervo bibliográfico do professor.

Esta mesma versão da história, diz que a UFBA na figura do seu reitor e da coordenadora do Sistema Universitário de Bibliotecas, teriam rejeitado a oferta sob a alegação de que a instituição não dispunha de recursos financeiros para tal aquisição, mesmo reconhecendo o valor material e simbólico do acervo. Foi quando o professor Carlos Caroso teria intervindo na proposta e solicitado para que o acervo fosse cedido em doação à UFSB.

Na ocasião do exame de qualificação desta pesquisa, integravam como membros da banca de avaliação, o professor Carlos Caroso e a professora Ivana Borges Lins, que também é desde 2019 a coordenadora do Sistema Universitário de Bibliotecas da UFBA. O primeiro, aproveitou a oportunidade para registrar que não fizera parte das tratativas envolvendo a doação do acervo à UFSB, mas confirmou a negativa da UFBA em receber a doação do acervo. Em seguida, a professora Ivana também se manifestou, afirmando não ter conhecimento de tal oferta, assim como da negativa do Sistema de Bibliotecas em receber a preciosa doação, lamentando o fato.

Desse modo, julgo como falsa a versão apresentada acima. E, me atendo às provas documentais encontradas e ao relato do professor Caroso<sup>233</sup>, concluo que, a doação realizada à UFSB partiu da iniciativa dos próprios herdeiros do professor,

---

<sup>233</sup> Em depoimento dado na ocasião do exame de qualificação deste trabalho, onde o mesmo foi um dos membros da banca avaliadora em 25 de agosto de 2021.

representados nos trâmites pelo sr. Walter Francisco, conforme registra em *e-mail* enviado ao então reitor Naomar de Almeida Filho em 27 de dezembro de 2015:

Prezado Prof. Dr. Naomar:

Sensibilizado e agradecido pelo seu contato, reitero e aqui formalizo a disposição dos herdeiros do espólio do Dr. Roberto Albergaria de Oliveira, na condição de seu inventariante, de cessão não onerosa do acervo de sua importante biblioteca para a recém criada Universidade Federal do Sul da Bahia, desde quando ele seja incorporado ao acervo do Campus Sosígenes Costa, em Porto Seguro/BA [...] Acreditamos que assim procedendo, estaremos preservando a memória daquele que foi um devotado professor - ao lado dos próceres que compõem a extensa galeria dos grandes educadores da nossa terra. (OLIVEIRA, 2015)

Em reunião no dia 28 de dezembro do mesmo ano, por aprovação do Conselho Universitário da UFSB, como registrado em ata<sup>234</sup>, o patrimônio bibliográfico do professor Roberto Albergaria passa a integrar o acervo da Biblioteca Campus Sosígenes Costa.

Sob a supervisão da bibliotecária Maria das Graças Miranda Ribeiro, somente no início de março de 2016, após o cumprimento das formalidades documentais e alocação de recursos humanos e financeiros para a devida atividade, é que foram iniciadas as operações de remoção do acervo da sua antiga *casa-biblioteca*.

Por conta da minha dificuldade em contatar, por razões diversas, os envolvidos no processo de remoção do referido acervo. Não fui capaz de precisar quanto tempo durou a operação, muito menos, quais foram os tratamentos dados ao acervo, além do seu encaixotamento para transporte.

Um ofício expedido pela pró-reitoria de planejamento e administração da UFSB<sup>235</sup>. Em 26 de janeiro de 2017 registra que o acervo esteve armazenado até aquela data no escritório da CEPLAC/UFSB na Cidade de Salvador. Quando nesse mesmo ofício, o seu pró-reitor, o professor Francisco José Gomes Mesquita, solicita ao pró-reitor de Administração da UFBA, a cessão de um caminhão baú para o transporte do patrimônio bibliográfico do professor Albergaria até a cidade de Porto Seguro, onde permanece desde então.

Pelo tempo que trazido ao campus Sosígenes Costa e ainda um pouco depois da minha chegada. O acervo do professor Albergaria permaneceu encaixotado em

---

<sup>234</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA. Por webconferência. **Ata de continuação da reunião ordinária do Conselho Universitário realizada em 28 de dezembro de 2015.** p. 2.

<sup>235</sup> BRASIL. Ministério da Educação. Universidade Federal do Sul da Bahia. **Ofício 02/2017-PROPA.** Itabuna: Universidade Federal do Sul da Bahia, 26 jan. 2016.

uma das salas da biblioteca. À exceção da sua coleção de objetos que já encontrei exposta à comunidade sob os cuidados do colega museólogo Júlio Cezar Chaves.

Preciso registrar aqui, o fato de que o meu ingresso no quadro de servidores da UFSB em outubro de 2017 coincidiu com o momento em que as bibliotecas dos três campi estavam sendo implementadas. Antes disso, todas elas já estavam em funcionamento, porém, os seus acervos eram compostos excepcionalmente por livros doados pela comunidade.

Naquele período, as recém-nascidas bibliotecas da UFSB, começavam a dar os seus primeiros passos e, portanto, tudo estava por fazer. Compras dos primeiros livros, dos seus mobiliários, informatização dos sistemas, documentação das nossas rotinas. Todas essas atividades demandavam e ainda demandam quase que a totalidade das horas de trabalhos dos únicos bibliotecários que atuam em seus respectivos campi.

Por essa razão, o meu primeiro encontro com a biblioteca do professor Roberto Albergaria, demoraria ainda alguns meses para produzir seus primeiros frutos. Somente a partir do ano de 2018, quando o museólogo Júlio Cezar foi integrado ao pequeno quadro de servidores da biblioteca, foi iniciado o trabalho de desencaixotamento dessa biblioteca aqui biografada. Assim, entre um afazer e outro, demos início ao lento processo ainda não concluído de tratamento do referido acervo.

Um ano mais tarde, em meio às pesquisas necessárias para a execução dos serviços em nossas respectivas áreas profissionais, relativas à coleção do professor Albergaria. Foi que partiu do colega de trabalho Júlio, a ideia de que eu deveria apresentar um projeto de mestrado ao Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade da UFSB, sob a proposta de desenvolvimento da biografia desse acervo, à luz dos conceitos de biografia social das coisas, aqui apresentado.

Depois de algumas semanas de discussões e convencimentos, topei o desafio de me lançar pelo universo bibliográfico e documental *albergarista*, que agora se materializa na forma deste trabalho de pesquisa que aqui encerro por hora.

Quanto ao meu trabalho de bibliotecário, este ainda se estenderá por muito tempo, ainda há muito o que ser feito por esse precioso acervo até que este possa ser disponibilizado para o acesso à comunidade. Contudo, agora, me lanço nessa tarefa com um novo olhar sobre o papel transformador que esta coleção foi capaz de exercer na vida intelectual do seu depositário e certamente ainda exercerá na vida de outras pessoas. A minha, certamente é a primeira delas.

Figura 10 - Vista parcial da Coleção Especial Roberto Albergaria de Oliveira



Fonte: Autoria pessoal (2022)

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chego ao fim deste trabalho, movido por um sentimento que acredito pertencer a todo ambicioso biógrafo que sonha conquistar o inalcançável objetivo de retratar, em essência e completude, os detalhes da vida de alguém ou de alguma coisa.

Por vezes, ainda me culpo por ter deixado de retratar um ou outro episódio, ou de destacar esse autor ou aquele tema, presentes na biblioteca do professor Albergaria.

Meu consolo é pensar que este trabalho servirá como uma referência para novas possibilidades de pesquisa acerca da vida, obra e biblioteca de Roberto Albergaria. E, a partir deste trabalho, outros pesquisadores, até mais habilidosos nas práticas de pesquisa e mais versados nas ditas Ciências Humanas e Sociais do que eu, poderão explorar e produzir novos conhecimentos a partir dessa biblioteca que sempre será pessoal, em seu íntimo, mas que agora pertence a todos.

Desenvolver um trabalho de pesquisa é também fazer escolhas, é sacrificar ou postergar para um futuro incerto as importantes descobertas realizadas, em nome do limitante objetivo narrativo. Ter que fazer essas escolhas ainda me dói, pois sinto que privo, a quem me lê, os maravilhosos das descobertas que fiz, mas que não couberam na proposta deste trabalho.

Quando iniciei esta pesquisa, imaginava que iria encontrar na biblioteca pessoal de Roberto Albergaria uma aleatoriedade temática condizente com a sua dispersão intelectual. E, destarte, precisaria empreender um esforço narrativo que conferisse algum sentido metodológico ao meu escopo. Desse modo, a biografia do professor teria uma centralidade imperativa para o sucesso do meu empreendimento, ainda que não fosse ela o foco do trabalho.

Contudo, durante o meu percurso investigativo, conforme ia retirando cada uma das máscaras ou disfarces que o professor usava para dissimular a sua robustez intelectual, ia encontrando em sua biblioteca o sentido orgânico que pensava não existir naquele caos bibliográfico.

A partir daí, pude me apropriar do meu objetivo inicial, que era dar protagonismo ao papel que a sua biblioteca pessoal exerceu na construção da sua trajetória intelectual, conforme a proposta do meu projeto de pesquisa.

Por esse motivo, optei por não adentrar nas minúcias biográficas de Roberto Albergaria, deixando de me aprofundar em suas questões familiares, sentimentais e individuais. Mesmo, apesar de ter descoberto muitos detalhes que nos ajudariam a compreender o homem por trás dos seus personagens.

Essas escolhas, também justificam o fato de eu não ter obedecido a uma outra proposta que me impus, de buscar nos relatos dos contemporâneos de Roberto Albergaria e de suas histórias de vida, outros elementos que me auxiliassem na composição do seu perfil biográfico. A bem da verdade, é preciso dizer que num primeiro momento, realizei algumas tentativas de contato com alguns dos seus contemporâneos, em algumas obtive sucesso, em outras não.

De todo modo, imaginando que as contribuições que poderia obter dessas escutas, teriam mais a oferecer para a composição do seu perfil biográfico do que com o intelectual, optei por me ater principalmente às contribuições de duas fontes orais, Cleidiana Ramos e o professor Carlos Caroso, assim como dos textos de cunho autobiográfico do próprio professor Albergaria. De outros, me limitei à coleta de depoimentos já publicados na rede mundial de computadores, que satisfizeram somente em parte às minhas necessidades informacionais, evidenciando que esta certamente não teria sido a melhor escolha metodológica.

Dito isto, devo ressaltar que a minha escolha por conferir à biografia de Roberto Albergaria, um papel secundário neste trabalho, em nada desfavorece a relevância da sua história de vida para as Ciências Humanas, Sociais, Culturais e

Comunicacionais. O fiz, por estratégia narrativa e metodológica, mesmo percebendo o valor acadêmico e mesmo cultural que esta teria para a comunidade baiana.

Nesse contexto, dou centralidade à construção intelectual do professor e da sua biblioteca, ao elencar somente os eventos biográficos do professor que possuíssem ressonância direta nos temas de destaque em seu patrimônio bibliográfico.

Assim como deixei para trás, muitos dos eventos biográficos que julgo relevantes para a compreensão do homem em questão. Também fui forçado a me furtar a obrigação de apresentar tantos outros temas e autores de sua biblioteca, tão importantes quanto os que se fizeram aparecer neste texto.

Por força da minha dificuldade em administrar as minhas obrigações de pesquisador e bibliotecário, ante uma pandemia de COVID-19 entre os anos de 2020 e 2022, que, dentre tantos efeitos, me privou de acessar a biblioteca estudada por meses. Assim como, também fui privado de solicitar o auxílio dos colegas para viabilizar ao menos um levantamento bibliográfico completo do acervo, o que permitiria aos que encontrarem este trabalho, como um primeiro contato com esse valioso acervo.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas, das renúncias e acolhimentos, acertados ou não, chego neste ponto para concluir que é afirmativa a resposta para o meu problema de pesquisa. As bibliotecas pessoais são, sim, à luz dos estudos das suas marcas de proveniência, assim como pelo conceito de biografia social das coisas, capazes de preservar e transmitir à posteridade, a trajetória intelectual e o modelo de pensamento do seu provedor.

Nesse intento, me apoiando na construção de uma biografia da biblioteca do professor Roberto Albergaria de Oliveira, busquei intercalar os eventos biográficos que caracterizassem não apenas a sua biblioteca, mas também os seus próprios acontecimentos.

Para isso, me recorri ao recurso narrativo do biografema cunhado por Roland Barthes, que me permitiu registrar não somente os fatos históricos que envolvem a sua biografia, mas, através de fragmentos dos seus textos, pulverizar ao longo deste trabalho, fragmentos da sua personalidade, evidenciados no seu estilo particular de escrita. Desse modo, essa pesquisa divulga, para onde for possível, a vida, obra e relevância intelectual do professor Roberto Albergaria.

Com efeito, procurei no conceito antropológico de biografia social das coisas, chamar a atenção para a relevância que este acervo em estudo adquiriu, a partir do seu contato com um destacado intelectual que o formou e a sua proposta de repensar as “artes de fazer” das ciências humanas e sociais.

No contexto dos estudos acerca das bibliotecas pessoais, propus um modelo particular de interpretação desses espaços. Onde procurei demonstrar que o seu evento gerador, diferente de outros tipos de bibliotecas, não parte de uma formalidade institucional nem se define a partir da quantificação do seu acervo.

As bibliotecas pessoais segundo essa proposta, são geradas de uma intenção do seu provedor que se projeta para o futuro, evidenciando que, embora os estudiosos sobre o tema, se valem desses espaços como instrumentos guardiões da memória do seu provedor, para esses, as suas bibliotecas pessoais são portais para o futuro intelectual que escolheram construir entre permeares de seus livros.

Para esta pesquisa, procurei refazer os passos intelectuais de Roberto Albergaria a partir do que encontrei em sua biblioteca e que de algum modo se relaciona com os personagens e contextos históricos que permeiam a biografia do professor. Como resultado, acredito que tenha conseguido evidenciar uma robusta base teórica que sustenta um sofisticado modo de pensar que o dissimulado Dr. Albreguinha habilmente escondia debaixo do seu humor característico.

Destaco, em conclusão, os valores intelectuais que essa biblioteca encerra e minha contribuição direta na formação da comunidade acadêmica da qual eu faço parte como estudante e servidor público. Em especial, a comunidade universitária do Sul da Bahia, a qual, via exercício do meu ofício de bibliotecário, tem o privilégio de ter ao seu alcance esse importante e instigador patrimônio bibliográfico, cultural e científico.

## REFERÊNCIAS

ABAL, F. C.; RECKZIEGEL, A. L. S. O primeiro condenado à morte na República: Theodomiro Romeiro dos Santos e a Justiça Militar. **Revista História & Perspectivas**, [S. l.], v. 31, n. 58, 2019. DOI: 10.14393/HeP-v31n58-2018-10. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/38352>. Acesso em: 19 set. 2021.

ALVES, Ana Paula Meneses. **História e memória por meio de coleções especiais**: o caso da Biblioteca da Unesp/FCLAr. in. Vieira, Brunno V. G; Alves, Ana Paula Meneses. Acervos especiais: memórias e diálogos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

PARANHOS, Felipe; SILVEIRA, Bárbara. A Rádio-Mamãe se despede. **Jornal da Metrópole**. Salvador, 09 de jul. 2015. Disponível em: [https://api.metro1.com.br/arquivos/jornal/12/ARQUIVO\\_JORNAL.pdf](https://api.metro1.com.br/arquivos/jornal/12/ARQUIVO_JORNAL.pdf). Acesso em: 12 set. 2021.

AZEVEDO, F. C. de; LINO, L. A. S. O Inventário da Biblioteca Lélio Gama: recuperação da memória e relevância para estudos afins. **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v.128, p.219-230, 2008. Volume publicado em 2010. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630\\_2008\\_00128.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_2008_00128.pdf). Acesso em: 01 fev. 2021.

BÁEZ, Fernando. **História universal da destruição dos livros**: das tábuas sumérias à guerra do Iraque. Tradução: Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

BAHIA prende grupo de subversivos. **Jornal do Brasil**. Guanabara, 05 de mai. de 1971.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2015.

BARTHES, Roland. **Sade, Fourier, Loyola**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BITTENCOURT, Maria Inês Garcia de Freitas. Michel de Certeau 25 anos depois: atualidade de suas contribuições para um olhar sobre a criatividade dos consumidores. **Polêmica**. v. 11, n. 2, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/3091/2210>. Acesso em: 10 jul. 2022.

BRASIL. Circunscrição Judiciária Militar (6ª). Ação Penal nº 19/71. Agrupamento perigoso à segurança nacional e propaganda subversiva. Salvador, 31 de maio de 1971. **BNM Digital**. Disponível em: <http://bnmdigital.mpf.mp.br/sumarios/300/212.html>. Acesso em: 10 set 2021.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 3071, de 1 de janeiro de 1916.** Institui o Código dos Estados Unidos do Brasil.

\_\_\_\_\_. **Decreto-Lei nº 898,** de 29 de setembro de 1969. Define os crimes contra a segurança nacional, a ordem política e social, estabelece seu processo e julgamento e dá outras providências.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Universidade Federal da Bahia. Coordenação de Gestão de Pessoas. Portaria nº 182, de 4 de fevereiro de 2020. **Diário Oficial da União:** seção 2, Brasília, DF, ano 61, n. 25, p. 30, 05 fev. 2020.

BRITO, Antônio Maurício Freitas. **O golpe de 1964, o movimento estudantil na UFBA e a resistência à ditadura militar (1964-1968).** Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2008.

BRODER, A. La trayectoria de Frédéric Mauro. **História Econômica & História de Empresas,** v. 5, n. 1, 19 jul. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.29182/hehe.v5i1.139>. Acesso em: 05 fev. 2022.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; GOULART, Silvana. **Tempo e circunstância:** a abordagem contextual dos arquivos pessoais: procedimentos metodológicos adotados na organização dos documentos de Fernando Henrique Cardoso. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2007. p. 21 -24.

CAROSO, Carlos; RAMOS Cleidiana Patrícia Costa. **Entrevista** [mar. 2018]. Entrevistador: Julio César Chaves. Salvador, 2018.

\_\_\_\_\_, Carlos. Homenagem póstuma ao professor Roberto Albergaria. **APUB,** 2015. Disponível em: <<http://apub.org.br/homenagem-postuma-ao-professor-roberto-albergaria/>>. Acesso em: 25 jul. 2021.

\_\_\_\_\_, Carlos. Carlos Alberto Caroso Soares (depoimento, 2014). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (FGV), (2h 35min). Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/cientistassociais/carlosalbertocaroso>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

CERTEAU. Michel de. **A invenção do cotidiano:** 1. artes de fazer. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CÉSAR, Elieser. Perfil / Antropólogo escrachado. **Correio da Bahia.** Salvador, 31 de ago. de 2003. Caderno repórter.

CHARTIER, Roger. **A Mão do autor e a mente do editor.** São Paulo: Editora UNESP, 2014.

CIRNE, Thiago. Bibliotecas particulares: Intimidade, intelecto e cultura. **Revista Biblioo:** cultura informacional, Rio de Janeiro, 19 set. 2013. Disponível em: <https://biblioo.info/bibliotecas-particulares/> . Acesso em: 01 jun. 2021.

CORPO de Roberto Albergaria será enterrado neste domingo. **Correio 24 horas**, Salvador, 05 de jul. de 2015. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/corpo-de-roberto-albergaria-sera-enterrado-neste-domingo/>>. Acesso em: 13 de jul. 2021.

COSME, Alfonso M. **Los espacios del saber**: historia del arquitectura de las bibliotecas. Gijón: Ediciones Trea, S. L., 2004.

COSTA, Luciano Bedin da. **Estratégias biográficas**: o biografema com Barthes, Deleuze, Nietzsche e Henry Miller. Porto Alegre: Sulina, 2011.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

D'ARAÚJO, Maria Celina. O AI-5. **CPDOC | FGV - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**, São Paulo, [s. d.]. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>>. Acesso em: 15 de jul. 2021.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - EDUSP, 2009.

ESCARIZ, Fernando. **Porque Theodomiro fugiu**. São Paulo: Editora Global, 1980.

FEATHER, John; STURGES, Paul (eds.). **International encyclopedia of information and library science**. 2. ed. New York: Routledge, 2003.

FERNANDES, Florestan. **A contestação necessária**: retratos intelectuais de inconformistas e revolucionários. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

FONTES, Malu. Corpo do antropólogo Roberto Albergaria é sepultado em Salvador [Entrevista concedida a] Clarissa Pacheco. **Correio 24 horas**, Salvador, 05 jul. 2015. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/corpo-do-antropologo-roberto-albergaria-e-sepultado-em-salvador/>>. Acesso em: 15 jun. 2022.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

FREITAS, Sônia Maria de. **Reminiscências**. São Paulo: Maltese, 1993.

GEERTZ, Clifford. Comentário sobre um clássico de citação: a interpretação das culturas. **Current Contents: social & behavior sciences**, Institute for Scientific Information, Philadelphia (USA), v. 33. n. 14. p. 14, 15 ago. 1988.

GRANTS, Andréa Figueiredo Leão. **(Des)arquivar biografemas**: a biblioteca de Cora Coralina. Tese (Doutorado em Literatura) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. São Paulo, 2016.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

HISABA, Wagner Jou et al. Espinha bífida aberta: achados ultra-sonográficos e presença de contrações uterinas na predição da evolução motora neonatal. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia** [online]. 2003, v. 25, n. 6. Acesso em: 8 ago. 2022, p. 425-430. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-72032003000600007>>.

HOLTORF, Cornelius. Notes on the life history of a pot sherd. **Journal of Material Culture**, SAGE Publications (London, Thousand Oaks, CA and New Delhi), v. 7. p. 49-71, 2002.

HOSKINS, Janet. Agency, Biography and objects. In: TILLEY, C. et al. (Eds.). **Handbook of material Culture**. New York: Sage: 2008.

JACOBS, Camila Campos. **A participação da United States Agency for International Development (USAID) na reforma da universidade brasileira na década de 1960**. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

JORGE, Maria Zeneide de Macedo Melo. **A hora e a vez de Adriana Lunardi: escritas de mulheres e biografema**. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

JOSE, Emiliano. Corpo amputado querendo se recompor. **Carta Capital**, 2013. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/corpo-amputado-querendo-se-recompor/>>. Acesso em: 10 set. 2021.

KOPYTOFF, Igor. **A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo**. In: APPADURAI, Arjun. A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

LE GOFF, J. **Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente**. Lisboa: Estampa, 1979.

LIMA, Déborah Kelman de. Memória do Colégio estadual da Bahia - Central: trajetória de excelência, declínio e descaso. **Biblioteca Virtual Consuelo Pondé**. Salvador, 07 de set. de 2016. Disponível em: <<http://www.bvconsueloponde.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=145>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

LIMA, Rachel Esteves. Pesquisa, ensino e relações interculturais: os professores franceses no Brasil. **O eixo e a roda: revista de literatura brasileira**, Belo Horizonte; v. 18; n. 1, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/16312>. Acesso em: 20 out. 2021.

MALAQUIAS, Isabel. Do imaginário em Jules Verne: perspectivas da ciência. **Carnets**, Coimbra (PT); v. 15, 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/carnets/9173>. Acesso em: 25 mar. 2022.

MARTINS, Maro Lara. Intelectuais e experiência intelectual: modos de usar. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 30., 2019. **Anais eletrônicos** [...]. Recife: ANPUH-Brasil, 2019.

MELO, Kelly Castelo Branco da Silva. **Bibliófilos e bibliodetetives**: personagens de patrimônio e memória. 2015. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MIRANDA, Ana Claudia Carvalho de. Desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas; v. 4; n. 2, p , jan./jun, 2007.

MOLES, Abraham A. Biblioteca pessoal. Biblioteca Universal. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 39–52, 1978. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/29059>>. Acesso em: 2 fev. 2021.

MOLES, Abraham A. **Teoria dos objetos**. Tradução Luiza Lobo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981.

MORAES, Rubens Borba de. **O Bibliófilo aprendiz**. 3.ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1998.

MOTT, Luiz. Corpo do antropólogo Roberto Albergaria é sepultado em Salvador [Entrevista concedida a] Clarissa Pacheco. **Correio 24 horas**, Salvador, 05 jul. 2015. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/corpo-do-antropologo-roberto-albergaria-e-sepultado-em-salvador/>>. Acesso em: 15 jun. 2022.

NASCIMENTO, Angelina Bulcão. **Trajatória da juventude brasileira**. Salvador, EDUFBA, 1999.

OLIVEIRA, João Pacheco de. O retrato de um menino Bororo: narrativas sobre o destino dos índios e o horizonte político dos museus, século XIX e XXI. **O tempo**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, p. 73-99, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tem/a/W49HmJhNTMDPYrGgBL3zd4x/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2011.

OLIVEIRA, Roberto Albergaria de. **Breve apresentação formal do compliquento prof. Roberto Albergaria**. Salvador, 2006a. Documento inédito.

\_\_\_\_\_, Roberto Albergaria de. **O baiano Albergaria; ou como administro a minha identidade de “baiano”**. Salvador, 2006c. Documento inédito.

\_\_\_\_\_, Roberto Albergaria de. **Bolodórios**. Salvador, [s. d.]a. Documento inédito.

\_\_\_\_\_, Roberto Albergaria de. **[Correspondência]**. Destinatário: Francisco Hora de Oliveira Fontes. Salvador, [2007]. 2 fls.

\_\_\_\_\_, Roberto Albergaria de. **Cu-rico, digo, currículo**: 70 páginas de mortificação?. Salvador: [200?]. Documento inédito.

\_\_\_\_\_, Roberto Albergaria de. **Memoriosa macaqueação de mim mesmo(?)**: um retrato borrado de um doutor miado, diriam.... Salvador, 2003. 18 p. Documento inédito .

\_\_\_\_\_, Roberto Albergaria de. **O Mestre relido (treslido?) por um aprendiz**. Salvador, 2002a. Documento na íntegra.

\_\_\_\_\_, Roberto Albergaria de. **O mundo humano-baiano como vontade e representação**. Salvador, 2006d. Documento na íntegra.

\_\_\_\_\_, Roberto Albergaria de. **Para Mateus com H** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <matheus\_de\_melo@hotmail.com> em 02 out. 2003.

\_\_\_\_\_, Roberto Albergaria de. **Reconstituindo perguntas da TVE**. Salvador, 2006b. Documento inédito.

\_\_\_\_\_, Roberto Albergaria de. **Roteiro que usei em meu depoimento no vídeo de Gaguinho, “Cid, enciclopédia da Bahia” e que me espichei um pouco depois da nossa conversa de ontem com Flávio Novaes, autor da matéria “Senhor História”, Correio da Bahia, 4. ago. 2002 Caderno Repórter, p. 1-7**. Salvador, 2002b. 03 p.

OLIVEIRA, Walter Francisco. **Acervo da Biblioteca do falecido Prof. Albergaria**. Mensagem recebida por <naomaralmeida@gmail.com> em 07 dez. 2015.

OSÓRIO, M. A. de L.; ALFANO, M. C. **Trabalhando na biblioteca**: manual para os auxiliares das bibliotecas de instituições teológicas evangélicas. São Paulo: M. A L. Osório, 1994.

PEDRÃO, G. B.; MURGUIA, E. I. Formação das bibliotecas: uma abordagem desde a perspectiva do colecionismo. **Em Questão**, v. 19, n. 2, p. 396-414, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/10581>. Acesso em: 12 fev. 2022.

PINTO JÚNIOR, Antonio Carlos Pimentel. **A biblioteca vermelha de Raimundo Jinkings**: uma história de livros. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2011.

POMIAN, Krzysztof. **Colecção**. in. Enciclopédia Einaudi. Porto: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1984.

PRANDI, Reginaldo. **Herdeiras do Axé**. São Paulo, Hucitec, 1996.

PRESSMAN, Jessica. **Bookishness**: living books in a digital age. New York: Columbia University Press, 2020.

PRON, Patrício. Livros para mostrar que ler não é necessário. **El Pais Brasil**, Madrid, 28 jul. 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/cultura/2021-07-29/livros-para-mostrar-que-ler-nao-e-necessario.html>>. Acesso em: 01 ago. 2021.

RAMOS, Cleidiana Patrícia Costa. Bahia perde ícone da inteligência risonha. **Blog Mundo Afro**, 2015. Disponível em: <http://mundoafro.atarde.uol.com.br/bahia-perde-icone-da-inteligencia-risonha/>. Acesso em: 08 jul. 2021.

\_\_\_\_\_, Cleidiana Patrícia Costa. **[Caso do dicionário]**. Whatsapp: [Conversa com Cleidiana Ramos]. 06 dez. 2021. 14h39. 8 mensagens de Whatsapp.

RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da Biblioteconomia**. Tradução Tarcísio Zandonade. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.

RIBEIRO, Maria das Graças Miranda. **Projeto de integração da biblioteca Professor Roberto Albergaria de Oliveira à Universidade Federal do Sul da Bahia UFSB**: (plano de ação). Salvador, 2016.

RISÉRIO, Antonio. **Edgard Santos**: e a reinvenção da Bahia. Rio de Janeiro: Versal, 2013.

ROCA, Andrea. A vida social de um emblema nacional: o caso do sabre do general José de San Martín (1778-1850). **Mana**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 121-149, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/mana/a/4WZF44DLjFrymKvngxcMyDx/?lang=pt>>. Acesso em: 01 ago. 2021.

SCHULTZ, Theodore W. **O valor econômico da educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SILVEIRA, Julio; RIBAS, Martha (orgs.). **A paixão pelos livros**. São Paulo: Casa da Palavra, 2004.

SEREZA, Haroldo Ceravolo; MONTELEONE, Joana. Campanha do Voto nulo em 1970 foi a grande vitória da luta armada na ditadura, diz ex-guerrilheiro. **Opera Mundi**, 2015. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/samuel/40519/campanha-pelo-voto-nulo-em-1970-foi-a-grande-vitoria-da-luta-armada-na-ditadura-diz-ex-guerrilheiro>>. Acesso em: 10 set. 2021.

SOUZA, Sandra Regina Barbosa da Silva. **Ousar lutar, ousar vencer**: histórias da luta armada em Salvador (1969 - 1971). Salvador: EDUFBA, 2013.

SILVA, Edineuza Oliveira. O acervo pessoal na formação intelectual universitária. **Cadernos da Pedagogia**. São Carlos, 4 (8), p. 13-22, jul./dez, 2010. Disponível em: <http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/download/238/117>. Acesso em: 02 jun. 2021

SOTERÓPOLIS - Roberto Albergaria. **IRDEB**, Salvador, 12 de nov. de 2009. Disponível em: <<http://www.irdeb.ba.gov.br/component/mediaz/media/view/120>>. Acesso em: 30 jun. 2021.

TALEB, Nassim Nicholas. **A lógica do cisne negro**: o impacto do altamente improvável. Rio de Janeiro: Objetiva, 2021.

TOZZI, Daniel. Livros que fizeram a cabeça dos incendiários. **Cândido**, Curitiba, jun. de 2021. Disponível em: <<https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Reportagem-Livros-1968>>. Acesso em: 27 jul. 2021.